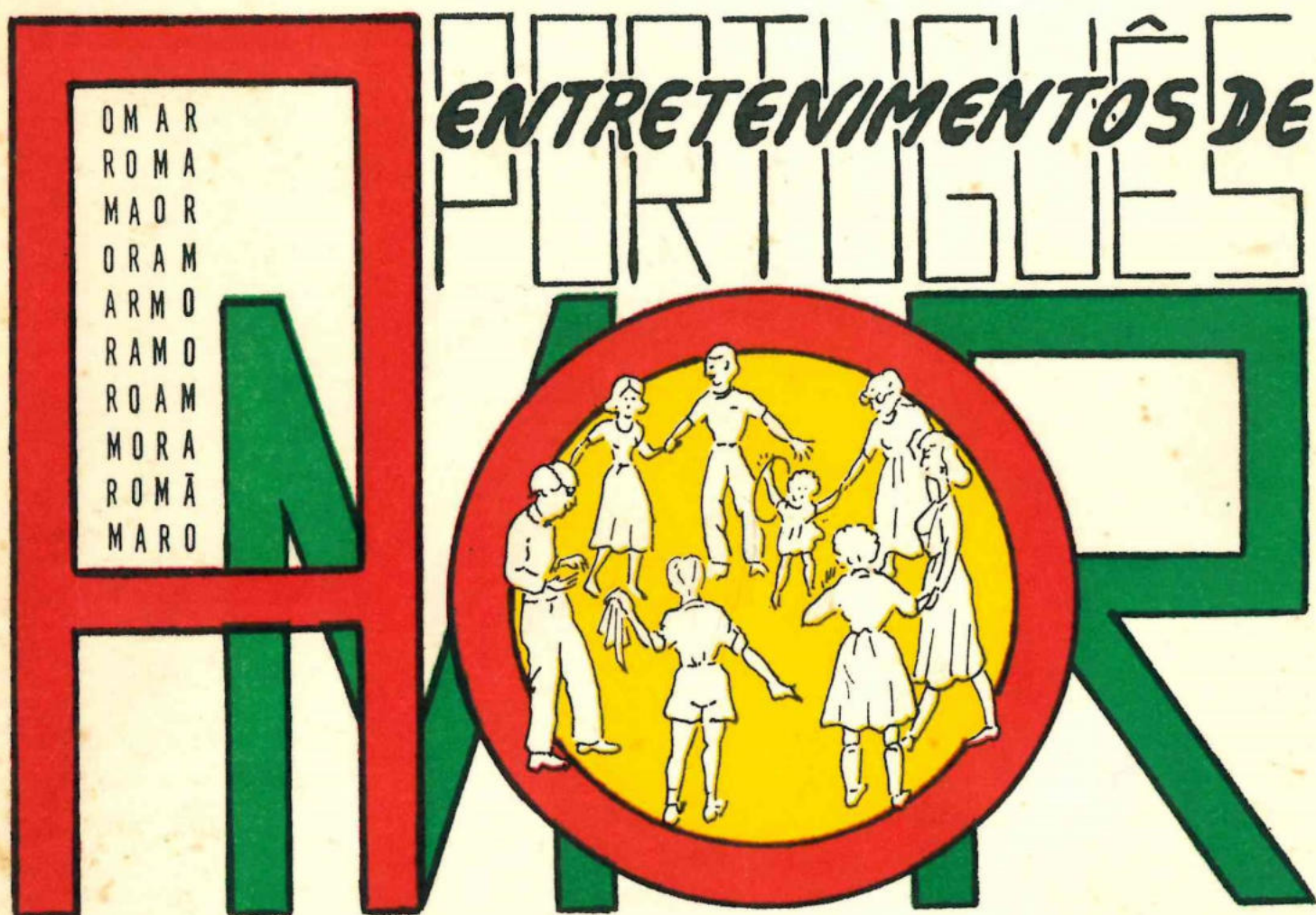


P. LINHARES
(*MARIA NÃO*)



4.3(076)

1986

A seguir:

**PROVÉRBIOS
FRANCESES
E
OS PORTUGUESES
CORRESPONDENTES**



**VERSOS: PEDIDOS
E
ESPONTÂNEOS**

**ENTRETENIMENTOS
DE
PORTUGUÊS**

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia Editora
do Minho — Barcelos, em Julho de 1986

P. LINHARES
(*MARIA NÃO*)

ENTRETENIMENTOS DE PORTUGUÊS



Barcelona
Peron.

1986

DEDICATÓRIA

*Ao Cônego António Luís Vaz,
meu Professor de Português
nos cinco anos
do Curso de Preparatórios
do Seminário de Nossa Senhora da Conceição,*

com gratidão e saudade.

*Aos meus caríssimos alunos
e às minhas queridas alunas
do Colégio de D. António Barroso,
de 1958 a 1978,*

com saudade e carinho.

A todos os verdadeiros amantes da Língua Pátria,

com carinho e solidariedade.

À LAIA DE EXPLICAÇÃO

Em Fevereiro de 1975, iniciei no JORNAL DE BARCELOS uma secção que intitulei «Cantinho de Português». Não tinha programa nem projecto definido. Passou a sair, quase regularmente, de quinze em quinze dias. Assinei com o pseudónimo de MARIA NÃO.

Porquê o pseudónimo? Porque pensava chamar a atenção dos meus alunos do Colégio de Dom António Barroso para esses artigos e não queria levá-los a pensar que pretendia «vender o meu peixe». Porque receava afugentar algum anticlerical mais fanático. Porque julguei ser melhor para despertar a curiosidade, sobretudo feminina.

E, ao menos neste ponto, fui feliz. Os curiosos proliferaram. O Dr. Vale Miranda, Director do jornal, foi sondado inúmeras vezes. Mas combináramos que o segredo ficaria entre nós dois... Muita gente se deitou a adivinhar. Pela minha parte, tive de fazer muita ginástica para não me trair. As vezes, só à última hora reparava que uma forma masculina me comprometia. E tinha de mudar o género. Umas ligeiríssimas escorregadelas talvez me tenham comprometido. E, um dia, certo colega mais perspicaz, que também fora meu aluno, atirou-me à cara: — Sr. Padre Linhares, o estilo é o homem!...

E tive de me limitar a dizer: «Ora! Ora!» e a mudar precipitadamente de assunto.

Porquê MARIA NÃO? Nem sei bem. Talvez por andar a ler, mais uma vez, o romance «Maria Mim», de Nuno de Montemor. De Maria Mim passaria a Maria Sim e, naturalmente, a MARIA NÃO...

Em Outubro de 1979, atingi o centésimo «cantinho». Achei melhor parar, mas não pus de lado a ideia de prosseguir. Faltou-me, porém, o incentivo, tanto mais que, entretanto, abandonara o ensino, por não

concordar com o rumo que a disciplina de Português, por imposições ministeriais, havia tomado.

Sabia, no entanto, haver muitíssimos leitores do *Jornal de Barcelos* a desejarem que os «cantinhos» fossem coligidos em livro e pensei também ser útil a sua publicação a outras pessoas mais. Por isso, o livro aqui está.

Precisava de um título. Optei por *ENTRETENIMENTOS DE PORTUGUÊS* (cf. os «cantinhos» 1 e 26), convencido de que a sua leitura continuará a ser um agradável passatempo. Não faltam temas interessantes e a maneira de os desenvolver raramente é fastidiosa. Em alguns assuntos as coisas foram parar muito longe, mas a culpa é... desta riquíssima Língua Portuguesa, não lhes parece?

Cada número corresponde a igual «cantinho», quase sem alteração no conteúdo e na forma, e apresenta, como novidade, a data de publicação no jornal.

A quantos se interessam ainda por estes problemas agradeço desde já as correcções, os reparos, as achegas e os esclarecimentos que houverem por bem comunicar-me.

Um agradecimento devo ao Doutor Amadeu Rodrigues Torres.

Dizer quem é Castro Gil parece-me desnecessário. Quantos andam metidos nestes assuntos conhecem-no sobejamente. Como o bom vinho, não precisa que o gabem...

Mas a sua disponibilidade para me fazer o prefácio (que tanto veio valorizar o meu humilde trabalho), as suas palavras de incentivo, a sua generosidade obrigam-me a dizer, à boa maneira portuguesa e cristã: Deus lhe pague!

Também não posso deixar de agradecer ao autor da capa, tão sugestiva e original. Chama-se Hilário Portela. Colaborador dos *Irmãos de S. João de Deus*, é um verdadeiro Artista. Enamorado da pintura, do desenho, da escultura e do artesanato, a beleza criativa brota-lhe, espontânea e em catadupas, da inteligência, das mãos e do coração. Muito obrigado!

Barcelos, 17 de Maio de 1986.

Padre João Pereira Linhares

TEORIA E PRÁTICA DA LÍNGUA

A evocação e associação espontâneas de ideias ou imagens são factos característicos da nossa vida mental que às vezes nos surpreendem em suas inesperadas ou desconcertantes aproximações, cuja motivação ou ocasionalidade, que não raro nos escapam, se tornam, ao dispensarmo-lhes acolhimento, num incentivo de pesquisa e reflexão. É o caso da epígrafe acima, a retroceder-me, num percurso alargado de tempo, ao começo do romance Os Noivos de Alexandre Manzoni: «Dos dois braços que formam o lago de Como...».

Será porque à nossa língua não faltam a pureza e limpidez dessas águas translúcidas onde os Alpes se espelham, a riqueza polícroma das suas margens enfloradas de vivendas de sonho e bosques amenos, os revérberos oirescentes da sua superfície em ondulações suaves, a profundidade variada e contrastante do seu leito plurissecular, o aroma sóbrio que impregna o ar macio das virações circundantes? Deve ser por tudo isto, na verdade; e ainda quiçá porque a ela, à mesma língua, a sustentam também dois braços iguais e solidários, que são a teoria e a prática dos sujeitos falantes e interconviventes nas águas plácidas e límpidas da sua expressão etno-sociocultural.

Mas enquanto aos braços do lago os cuidados lhes mantêm a proporção e beleza que redundam na harmonia do conjunto, aos braços da língua e a outras prerrogativas que sempre a exornaram, as últimas décadas têm-nos tratado desarticulada e desproporcionadamente, sem abrangência harmónica. Por paradoxal que se afigure, as linguísticas prejudicaram a língua ao disseminarem pelas escolas preparatórias e secundárias terminologias formalizadas, inovadoras, carecentes porém da prévia fundamentação lógico-semântica da gramática tradicional

postergada, de base intuitiva e empírico-racional como a generalidade dos conhecimentos. As novas gramáticas construíram assim castelos no ar, na esperança de que os alicerces surgissem naturalmente dos cérebros infantis, como antecedentes de consolidação, por uma espécie de horror ao vácuo. Brilhou a teorização acerca da língua, mas esta infelizmente resultou empobrecida na sua prática ou vivência global.

Faz bem, num tal contexto, deparar com uma obra em que a prática sobressai em contrabalanço das sobrevalorações teóricas. As questões circuitando o idioma e espiralando-se em formulações à volta dele, correspondem aqui, nos Entretenimentos de Português de João Pereira Linhares, outras que naquele se internam e aí se desdobram em descobertas e amostragens de interesse, mesmo para os mais instruídos. É que, se o título sugere algo meramente lúdico, na realidade aponta para um apreciável contributo linguístico-gramatical ludicamente apresentado.

Não admira. O Autor, que nas locais periódicas do Jornal de Barcelos se disfarçou sob o pseudónimo de Maria Não, tem atrás de si uma notável carreira docente. O poeta não prejudicou o mestre nem o pedagogo, antes lhes aguçou o engenho, despertou o sentido observador para além do imediato, apurou o gosto da boa linguagem, adestrou no manejo do discurso e nos segredos da sua transmissão aos discípulos.

«A falar como a escrever o difícil é ser fácil» — observou Luís Forjaz Trigueiros. João Pereira Linhares superou bem as dificuldades da facilidade, versando temas pertinentes com mestria e leveza, sem aborrecer nem complexar ninguém.

Permito-me destacar os capítulos onomasiológicos, com a sua abundância sinonímica a reprovar estrangeirismos desnecessários, enquanto indirectamente alertam para a urgência de uma Comissão de Vernaculidade solícita na cunhagem de termos que substituam tantos ultimamente chegados nas páginas das ciências mais recentes; os da prosódia, abertos obviamente ao novo acordo luso-afro-brasileiro que, protegendo a unidade da língua, não descuidará certas variantes ou diferenças menores que em nada a empobrecerão; os de palavras divergentes; os de etimologia e semântica; os de ortoépia, ortografia e pontuação, em parte imbricados nos da prosódia, transparecendo deles o desvelo pela redacção correcta e polida, cujo descuido constitui outra triste calamidade do português, que muitos professores acham ser apenas oral, asfixiando por isso a gramática da escrita em gramá-

ticas da comunicação entendidas truncadamente. E outros capítulos mais, que o leitor apreciará, mesmo dentro de alguma possível divergência de opinião.

Bem haja Pereira Linhares pela sua dedicação em prol da língua portuguesa, que, mais do que dois braços como o vetusto lago de Como com suas belezas e atractivos ímpares, tem hoje cinco braços irradiantes como de uma estrela maravilhosa iluminando e vivificando uma cultura e civilização presentes e actuates nos cinco continentes da terra.

3 de Maio de 1986.

Amadeu Torres (Castro Gil)

CANTINHO DE PORTUGUÊS

1 /20-2-75

Lembrei-me há tempos de ventilar no «Jornal de Barcelos» umas questõezinhas de Português. Estive tentada a subordiná-las ao título «Brincadeiras de Português», mas logo se me afigurou ouvir um catão a gritar: «com coisas sérias não se brinca». Por isso, optei pela epígrafe que abre esta despretenciosa secção (1).

Se me perguntarem que assuntos irei versar, não saberei responder. Sei que pretendo falar de variados temas, muito simples, do nosso idioma, de modo a despertar o interesse do leitor e a aumentar o seu amor à língua pátria.

Não tenho pruridos de erudição nem pretensões de exibicionismo.

Estou a pensar sobretudo nas minhas alunas de ontem e de hoje e nos meus alunos de sempre. A quantos me lerem, desde já, agradeço as críticas, achegas e sugestões que possam concorrer para valorizar esta iniciativa.

Para começar e como amostra, aí vai a primeira questão.

Trata-se duma palavra que vos é muito cara (e a mim também...). É a palavra «amor».

Já vos entretivestes, alguma vez, a formar, com as suas letras, outras palavras? Que conseguistes?

Se quiserdes responder-me, ficarei muito contente. Podereis endereçar a vossa correspondência à muito amiga

MARIA NÃO

(1) Esta epígrafe não aparecerá nos restantes 99 números do livro, embora se lhe mantenham as referências.

Pois é verdade! Nem uma pessoa se dignou responder-me... Já o esperava? Francamente que não. Mas compreendo essa atitude geral e vou tentar explicá-la. Por um lado, é possível que os leitores do «Jornal de Barcelos» nem tenham dado pela nova secção. Era a primeira vez que saía... Por outro lado, talvez os meus antigos alunos e alunas julgassem que as minhas perguntas eram a conhecida figura de retórica que dá pelo chamadoiro de «interrogação». Mas não, não eram. Se eu até escrevi que rejubilava com as vossas respostas... A terceira hipótese de explicação do vosso silêncio terá sido o receio de que a correspondência não me chegasse às mãos, visto não ter indicado a minha morada. Mas podeis estar seguros de que chegará: alguém, na rua de S. Francisco — 32, há-de providenciar nesse sentido...

Ninguém me enviou resposta, mas certamente foram alguns os que se debruçaram sobre o problema apresentado e facilmente formaram seis palavras com as letras de AMOR: ROMA, RAMO, MORA, ARMO, ORAM e ROAM, não é assim?

Algun mais perspicaz, com um til, arranjou também a palavra ROMÃ.

Outro, ainda lembrado das formas divergentes de MAIOR, até registou a popular MAOR, não foi?

E quem achou as palavras OMAR e MARO?

A primeira é o nome dum célebre califa dos Muçulmanos, que conquistou a Pérsia, a Síria e o Egipto e foi acusado de incendiar a rica biblioteca de Alexandria, sob pretexto de que ela guardava obras contrárias à fé maometana, não é verdade? A segunda é o nome duma planta aromática e medicinal da família das Labiadas, não sabéis?

E, já que falamos em formas divergentes de MAIOR, aí vai a 2.^a questão:

Quais são elas, precisamente?

Com alvoroço, aguarda a vossa resposta a sempre amiga

MARIA NÃO

Alguns dos meus leitores perguntaram o que vêm a ser «formas divergentes». Um ou outro confessou que já ouvira falar disso, mas agora não se lembrava. Houve quem comentasse, alegre e triunfante: — Ah! ainda me recordo... Divergentes são as palavras que provêm do mesmo étimo, i. é., da mesma palavra latina que lhes deu origem (ou doutra língua, acrescento eu, pois temos vocábulos portugueses que vieram do grego, do hebraico, do francês, etc., etc.). E continuou: — Nunca mais me esqueço de a minha professora de Português dizer que o étimo latino mais fecundo era «planum», pois dele nos vieram: plano, plaino, chão, prão, porão, piano e lhano...

Eu completaria, dizendo que os dois últimos nos chegaram através do italiano e do espanhol, respectivamente, e que a forma «prão» é arcaica (quer dizer, deixou de se usar). E, desde já, prometo que voltarei a falar deste assunto das palavras divergentes, por o achar interessantíssimo e muito instrutivo.

Já é tempo, porém, de revelar a resposta à 2.^a questão, a saber: Quais as formas divergentes, fonética ou semanticamente, de «maior»?

São apenas estas: major, maor, mor.

Todas provêm, como «maior», do étimo latino «majorem», acusativo de «magnus, a, um» (que significa «grande»), no grau comparativo.

A primeira passou a substantivo e designa um posto na hierarquia militar. É patente que fica entre capitão e tenente-coronel, não é verdade? A segunda é uma forma popular, de muito uso cá do Norte. A terceira é usada sobretudo como segundo elemento de palavras compostas por justaposição (capela-mor, sargento-mor, etc.).

Finalmente, aí vai a 3.^a questão (muito semelhante à 1.^a, lembra-te ainda?): (1)

Sempre com as mesmas cinco letras, que onze palavras se poderão formar?

Fica à espera das vossas respostas a amiga de sempre

MARIA NÃO

(1) No jornal faltou o ponto de interrogação.

Antes de mais nada, quero agradecer à Maria do Rosário a resposta e, sobretudo, os cumprimentos e votos que me enviou, logo a seguir ao 1.º «Cantinho de Português». (Francamente, não me lembro de nenhuma aluna minha que se chamasse Maria do Rosário, mas, é claro, qualquer pessoa, com esse nome ou outro, podia responder à minha pergunta, apresentar cumprimentos e formular votos... E a minha obrigação é agradecer, como agora faço, pedindo desculpa do meu atraso).

Em relação ao 3.º «Cantinho», vou fazer uma pequena correcção. No original, havia um ponto de interrogação, antes de fechar o último parêntese. O compositor (aliás muito cuidadoso) esqueceu-se desse sinal de pontuação, e foi pena, embora não tenha importância de maior... (Mas que pontuar bem é muito importante hei-de mostrá-lo dentro de pouco tempo...).

Vamos agora à questão aí apresentada:

Sempre com as mesmas cinco letras, que onze palavras se poderão formar?

Ninguém me respondeu.

Alguém terá replicado:

— Mas quais são essas cinco letras? Na primeira questão (lembro-me ainda), era-nos dada uma palavra, a palavra «amor», para com as suas letras compormos outras palavras, e assim conseguimos juntar mais dez. Desta vez, a Maria Não esqueceu-se de nos indicar uma palavra com cinco letras, para arranjarmos as outras dez...

Não me esqueci, não. Por um lado, pretendi aguçar o vosso engenho, apresentando uma questão mais difícil do que a primeira. Por outro, como só sei de um caso de cinco letras que podem constituir onze palavras, desejava enriquecer-me com algum de vós que porventura conhecesse outros. É que eu também preciso de aprender...

Não quero, no entanto, que vos canseis demasiado a resolver o problema. Mas também não o vou deixar resolvido já. Prefiro torná-lo apenas mais fácil, para vos dar o ensejo e o prazer de o solucionardes, está bem?

Então aí vai o que fica a ser a 4.^a questão:

Com as letras da palavra «SALVE!», que outras dez palavras se poderão armar?

Aguarda as vossas respostas (na rua de S. Francisco — 32), com o entusiasmo de sempre, a sempre amiga

MARIA NÃO

5 / 8.5.85

O «cantinho» anterior mereceu algumas respostas que me chegaram às mãos.

Quero destacar as palavras amigas da Maria do Rosário, que, antes de acertar em cheio na solução desejada, diz do seu interesse pela secção e lamenta que nem todos correspondam ao meu esforço no sentido de proporcionar «tão útil, como divertido, ensinamento». Obrigadinha! Desejo agradecer igualmente os parabéns enviados pelo bairrista Porfírio Graça Machado. Se não me engano, é o «Firinho» das grandes jornadas do Gil Vicente e da euforia barcelense. (Eu não me alheio totalmente do futebol e até vou ver alguns desafios, quando a canalhinha mo consente). Outra carta deveras estimulante vem-me de pessoa que imediatamente percebo ser ilustrada, com as onze palavrinhas muito bem escritas. Há, porém, uma missiva que me trouxe uma satisfação especial, como facilmente compreendereis, e que passo a transcrever.

«Querida MARIA NÃO
SALVE!

Quando fores a ELVAS, mostra o que VALES. LEVAS um SÁVEL capaz de fazer com que teu primo VALSE de contente, à luz de muitas VELAS, como preto na SELVA. Desculpa lembrar-te que o LAVES bem, para que, mais uma vez, a tua fama se SALVE.

Teu tio muito amigo
Joaquim ALVES»

Então que tal?

Aí estão, todas com maiúsculas, as onze palavras que se escrevem sempre com as mesmas cinco letras, não é assim?

Desnecessário será advertir que «velas» também pode ser uma forma verbal e «vales» e «levas» podem ser substantivos no plural.

Agora, vou tornar às formas divergentes, na sequência do que prometera no 3.º «cantinho», publicado em 3 de Abril.

Antes de pôr a questão, talvez seja vantajoso recordar que se chamam populares as formas divergentes que maiores transformações fonéticas sofreram no decurso dos tempos e, por isso, mais se afastam do seu étimo, ao contrário das eruditas, que geralmente não passam do aportuguesamento do vocábulo de origem.

Dito isto, aí vai a 5.ª questão:

Quais são, respectivamente, as formas divergentes fonética ou semanticamente populares das eruditas seguintes: arbítrio, capital, fluxo, artículo, intróito, Juliano, clavícula, pleno, maturar, cúmulo, plicar e ministério?

Aguarda as vossas respostas (e outrossim as vossas perguntas, dúvidas, sugestões e achegas) a sempre dedicada

MARIA NÃO

6/22.5.75

Até ao momento em que alinhavo mais este «Cantinho», não recebi qualquer resposta ao anterior. Como não posso esperar, visto pretender que a secção saia quinzenalmente, para criar um hábito em quem se vai interessando por ela, passo imediatamente a indicar as formas divergentes populares das eruditas que propusera.

Assim:

arbítrio
capital
fluxo
artículo

alvedrio e alvedorio
cabedal e caudal
froixo e chocho
artigo e artelho

intróito	entrudo, entruido e antrudo
Juliano	Julião e Jião
clavícula	chavelha, cravelha e caravelha
pleno	cheio e preio
maturar	madurar e medrar
cúmulo	cômore e combro
plicar	pregar e chegar
ministério	mister e mester

Poderia aproveitar o ensejo para indicar a evolução fonética a partir do étimo latino, mas, como o Latim foi, há muito tempo já, banido praticamente do Ensino Secundário, e não é provável que as coisas mudem, também nisto, para melhor, fico-me por aqui.

Na esperança, porém, de que haja quem goste de se entreter com este assunto, vou apresentar mais uma mãozada de formas eruditas, a saber: área, átrio, clave, décima, delicado, estuário, invólucro, lucro, másculo, sigilo e vetar.

E a 6.^a questão, evidentemente, é esta:

Quais são as respectivas formas divergentes por via popular?

Fica à espera das vossas respostas a muito amiga

MARIA NÃO

7 / 5.6.75

Disse eu, no «cantinho» anterior, que ninguém me havia respondido ao n.º 5. Dias depois, porém, chegou-me uma carta, assinada por VALDEVINOS. (É curioso e estranho que posteriormente me tenha vindo às mãos a resposta ao «cantinho» 4, assinada pelo mesmo, com todas as palavras que é possível formar com as letras de SALVE, a qual foi entregue pessoalmente na redacção, pois vinha sem selo. Francamente, não percebo mesmo nada...).

As palavras que o interessado leitor conseguiu formar estão um pouco incompletas, mas a sua resposta deu-me mais satisfação do que a outra completa, não obstante as palavras amabilíssimas com que me mimoseia. É que VALDEVINOS me apresenta duas palavras que

nunca me tinham passado pela cabeça como formas divergentes de *fluxo* e *clavícula*, respectivamente *flux* e *cavilha*.

Quanto à primeira, verifiquei agora, o Dicionário de Francisco Torrinha dá-a como proveniente do lat. *fluxus*, e o Dicionário Português de Almeida Costa e Sampaio e Melo, da Porto Editora, Ld.^a., também a considera vinda do lat. *fluxu* (pelo fr. *flux*?); por sua vez, o grande etimologista brasileiro Antenor Nascentes julga-a forma apocopada de *fluxo* (portanto, divergente) e diz que A. Coelho a deriva do lat. *fluxu*.

Marque lá três tentos, seu Valdevinos (que não o é!), e obrigadíssima pela sua achega...

Quanto a *cavilha*, o caso é ainda mais sério. Também os dicionários Torrinha e Editora a dão como proveniente do lat. *clavícula*. Antenor Nascentes diz textualmente: «Do prov. (entenda-se *provençal*) *cavilha*, do lat. *cavucula*, por *clavícula*, dim. de *clave*, chave (M. Lubke, REW, 1979. Cf. *Chavelho*, *cravelha*. Cortesão preferiu derivar de *caviglia*. Lokotsch deriva do ár. *kabila*».

A mim custa-me a aceitar que o grupo inicial *cl* se reduza a *c*, pois não conheço um único caso em que isso aconteça. (Mas quem sou eu?...). É claro que já estou a ouvir algum(a) leitor (a) mais atento (a) a dizer-me:

— Mas então como formou *caravelha*?

Não me apanhou em contradição. É que *caravelha* formou-se a partir de *cravelha*, onde se interpôs um *a* entre o grupo *cr*, proveniente de *cl* (fenómeno fonético que dá pelo nome arrevesado de anaptixe).

E, já agora que estamos com a mão na massa, vou transcrever do citado Antenor Nascentes:

«*Chavelha* — De *chave* e suf. *elha*, pois *cl* inicial não dá *ch* em sílaba átona (M. Lubke, *Gram.* 1 § 421). A. Coelho tira também do lat. *clavícula*».

Permito-me discordar do preclaro etimologista. E tenho por mim, pelo menos, os mestres Rodrigo de Sá Nogueira e José Joaquim Nunes. Aliás, Antenor Nascentes contradiz-se, ao dar como étimo de *chamar* o lat. *clamare*.

Veja lá, Valdevinos, nas que me meteu!... Nada menos que a valdevinar (o neologismo é meu) «por caminho tão árduo, longo e vário... por alto mar, com vento tão contrário, que... hei grande medo que o meu fraco batel se alague cedo», como dizia o Épico. Mas mar-

que mais três tentos e obrigadinha! Pode crer que os problemas suscitados pela sua resposta me deram um grande prazer, aabençoar a hora em que resolvi iniciar esta secção, não acredita?

E, como este já vai longo, nem sequer proponho nova questão nem respondo à anterior, tanto mais que aguardo ainda alguma resposta e, por que não?, qualquer esclarecimento de pessoas sabidas.

Com muita amizade,

MARIA NÃO

BIBLIOGRAFIA:

- a) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, por Antenor Nascentes, Rio de Janeiro, 1932.
- b) *Dicionário de Português*, por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, 3.^a edição, Porto Editora, L.da.
- c) Dr. José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, 5.^a edição, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1956.
- d) *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, por Francisco Torrinha, segunda edição, 5.^o milhar, 1931, Livraria Simões Lopes, Porto.
- e) Rodrigo de Sá Nogueira, *Curso de Filologia Portuguesa*, I parte, Noções Gerais e Fonética Histórica, Lisboa, 1932.

8/19.6.75

Mais uma vez, tive a satisfação de receber carta de VALDEVINOS, com as suas soluções ao n.º 6. Respondeu bem, na maior parte dos casos. E, se estivesse mais enfarinhado em fenómenos fonéticos, acertaria em mais dois. Bastava ter presente que a terminação «ário» dá popularmente «eiro». É que a tónica atrai para junto de si a semivogal «i» (fenómeno que os técnicos chamam «hipértese»: ário → airo). Depois a palatal «i» assimila incompletamente a central «a», transformando-a na palatal «e»: airo → eiro. Está a ver?

E agora aí vai a resposta à questão n.º 6, que saíu no jornal de 22 de Maio.

Formas eruditas	Formas populares
área	eira
átrio	adro
clave	chave
décima	dízima
delicado	delgado
estuário	esteiro
invólucro	embrulho
lucro	logro
másculo	macho
sigilo	selo
vetar	vedar

Como este assunto das palavras divergentes parece não ter caído muito bem no goto dos leitores, vou pô-lo de parte, ao menos por agora, e propor uma questão mais simples e talvez mais interessante, sobretudo para os menos eruditos. É a seguinte:

Quais são as palavras de, pelo menos, três sílabas, que se lêem igualmente do fim para o princípio como do princípio para o fim? (Podíamos chamar-lhes «capicuas», não é assim?).

Como sempre, aguarda as vossas respostas e sugestões, dúvidas e achegas a muito dedicada

MARIA NÃO

9 / 17.7.75

O «cantinho» de 19 de Junho não mereceu qualquer intervenção. Pelo menos, à hora em que escrevo, nada me chegou às mãos. É natural que muita gente ande ocupada e preocupada com este fim do ano escolar. Uns em exames e passagens, outros com passagens e exa-

mes. Também eu estou metida nestas andanças e em bolandas com a minha canalhinha.

A questão proposta não oferecia dificuldades de maior. Eu bem sei que palavras «capicuas» de duas sílabas são às dezenas, talvez umas oito. Mais de vinte escrevem-se apenas com três letras. Com cinco letras há mais de quarenta e quemquer apresentaria facilmente três dúzias delas. Com quatro e seis letras talvez alguém arranje uma dezena. Agora, palavras de três sílabas, autênticas «capicuas», já são mais raras. Como encontrá-las?

Antes de mais, é preciso ter bem presente que as nossas palavras podem terminar por qualquer das vogais e por algumas consoantes, relativamente poucas (só conheço três — m, r e s — capazes de formarem capicuas).

Posto isto, quem não está habilitado a descobrir *arara*, *autua*, *aviva*, *matutam*, *reviver*, *sararas*, *somamos*, *sopapos*?

E quem me envia mais alguma para a colecção?

E quem me arranja «capicuas» de duas sílabas, com quatro letras? E com seis?

Mas a questão que vou deixar hoje ao vosso especial cuidado e à vossa paciente consideração é esta:

Quais são as palavras de quatro sílabas que se lêem igualmente do fim para o princípio como do princípio para o fim?

Fica à espera das vossas respostas (na rua de S. Francisco — 32) a sempre dedicada

MARIA NÃO

10/31.7.75

Acabo de receber uma carta que não resisto à tentação de transcrever na íntegra. (Diz-se que as mulheres são visceralmente vaidosas. Eu também devo ser...). Reza assim:

«Ex.ma Senhora

Chegou-nos às mãos um artigo assinado por Maria Não sobre assuntos de Língua Portuguesa, inserto no «Jornal de Barcelos».

A Direcção da Sociedade de Língua Portuguesa regozija-se com este facto e só lamenta que não haja muitas mais pessoas que publicamente prestem esclarecimentos sobre a nossa língua.

É ela, entre nós, o principal meio de comunicação. Tem, por isso, de ser estudada, conhecida e acarinhada, de modo que todos a usem com acerto para nos entendermos com facilidade.

Continue, Maria Não, com o seu trabalho. Os resultados poderão não ser imediatos, porém, muita coisa permanecerá para frutificar só em futuro distante.

O seu estilo simples, claro e familiar, conquistará facilmente o leitor. Não desista.

A direcção da Sociedade de Língua Portuguesa põe os seus serviços ao dispor de Maria Não e aproveita o ensejo, se nos permite, para dar as suas achegas:

a) Não nos parece bem dizer *interessado leitor*. Parece influência da sintaxe inglesa. Achamos preferível *leitor interessado*. A não ser que deseje distanciar os dois tt...

b) *Cavilha* vem do provençal *cavilha*. Portanto, neste caso, o grupo inicial *cl* latino não deu *c*;

O provençal é que vem do latino.

c) *Flux* vem realmente de *fluxo*. Deu-se a apócope do *o*.

Enviamos algumas propostas de inscrição de sócio para o caso de conhecer alguém que deseje fazer parte do corpo associativo da Sociedade de Língua Portuguesa.

Subscrevemo-nos com muita consideração, e desejamos que o seu trabalho conquiste o público.

O Director do Departamento de
Ilustração de Língua Portuguesa
Dr. José Neves Henriques»

É evidente que estou cheia de nove horas e agradeço muito ao Sr. Dr. Neves Henriques a sua cartinha — amável, generosa e estimulante — como um sincero: Bem haja! Quem dera se venham a realizar os votos e previsões de tão ilustre Professor.

Posto isto, continuemos.

Em resposta ao cantinho n.º 8, recebi uma carta de Eva Dolvins, com três capicuas que eu ainda não tinha registado: Arieira, sairias e aramara. Nem calcula como lhe estou grata!... Se surgissem outras Evas, outros Valdevinos, outras Marias do Rosário, como isto recrudesceria de interesse...

E agora lá vai o que tenho sobre as questões formuladas:

- a) Capicuas de duas sílabas, com quatro letras: assa, erre, esse e osso;
- b) Capicuas de duas sílabas, com seis letras: serres, sesses, sossos e marram;
- c) Capicuas de três sílabas (além das que referi no cantinho n.º 9): adida, amima, anona, saías e sururus;
- d) Capicuas de quatro sílabas: adamada, anilina, aramara, Arieira, merecerem e sairias.

Uma nova questão que hoje vos proponho é a seguinte:

Quais são os substantivos com que se pode exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão»?

Com a amizade de sempre, espera as vossas respostas a toda vossa

MARIA NÃO

11 / 14.8.75

A carta recebida, e transcrita no «cantinho» anterior, do Dr. José Neves Henriques, tem-me dado que pensar. O Director do Departamento de Ilustração de Língua Portuguesa, da emérita Sociedade de Língua Portuguesa, com um Boletim bimestral, que já tem 26 anos de vida fecunda, ao serviço do idioma pátrio, a encorajar a humilde autora desta despretensiosa secção e a oferecer-lhe os préstimos da referida Sociedade!... só porque alguém lhe enviou um número do «Jornal de Barcelos» em que vinha um «cantinho de Português».

E tantos Professores dos estabelecimentos de ensino cá da terra, a quem o Director do Jornal teve o cuidado de mandar, há tempos, alguns exemplares, com «cantinhos» diversos, num contraste significativo, todos remetidos a um silêncio chocante!... Nem uma achega, nem um comentário, nem uma sugestão, nem nada! Eu bem sei que os Professores de Português têm muito em que pensar, e «de minimis non curat praetor»... Mas deixemo-nos de lástimas, tanto mais que, como dizia o optimista Dr. Neves Henriques, «os resultados poderão não ser imediatos».

Passando a responder ao «cantinho» de 31 de Julho, eis alguns substantivos com que se pode exprimir a ideia de «bater em alguém servindo-se da mão»:

Banano, bofetada, bolachada, borracho, cachaço, chapada, estalo, lambada, lamparina, lostra, mosquete, murro, palmada, panásio, pancada, safanão, sapatada, sopapo, soco, tabefe, tapa-olhos, taponar, tento...

Só há estes? Evidentemente que não. Talvez outros tantos conheço eu. Se não os refiro hoje, é para vos deixar o prazer de serdes vós a descobrires mais alguns. Valeu? Entretanto, também pode aparecer alguém a indicar-me outros que eu ainda não tenha registado... Quem dera!

Desde já quero prevenir que alguns destes substantivos são autênticos provincianismos e outros não passam de termos de gíria e de calão.

Como sempre, aguarda ansiosamente as vossas respostas a muito dedicada

MARIA NÃO

12 / 11.9.75

Os dois cantinhos anteriores ou não foram lidos por ninguém, com o mínimo de interesse, ou houve quem, ao menos mentalmente, encontrasse muitos dos substantivos apropriados para exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão». Sobretudo ao lerem o n.º 11, depois de repararem nos 23 que indiquei, não faltou quem imediata-

mente dissesse com os seus botões: «eu também conhecia estes quase todos». Penso mesmo que alguns de quantos ainda têm a pachorra de lerem esta secção (e algumas de quantas) até se recordaram logo de muitos outros. Não terá sido assim?

Mas o certo é que, até hoje (e não posso esperar mais, para que, da minha parte, se mantenha a regularidade quinzenal dos «canti-nhos»), não recebi qualquer resposta. Por isso, cá estou eu a responder, ou melhor, a completar a resposta à questão.

Ora vejamos! Quem não conhece: bife, bilhardo, bilhete, bisca, bofetão, bofete, bolacha, bolacho, bufardo, directo, esquerdo, estalada, lapada?

Mais?!... Pois, mais: moleque, pinhão, punhada, solha, sorvete, tapa-boca, sacão.

Que farturinha, Santo Deus!...

Ainda haverá outros? É possível... E quanto agradecia se alguém mos indicasse!

Apetecia-me passar já ao que julgo ser o segundo conjunto mais numeroso de palavras sinónimas. Acho, no entanto, mais didáctico pôr outra questão, porque mais relacionada com a anterior e dela nascida, a saber:

Quais são os substantivos que poderíamos considerar como colectivos destes que enumerámos?

Com a ansiedade do costume, fica a aguardar as vossas respostas, achegas, sugestões e críticas

a amiga sempre ao dispor

MARIA NÃO

13 / 25.9.75

Com um atraso superior a quinze dias (é a 2.^a vez que tal acontece e, também desta, a culpa não foi dos C.T.T., pois a marca do carimbo traz bem nítida a data de 12-8-75, de Barce-

los), recebi uma carta que, alegre e vaidosamente, passo a transcrever:

«Barcelos, 11 de Agosto de 1975

Ex.ma Senhora

Tenho lido com muito interesse os seus instrutivos «cantinhos» e acho-os da maior utilidade. Continue e bem haja!

Em resposta à questão proposta no número 10, vou indicar, a propósito, os substantivos que eu já registara num caderno de apontamentos, quando andava nos primeiros anos do ensino secundário: bofetada, estalada, sopapo, bife, banano, cachaço, tapa-olhos, lampreia, mosquete, tabefe, murro, lamparina, tento, borracho, sepi-que, lambada, estalo, croque.

Foi há pouco tempo ainda que encontrei essa relação, sob o título «Sinónimos», e até propus esse assunto aos meus alunos do 1.º ano liceal. Nessa altura, com a colaboração deles, acrescentei ao elenco mais os seguintes: bilhardo, sorvete, lostra, bufardo, sapatada, panásio, directo, bisca, bolachada, bolacho, taponá, lambásio, pancada, sapeca.

Agora, ao debruçar-me sobre «os substantivos com que se pode exprimir a ideia de *bater em alguém com a mão*», pude aumentar o rol com: bilhete, bofetão, carolo, chapada, lapada, solha, safanão, sardinha, soco, pinhão, penso, punhada.

E mais não tenho. Oxalá a Maria Não ou outrem me venham enriquecer a lista.

Queira, Ex.ma Senhora, aceitar os protestos do meu muito respeito e da minha sincera admiração.

Um professor de Português

Que de lições magníficas me veio dar esta carta! Eis a primeira:

Em 14 de Agosto, saiu o «cantinho» n.º 11, em que me queixava do silêncio dos Professores cá da terra relativamente a esta secção. Afinal, «Um professor de Português» havia escrito, três dias antes, a carta preciosa que acabo de transcrever... Com que cara eu fiquei, ao verificar a minha precipitação!

Segunda lição:

Um aluno dos primeiros anos do ensino secundário a registar, num caderno de apontamentos, os sinónimos de «bofetada» e conseguir 18, alguns dos quais, até hoje, desconhecidos para mim!... Ainda haverá agora destes alunos?

Outra lição:

Um Professor (escrevo propositadamente com maiúscula) que suscita, aproveita e publica ⁽¹⁾ a colaboração dos seus alunos do 1.º ano liceal! Teremos muitos Mestres assim? Afortunado país!

Obrigadíssima, Sr. Professor!

Passemos, agora, a comparar a lista completa que me enviou o extraordinário Professor com os grupos que publiquei nos «cantinhos» 11 e 12. A primeira tem 44 substantivos; eu referi 43. O meu ilustre colega apresenta oito (carolo, croque, lambásio, lampreia, penso, sapeca, sardinha e sepique) que eu não conhecia; eu mencionei sete (bolacha, bofete, esquerdo, moleque ⁽²⁾, palmada, tapa-boca e sacão) que não constam do seu rol. Não há engano, pois não? Estamos, pois, com 51.

Calculo, pela minha, a alegria do Sr. Professor por este enriquecimento, mas ainda lha vou aumentar, como prova da minha gratidão. É que o sempre interessado Valdevinos me forneceu mais sete que eu não tinha registado (bolachão, castanha, gancho, murraça, murraço, petardo e safano) e, com data de 20/8/75, recebi, quinze dias depois, uma carta de «Pindérico» (muito obrigadinha!... e mande mais, sim?) com mais oito que não constavam do meu canhenho: casca, estampilha, galheta, lampana, lapa, latada, tapa e trolha. Entretanto, como o «cantinho» n.º 12 foi muito atrasado na Redacção ou Tipografia, tive tempo de vasculhar, descobrir e anotar (ora vejam lá!...) mais 30: biscoito, bitácula, bochechada, bochechão, bofetona, cheche, chegadinha, chuço, faite, fava-seca, galhostra, lambana, lambefe, lagosta, lanchada, limpa-queixos, lostíbia, mochinete, piparote, revés, revirão, seca, socate, soleque, sondeque, soquete, sustenido, trampesco, troca-queixos, trochada.

Chegamos, portanto, a 96. Que fartote, Deus do céu!... Quão longe estava eu de pensar, quando propus esta questão, que se atingiria tal número... Que língua riquíssima nós temos! E tantos a quererem estrangeirá-la...

Depois deste pantagruélico banquete, vamos deixar para daqui a quinze dias os colectivos de «bofetada» e numerosa companhia, está bem?

Com a amizade de sempre,

MARIA NÃO

(1) No jornal saíu *pública*.

(2) O jornal trouxe *molque*.

14^H/9.10.75

Em primeiro lugar e antes que me esqueça, quero chamar a atenção para duas gralhas que se intrometeram no último «cantinho». Na linha 44, é «publica» e não «pública» (são palavras homógrafas: a primeira é verbo; a segunda, adjectivo). Aproveito o ensejo para lembrar que há muitas homógrafas desse tipo — verbos que são palavras graves, como «distancia, principio, diligencia, ultimo, continuo, pratica, fabrica» e nomes que são palavras esdrúxulas, como «distância, princípio, diligência, último, contínuo, prática, fábrica». A outra gralha está na linha 52. Depois de «esquerdo», deve pôr-se «moleque».

Seguidamente, vou referir alguns substantivos a que chamei colectivos de «bofetada»: aquecedela, batedela, bilhetada, bordoadela, calda, camua, capilota, carga, chegadela, coça, cresta, desanda, desandadela, descasca, descascadela, disciplina, dosa, enxerto, escovadela, esfrega, esfregadela, esmola, estropiadela, folega, lenha, lombada, maçada, malha, malhadela, moedela, móia, mostarda, pancada, pancadaria, pavana, pisa, polinheira, porrada, porradaria, sacudidela, sapeca, sotaina, sova, sovadura, surra, taina, taponas, tareia, tempera, tosa, traulitada, treino, trepa, tunda, untura, zurzidela.

Advirto, desde já, que me limito a uma pequena amostra, para dar tempo a algum leitor (ou alguma leitora) de imitar o Valdevinos, que me mandou uma relação preciosa, com seis substantivos inexistentes no meu arquivo: arraial, ceplina, coçório, enxurro, molho e trolha.

Por último, tenho a satisfação de anunciar mais um «assíduo leitor» do meu «Cantinho». Assina com o pseudónimo de «Pereiró» e pede o meu parecer sobre a palavra «inculpado» no sentido de «implicado».

Gostei muito de que propusesse a questão, até porque esta secção pretende ser também uma espécie de consultório e o exemplo de «Pereiró» poderá abrir caminho a novas perguntas doutros leitores, assíduos ou não, a que responderei com muito gosto, dentro das minhas limitações. Como, porém, este já vai longo, deixo para depois a resposta. Está bem, «Pereiró»?

Entretanto, continua a aguardar as vossas cartas (na rua de S. Francisco — 32), com mais substantivos sinónimos de «pancada-ria» (com a mão),

a muito dedicada

MARIA NÃO

15 /23.10.77

Como prometera no «cantinho» anterior, vou hoje procurar responder a «Pereiró». Junta um recorte de «O Comércio do Porto», de 12 de Setembro, em que se lê, a certa altura: «..... o C. R. considera conveniente esclarecer que o ex-general continua a ser considerado como inculpado no golpe contra-revolucionário de 11 de Março...». Estranha o emprego da palavra «inculpado», «já que o prefixo *in* lhe dá o significado de *não culpado*».

É evidente que, pelo contexto, vemos ter aqui a palavra *inculpado* o sentido de *incriminado*, *implicado*, *culpado*, e é bom não esquecer que o prefixo *in* nem sempre designa *negação*, *ideia contrária*; pode indicar *movimento para dentro* como em *impelir*, *imigrar*, *incorrer*, etc.

Mas estará bem empregada a palavra «inculpado»?

Como diz «Pereiró», o Dicionário de Português de Almeida Costa e Sampaio e Melo ⁽¹⁾ dá a *inculpado* a significação jurídica de *acusado*, *a quem culpam*. Dá-lhe também o significado de *inocente*, *que está sem culpa*. Como conciliar as duas acepções?

O Dicionário Prosódico de António José de Carvalho e João de Deus ⁽²⁾ e o Dicionário Ilustrado de Henrique Brunswick ⁽³⁾ trazem igualmente os significados de *acusado* ou *incriminado* e de *inocente*. Por sua vez, Fonseca y Roquete, quer no Dicionário de Sinónimos ⁽⁴⁾, quer no Dicionário da Língua Portuguesa ⁽⁵⁾, dão à palavra *inculpado* a significação única de *inocente*.

«Pereiró» diz ainda que «no Dicionário Latim-Francês de Gaffiot, tem *inculpatus* com o significado de *não culpado*». Não me admirava nada se lhe tivesse dado o de *acusado*, porquanto o Petit Larousse ⁽⁶⁾ diz: «INCULPÉ, E n. Personne contre laquelle est dirigée une procédure d'instruction à la suite d'un crime ou d'un délit» e o Dicionário Francês-Português ⁽⁷⁾ (Os Dicionários do Povo) traz: «Inculpé, ée, adj. e s. Criminado, acusado».

O Dicionário Francês-Português de José da Fonseca ⁽⁸⁾ não tem o nome «inculpé», mas traz «Inculper, v. a. Inculpar, criminar, culpar, acusar, atribuir (a culpa)».

Por seu turno, Roquete, no Nouveau Dictionnaire Portugais-Français, tem «INCULPADO, A, adj. innocent; qu'on n'accuse point». ⁽⁹⁾

Os dicionários de Português-Latim que possuo ⁽¹⁰⁾ não trazem «inculpado», mas «inculpável» (a que se não pode atribuir culpa) *Inculpatus*, a, um, V. Inocente.

O Dicionário Latim-Português ⁽¹¹⁾ de Francisco Pedro Brou ⁽¹²⁾ tem «*Inculpatus*, a, um (sup. tissimus), irrepreensível» e o de Manuel José Ferreira ⁽¹³⁾ diz: «*Inculpatus*, a, um. Ovid. c. não culpado, sem culpa, inocente.»

Que concluir de tudo isto?

Por mim, concluo que a palavra *inculpado* não se deve usar com o significado de *acusado*, *incriminado*, *culpado*. Julgo atentar contra a vernaculidade e contra a clareza da linguagem. Cheira-me a barbarismo e envolve obscuridade.

Concorda comigo, «Pereiró»? Terei correspondido aos seus anseios? Se não, quer que apele para o Dr. Neves Henriques, da Sociedade de Língua Portuguesa?

Agora, aí vai mais uma série de sinónimos de pancadaria (com a mão), a juntar aos 62 do «cantinho» n.º 14: altabaixo, atarracadela, bateria, bolaria, bordoeira, cacedela, cachocha ⁽¹⁴⁾, carpiadela, carregadeira, chapadão, conha, desaradela, esgoda, estiba, estourada, lurta,

lúrtia, peleira, penteadela, pilota, poleadela, sefelpa, tanoa, tora, tra-lhoadá, triforfai, vareio e zurbada.

Ainda tenho mais uns dez no meu arquivo, mas deixo-os para depois, na esperança de que, entretanto, alguém me venha com mais alguns, está bem?

Com a amizade de sempre,

MARIA NÃO

(1) Pg. 824.

(2) *Diccionario Prosodico de Portugal e Brazil*, por António José de Carvalho e João de Deus. Sexta edição revista e muito augmentada, MDCCCLXXXV.

(3) *Novo Diccionario Illustrado da Lingua Portuguesa*, por Henrique Brunswick, segunda edição, pg. 655.

(4) *Diccionario dos Synonymos da Lingua Portuguesa*, pg. 165, Paris, 1848.

(5) *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de José da Fonseca. Feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado por J.-I. Roquete, pg. 593, Paris, 1848.

(6) *Dictionnaire Encyclopédique Pour Tous*, Petit Larousse, 1964, 19^e tirage, pg. 542.

(7) *Diccionario Francez-Portuguez Etimologico Prosodico e Ortografico*, 20.^a edição correcta e aumentada, pg. 441.

(8) *Novo Diccionario Francez-Portuguez*, por José da Fonseca, 1900, pg. 679.

(9) Pg. 720.

(10) *Diccionario Português-Latino*, de M. Bernardes Branco, 3.^a edição, Lisboa, 1897, pg. 580.

Diccionario Portuguez e Latino, Author Pedro José da Fonseca, quarta impressão, Lisboa: MDCCCXXXIII, pg. 361.

(11) No jornal saíu *Latir Português*.

(12) *Lexicon Latino Portuguez*, por Francisco Pedro Brou, Porto, 1890, pg. 662.

(13) *Magnum Lexicon Novissimum Latinum et Lusitanum ... Opera et Studio Emmanuelis Josephi Ferreira*, pg. 348.

(14) Eu escrevera *cachola*.

16/6.11.75

Em 10 de Outubro, foi-me entregue uma carta de António Couto Ferreira, de Viatodos — Barcelos, muito bem redigida (à parte o «desculpe a maçada», visto quem se interessa por esta secção e contribui para a valorizar, longe de maçar, só me dar prazer), com quatro palavras a juntar às 96 que exprimem a ideia de «bater em alguém com a mão»: breque, crenque, facho e pêro (sim, senhor, com acento circunflexo, por ser de tónica fechada e homógrafa de outra — «pero», conjunção arcaica — sem acentuação própria).

Muito obrigadinha, Sr. Ferreira, e posso dizer-lhe que, além da centena tão jubilosamente atingida por si, já consegui mais umas duas

dúzias, a revelar oportunamente. Até parece que somos gente de violência, como acertadamente diz o nosso amigo de Viatodos. (Não somos, não; mas alguém se afigura interessado em que o sejamos, não é assim?). Adiante!

Antes de mencionar mais sinónimos de «pancadaria» (não uns dez, como disse anteriormente, para adoçar o bico), quero referir-me a uma gralha que surgiu no último «cantinho» e me fez rir com vontade. Trata-se apenas da troca de um *m* por um *r*. Quem não deu por ela? Vem na linha 41. Em vez de «Latim-Português apareceu «Latir Português». Esta é boa! Latir Português... Até parece que o Sr. tipógrafo quis insurgir-se, da melhor maneira ao seu alcance, contra certos meios de comunicação social em que não se sabe falar Português, mas somente... (Abrenunúncio! Não acabo, não...).

E, agora, aí vai outra série de sinónimos de «pancadaria» (sem intenções de qualquer violência, nem mesmo contra esses que aliás o pacífico linotipista de maneira nenhuma pretendeu atingir): aquecedela, batedela, bordoadela, calda, capilota, chegadela, coça, cresta, desanda, desandadela, disciplina, dosa, enxerto, esmola, lenha, maçada, malha, malhadela, moedela, mostarda, pancada, pisa, póla, porrada, sacudida, sacudidela, surra, taina, taponar, tareia, tosa, traulitada, treino, trepa, trolha, tunda, zurzidela.

Quem não conhecia a maior parte destes substantivos? E quem terá a gentileza de mandar uma lista de outros mais que conheça, para a rua de S. Francisco — 32?

Muito grata, desde já, e sempre ao dispor

MARIA NÃO

17 / 20.11.75

Recebi, há semanas, a carta que passo a transcrever.

«Barcelos, 24 de Outubro de 1975

Ex.ma Senhora

Os meus respeitosos cumprimentos e as minhas calorosas felicitações pelos seus aprazíveis cantinhos. O de ontem encheu-me as medidas. Também eu me debruçara sobre o emprego da palavra *inculpado*

no sentido de *implicado*, que surgiu no cantinho 14. Concordo inteiramente com a sua resposta, agora apresentada, e tomo a liberdade da seguinte achega:

O Dicionário da Língua Portuguesa, da Sociedade do mesmo nome, traz: «Inculpado, adj. 2 gén. (do lat. *inculpatu*-). Que não é culpado; que não tem culpa; inocente; inculpável. // Obs. É galicismo na acepção de «réu, indiciado, acusado».

Bem hajam Pereiró e Maria Não pela sua luta em prol da «independência» da Língua Pátria!

Aproveito a ocasião para juntar aos 96 já indicados nos seus cantinhos mais alguns substantivos com que se pode exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão»: basanada, bate-cu, batibarba, batibarbo, cachetada, cacholeta, caldaça, caldinho, caldo, canhonaça, carolada, cartucheira, chapadão, chulipa, cocre, coquinada, croquinada, gáspea, jonada, lurda, mochicão, mochinete, nadegada, nalgada, narceja, panada, punhão, sinapismo, tanoa, trompaço, trompada, trunfo.

Se a disposição me não faltar, enviarei num futuro que desejo próximo uma relação de sinónimos de «pancadaria».

Queira aceitar, Ex.ma Senhora, os protestos do meu muito respeito e da minha sincera admiração.

Um professor de Português

Comentários ⁽¹⁾ para quê? Faça-os quem quiser. Eu limito-me a dizer: Muito obrigadinha, sr. Professor, e cá fico à espera do seu listão de sinónimos de «pancadaria».

Entretanto, também eu tive oportunidade de catar (é forma divergente de «captar», não é assim?) ⁽²⁾ ainda mais do que as duas dúzias prometidas ao sr. Ferreira no «cantinho» anterior, além de algumas já referidas na carta supra. Elas aí vão: açoite, assoa-queixos, bazanada, bebida, beijoada, bofada, bola (de tónica fechada), boléu, bolo, boxada, boxe, cachaçada, cachação, caqueirada, catraia, cerveja, chapa, chapeleta, estampa, fragatada, fife, flaqui-baqui, lamira, latada, lósbia, moscardo, pastilha, sudique, surdina e trompázio.

Chegamos assim à linda conta de 162 substantivos com que se pode expressar a ideia de «bater em alguém com a mão».

Antes de apresentar mais sinónimos de «pancadaria» (com a mão), quero pedir desculpa aos meus leitores e às minhas leitoras (sobretudo a quem tem a pachorra de os registar) de dois lapsos de que só eu fui a culpada. O primeiro verificou-se no «cantinho» n.º 15. Vem na linha 55. Onde está «cachola» devia pôr-se «cachoça». O segundo apareceu no «cantinho» n.º 16 e é muito mais grave. Quem não reparou que a série nele mencionada incluía substantivos já saídos quase todos no «cantinho» n.º 14? Apenas três eram novos (póla, sacudida e trolha), a perfazer um total de 93, aos quais vou juntar hoje os 19 seguintes: amachucadela, arrepio, bazar, boura, cacila, calmadela, calor, data, decrua, desancamento, espancamento, lambada, malagueta, poleia, tanja, trepelada, zumba, zurra e zurza.

Como este já vai longo, fiquemo-nos por aqui.

Com a dedicação de sempre,

MARIA NÃO

(1) No jornal saíu *Comentário*.

(2) No jornal saíu *não é assim*,).

18 /4.12.75

Começo por emendar o «cantinho» anterior.

Primeiro, as gralhas tipográficas: a palavra inicial, depois da carta do Professor de Português, devia estar no plural, como se infere do pronome pessoal complemento de «faça» (não é isso?); quatro linhas abaixo, antes de fechar o parêntese, em vez da vírgula, era um ponto de interrogação.

Seguidamente, vou falar dos meus erros.

O primeiro foi repetir a palavra «latada», que já saíra no «cantinho» 13.

O segundo está em contar duas vezes o substantivo «mochinete», que viera no mesmo «cantinho».

Deste modo, teríamos apenas 160 substantivos a exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão»; mas, para manter os 162, aí vão estes novos: carrolaço e coque (está certo?).

Outro erro meu foi ao emendar o «cantinho» 16, quando disse que eram três os novos (linha 50). Não eram três, não, mas somente dois, visto que «trolha» já fora referido no «cantinho» n.º 14, graças a Valdevinos.

Desta forma, o total de «colectivos» de substantivos com que podemos expressar a ideia de «bater em alguém com a mão» são cento e onze, não são?

Como desculpar tais lapsos, da minha parte?

Aliquando dormitat Homerus, dizia-se dantes na Faculdade: às vezes Homero dormita. E por que não Maria?

Finalmente, vou mudar de assunto, que não gosto mesmo nada de bater seja em quem for e parece ter assustado muita gente. (Que o digam Maria do Rosário e Eva Dolvins, que nunca mais apareceram...).

Hoje, procurarei cumprir uma promessa e faço-o, aliás, com censurável atraso, pois data do «cantinho» n.º 4 (quem se lembrará?).

Trata-se de mostrar a importância da pontuação. Fá-lo-ei por meio dum exemplo.

Reparem nas palavras seguintes:

UM FORD NÃO QUERO UM AUSTIN JAMAIS UM TOYOTA
NUNCA POR NUNCA OUTRO.

Como vêem, estão todas escritas com maiúsculas e não há qualquer sinal de pontuação.

De que se trata?

Sou eu que quero comprar um automóvel (já não é sem tempo...). Qual escolho?

Queria que os representantes destas marcas fizessem a pontuação necessária para me venderem o seu carro. Não podem acrescentar, substituir ou eliminar nenhuma palavra nem alterar a sua ordem. Ponho ainda uma condição: se eu for capaz de rejeitar os três, todos solidariamente entrarão com a sua parte, para pagarem o automóvel, da mesma categoria, que eu escolher. Entendido?

Queiram os meus leitores e as minhas leitoras fazer de conta que representam essas marcas e entrem no jogo. Não têm nada a perder, já se vê. Pelo contrário, alguma coisa ganham: aprendem a pontuar, se ainda não sabem, ou mostram a sua ciência (sem qualquer espécie de vaidade...). Está bem?

Cá fica à espera das vossas respostas (rua de S. Francisco — 32), com muito alvoroço e maior amizade, a

MARIA NÃO

Como esperava, os representantes das marcas FORD, AUSTIN e TOYOTA cá me apareceram, no primeiro dia das últimas calendas gregas. Vinham pontuar devidamente a frase UM FORD NÃO QUERO UM AUSTIN JAMAIS UM TOYOTA NUNCA POR NUNCA OUTRO, de modo a venderem-me o automóvel que representam.

Receando que não tivessem atendido bem às condições impostas, lá lhes fui repetindo que era obrigatório manter todas e só aquelas palavras, sem modificar a sua ordem. Recordei-lhes que se eu conseguisse rejeitá-los a todos, com pontuação minha, ficavam os três obrigados a pagarem-me o carro, de igual categoria, que eu escolhesse.

Julgando, talvez temerariamente, que não soubessem muita Gramática, expliquei-lhes que, visto o verbo estar na primeira pessoa do singular, não se tratava dum diálogo entre eles e mim, mas dum solilóquio — era eu a falar com os meus botões: Que automóvel prefiro? Um Ford? Um Austin? Um Toyota?

Adianta-se, todo lampeiro, o agente da Ford. Senta-se e escreve por mim:

Um FORD! Não quero um Austin. Jamais um Toyota! Nunca por nunca outro...

Levanta-se e sorri, visivelmente satisfeito.

Entra em acção o vendedor do Austin e, cheio de importância, faz uma cruz sobre o que estava escrito e põe assim:

Um Ford? Não! Quero um AUSTIN! Jamais um Toyota! Nunca por nunca outro...

Deixa a cadeira e esfrega as mãos de contente. Aproxima-se o representante da Toyota e, sem cerimónias, dá um traço na escrita anterior e redige desta maneira:

Um Ford? Não quero! Um Austin? Jamais! Um TOYOTA! Nunca por nunca outro...

Põe-se de pé e esboça um sorriso de triunfo. Entra em cena, nesse momento, corada e nervosa, a minha antiga aluna Rosa Clara. Cumprimenta-nos rapidamente. Lê com atenção o que escreveram

os outros. Faz um gesto de assentimento e, pausadamente, escreve em meu lugar, perante o olhar espantado de todos:

Um Ford? Não quero! Um Austin? Jamais! Um Toyota? Nunca por nunca! OUTRO!

Abraço-a efusiva e carinhosamente:

— Obrigadinha, Rosa Clara!...

Os três homens parecem empanzinados. Prontamente os tranquilizo:

— Parabéns, meus senhores! Todos sabem pontuar bem... E muito obrigada por terem vindo... Não fiquem para aí aflitos, que estão livres de me pagarem o carro: não viram que não fui eu quem pontuou?!... Talvez sem querer, salvou-os a Rosa Clara...

Os homenzinhos riram a bom rir e encheram-se de agradecimentos... Despediram-se e foram-se. Eu continuei em alegre convívio com a Clarinha, a falar da importância da pontuação. Haverá ainda quem a ponha em causa?!

Agora, uma questão muito diferente. É assunto de Prosódia, a saber:

Como se pronunciam as palavras seguintes ou, melhor, para resposta por escrito, são graves ou esdrúxulas as palavras que se seguem, escritas propositadamente todas sem qualquer acento gráfico: Chicago, Florida, Oceania, Salonica, Tessalonica (nomes de terras), Urano (nome dum planeta), acrobata, areopago ⁽¹⁾, aerostato, caracteres, decano, diospiro, gipsofila, leucemia, leucocito, septicemia, termostato, zenite?

Fica à espera das vossas respostas a muito dedicada

MARIA NÃO

(1) No jornal saiu *aeropago*.

Em resposta ao «cantinho» n.º 18, recebi, já depois de feito o seguinte, duas cartas. Uma é assinada por EL VIRA, que encara «todas as eventualidades», com pontuação razoável. Assina a outra Péctrus de Balugães (se bem leio...), que recomendo aos responsáveis do Austin. Muito obrigadinha a ambos, com dois pedidos ao último: 1) mande-me os termos usados nessas paragens para exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão», ainda não referidos por mim (vem sempre a tempo de me enriquecer, ainda que seja só com um...); 2) não se importa de me explicar a génese do seu pseudónimo? (Compreende e desculpa a curiosidade feminina, não é verdade?).

Relativamente ao «cantinho» anterior, não me chegou nem posso esperar qualquer resposta. Com esta semana, que não sei como designar (luso-brasileira-franco-americana?), imposta à Nação pelos C.T.T., só se os meus amigos optassem por vir «pedibus calcantibus»! (Que seria de nós, se todos seguissem o exemplo dos Correios?! Em poucos meses, estávamos condenados a morrer à fome, não lhes parece?).

Eis por que tenho de ser eu a dar a solução. Ela aí vai.

São graves as palavras Chicago, Florida, Salonica, Tessalonica, acrobata, caracteres, decano, leucemia, septicemia (pelo que não levam qualquer acento gráfico).

São esdrúxulas, e, por isso, marcadas com acento na anteúltima sílaba, as restantes: Oceânia, Sófia (Sofia, vocábulo grave, é nome de mulher), Úrano, areópago (¹), aeróstato, dióspiro, gipsófila, leucócito, termóstato e zénite.

Estou mesmo a ver algumas leitoras a abanarem a cabeça e certos leitores a torcerem o nariz, mas não sei que lhes faça e, por isso, vou propor outra série de palavras que provocam erros prosódicos, como ainda há dias ouvi nas nossas Emissoras. Ei-las, também propositadamente, escritas sem qualquer acento gráfico: aerodromo, Antioquia, ariete, arquetipo, batiscafo, ciclope, crisantemo, Dario, Gibraltar, homilia, Hungria, impio, Madagascar, Niagara, Nicosia, poliglota, rafia e rubrica.

São palavras agudas, graves ou esdrúxulas?

Com o alvoroço do costume, aguarda as vossas respostas (na rua de S. Francisco — 32) a sempre amiga

MARIA NÃO

(¹) No original voltou a sair *aeropago*.

BIBLIOGRAFIA:

- a) Artur Bivar, *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*, 1.º e 2.º volume, Edições «OURO» L.da, Porto, 1958.
- b) *Dicionário da Língua Portuguesa*, Coordenação de José Pedro Machado, 1958.
- c) F. J. Cardoso Júnior, *Em Prol da Língua Portuguesa*, Como falar... Como escrever... 1.º e 2.º volume, PORTO EDITORA, L.da.
- d) *Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa*, Academia das Ciências de Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1947.

21 / 22.1.76

Estava a julgar que doravante ninguém responderia aos meus «cantinhos». Pensava que os meus leitores e as minhas leitoras se integrassem no regime de austeridade imposto ao país e comesçassem a reduzir as despesas. E então com mais um aumento nas tarifas dos correios!... (A mim o que mais me custa é verificar terem os serviços descido de eficiência na razão inversa das subidas tarifárias. Já fomos considerados como dos melhores do Mundo neste sector; agora, é o que se tem visto...).

Qual não foi, porém, o meu espanto, ao receber duas cartas em resposta ao «cantinho» n.º 20!...

Uma veio de Viatodos, do já conhecido Couto Ferreira, e não há nada a corrigir. Parabéns, amigo, e muito obrigadinha!...

A outra chegou de Lisboa e deu-me uma satisfação especial, como é de calcular. O moço que a subscreve (não se admirem de o tratar assim, pois só tem 16 anos) identifica-se completamente, mas não quer que lhe ponha o nome no jornal (ele lá sabe porquê; talvez por modéstia); prefere o uso dum pseudónimo, que «pode ser Sócrates». Vive em Lisboa e é «estudante do 7.º ano de Germânicas» (ora vejam lá!...). Está muito ligado a Barcelos e seu pai começou a assinar o *Jornal de Barcelos*, «um jornal muito monótono de ler». Um dia

deu pelo «Cantinho de Português», uma secção muito bem escrita e estruturada, e, a partir daí, nunca mais pôde deixar de ler essa secção, que se tornou a única razão por que lia o jornal. (Com que vaidade eu refiro estas afirmações do Sócrates!... Pois, pudera! E só não vou mais longe para não me alongar demasiado e não me chamarem mesmo vaidosa...).

Relativamente às suas considerações, quero apenas dizer-lhe que o facto de haver quem diga doutra maneira não significa estar salva a Prosódia: uma coisa é como se diz, e outra, como se deve dizer.

A minha resposta ao cantinho n.º 20 é como segue.

Das palavras então referidas, só Gibraltar é aguda; não leva acento gráfico na última sílaba, por terminar em «r».

Sete vocábulos são graves: Antioquia, ciclope, Dario, Hungria, Madagáscar, poliglota e rubrica; apenas é acentuada graficamente, na penúltima sílaba, a que termina em «r».

Homilia é também grave, mas o Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa (Academia das Ciências de Lisboa) admite, em Portugal, a variante *homília*.

Ímpio, palavra esdrúxula e, por isso, com acento agudo na primeira sílaba, significa «que não tem respeito a Deus ou às coisas sagradas; irreligioso».

Impio, sem acento gráfico e, portanto, vocábulo grave, significa «que não tem piedade; desumano, cruel, bárbaro».

Todas as outras palavras são esdrúxulas e, conseqüentemente, têm acento gráfico na antepenúltima sílaba (agudo, se a tónica é aberta, ou circunflexo, se fechada, como toda a gente sabe): aeródromo, aríete, arquétipo, batíscafo, crisântemo, Niágara, Nicósia e ráfia.

Aproveito o ensejo para agradecer também ao Sócrates o reparo que fez ao vocábulo «aerópago», que saiu nos «cantinhos» 19 e 20. Tem toda a razão. Tal palavra não existe. Foi lapso meu, que não gralha tipográfica. O que eu queria e devia escrever era «areópago», mas, ao registá-la, estava já a pensar na seguinte (aeróstato) e escrevi o «e» antes do «r». É aquilo a que eu chamaria uma antecipação mental (digo bem, senhores psicólogos?).

E, agora, passo a nova questão, que envolve outras partes da Gramática, além da Prosódia:

¿São correctas as formas: álibi, ambrosia, autóbus, bébé, blas-

fêmia, campeã, constrangiu, Ernâni, exitam, êxito, exodo, expontâneo, fisiocrata, ilucidar, impúdico, intervído, interviram, júniores e péritos?

Conta com as vossas respostas (que podem ser entregues por mão própria, na rua de S. Francisco — 32) a amiga sempre ao dispor

MARIA NÃO

BIBLIOGRAFIA:

Vide «cantinho» 20.

22 / 5.2.76

Começo por transcrever uma carta que recebi, sem emendar o que quer que seja:

«Ilustríssima Senhora

Respeitosos cumprimentos

Li o n.º 20 do seu «Cantinho de Português».

Respondo como é seu desejo, aclarando a génese do meu pseudónimo.

Não sou padre nem sou Pedro.

Sou calvo e nasci em Balugães.

Eis porque adoptei o presente pseudónimo.

Quanto aos termos usados nestas paragens para exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão» envio-lhe, nesta carta, uma «mão cheia» de — fruta madura — que define bem a tal ideia.

— Ameixa, pêra, castanha, cereja e diospiro.

Com muito respeito e simpatia

Pétrus de Balugães

16 de Janeiro de 1976».

Quem percebeu este brincalhão? Parece-me que não é nada peco... Estou mesmo tentada a pensar que até sabe Latim. Enganar-me-ei?

Vou dizer como raciocinei.

Pelo facto de saber a língua de Cícero, não quer que se conclua que é padre. (E os padres de agora ainda sabem Latim?)...

Como não é Pedro, não adoptou Petrus.

Visto ser calvo, não precisa de pente (lat. *pecten*).

Aproveitou o princípio de «pecten» e o fim de «Petrus», e formou «Péctrus». Dei no vinte? Não?! Então, bolas!...

De qualquer maneira, muito obrigadinha, sobretudo pelos cinco substantivos («castanha» já fora mencionado) a indicar a ideia de «bater em alguém com a mão», que vêm aumentar a lista para 166 (quem se lembra ainda?).

Agora, aí vai a resposta ao «cantinho» anterior.

Das palavras propostas, a segunda tem duas formas correctas: ambrosia e ambrósia, tanto se pode usar a grave como a esdrúxula.

São correctas as formas: álibi, autóbus, campeã (não *campeona*, como se vê em alguns jornais desportivos), êxito e fisiocrata.

Incorrectas são as restantes, que devem ser corrigidas para: bebé, blasfémia, constrangeu (o verbo é do tema em «e» — *constranger*), Hernâni, hesitam (o erro talvez provenha da confusão com «êxito»), êxodo, espontâneo, elucidar (o erro é frequente nos semanários cá da terra), impudico, intervindo (composto de «vir», em que o particípio e o gerúndio têm a mesma forma — *vindo*), intervieram (¿ confusão com a parónima «entreviram» — composta de «ver»?), juniores (com a tónica «o», como em *seniores*) e peritos.

Finalmente, nova questão, à espera das vossas respostas:

¿ São abertas ou fechadas as vogais tónicas dos nomes seguintes: acesso, acordos, Aljubarrota, bolsos, bordos (de feridas, por exemplo), coches, crostas, desportos, ileso, interesses, iodo, Julieta, perca, perda, redor, teor, termas e tronos?

Com a amizade de sempre,

MARIA NÃO

BIBLIOGRAFIA:

Vide «Cantinho» 20.

23

/19.2.76

Francamente, não sei (e até gostava de saber) como se processa a admissão dos locutores para a nossa TV. Que habilitações lhes são exigidas? Fazem algum exame prévio? São preparados para a lei-

tura dos noticiários? As notícias são redigidas por eles? (A hesitação, tantas vezes, manifesta e a certeza que nos deixam, muitas outras, de não estarem a perceber o que lêem levam-me a concluir pela negativa).

Seja como for, é evidente que, em geral, os locutores da R.T.P. (e as locutoras) deixam muito a desejar...

Foi a pensar neles que, na questão formulada no último «cantinho», sobre nomes de tónica fechada ou aberta, algumas das palavras foram incluídas. Outras foram-no por causa de outros indivíduos, também com grandes responsabilidades perante o público, que cometem os maiores atentados contra a Prosódia e induzem em erros os menos preparados.

É claro que sabemos desculpar outras pessoas, obrigadas ou surpreendidas a falar em público, como elementos de Comissões de Moradores, representantes de Sindicatos, membros de Associações de Trabalhadores, camponeses, pescadores, operários, rendeiros, etc. Mas, agora, Senhores Doutores, Engenheiros, Advogados, Professores, Secretários e Ministros, a pronunciarem mal qualquer palavra de uso corrente, isso é que nos custa ouvir.

Não fiquem, no entanto, a pensar que desejo ferir seja quem for, pois, se pretendo que numa Senhora não se bata nem com uma flor, também não tenho o direito de tocar em ninguém, mesmo com uma pluma...

E vamos à questão proposta.

São abertas as vogais tónicas dos nomes: acesso (está a ver, Raul?), bordos (com tónica fechada são o nome de certas árvores), desportos, ileso (é consigo também...), iodo, perca, redor, termas.

Têm tónica fechada os seguintes: acordos (é aberta a tónica em *acórdãos* e daí virá o erro de tantos Ministros), Aljubarrota, bolsos, coches, interesses (de tónica aberta é no verbo «interessar»), Julieta, perda, teor (é forma divergente de «tenor» — sabia, Fernando?) e tronos.

Crostras pronuncia-se vulgarmente com a tónica fechada, mas usa-se também a variante aberta.

Por causa de *teor* e de *tenor*, lembrei-me agora de voltar a uma questão de que já tratei nos primeiros cantinhos (quem se lembrará ainda?).

Quais são as formas divergentes, mais ou menos populares, das eruditas que seguem: aurífice, auscultar, Benedito, bula, cálido,

cúbito, escrutinar, fibra, ínsula, jacto, matéria, nótula, operário, Pelágio, plaga, pérsico, régula e tábula?

Fica à espera das vossas respostas a sempre amiga

MARIA NÃO

BIBLIOGRAFIA:

F. J. Cardoso Júnior, ob. c.

Diccionario Prosodico, já c.

24 /4.3.76

Foi em 20 de Fevereiro do ano passado que iniciei esta secção. Completou, por conseguinte, há duas semanas, o primeiro ano de vida. Com este, os «cantinhos» atingiram as duas dúzias. Tenho feito tudo o que de mim depende para saírem quinzenalmente. Se assim tivesse acontecido sempre, este seria o 28.º.

Valeu a pena? A julgar pela correspondência recebida, sinto-me tantada a pensar que sim.

Estou satisfeita? Para falar com toda a franqueza, tenho de dizer que não.

Então, que mais pretendia eu? Que o número de intervenientes activos fosse maior. Que não faltassem as achegas. Que me apresentassem dúvidas e dificuldades. Que me ajudassem a valorizar os «cantinhos».

Irá acontecer assim, neste segundo ano? Quem dera!

E, agora, antes de responder à questão formulada no «cantinho» anterior, lembro aos menos enfarinhados no assunto, mas interessados nele, que poderão refrescar ideias nos números do «Jornal de Barcelos» de 3 de Abril e 8 de Maio do ano findo («cantinhos» 3 e 5).

Vamos, então, às formas divergentes ⁽¹⁾, mais ou menos populares, das palavras propostas.

De:

aurífice — ourives, oulives e ulives; *auscultar* — escutar e escutar; *Bendito* — bendito e bento; *bula* — bola e bolha; *cálido* — caldo (se não estiver quente, deixa de o ser); *cúbito* — côvado e coto; *escrutinar* — escrudinhar, escudrinhar, esculdinhar e esquadrinhar; *fibra*

— febra e fêvera; *insula* — insua e ilha; *jacto* — jeito (donde ser erro escrever com «g»); *matéria* — madeira; *nótula* — nódoa; *operário* — obreiro; *Pelágio* — Pelaio e Paio; *plaga* — praga, praia e chaga; *pérsico* — pêsego; *régula* — régua, régura, regra e relha; *tábula* — tábua, távoa, távola e tala.

E, já que estamos com a mão na massa, aí vai uma nova série de formas eruditas, à espera de que respondais com as respectivas divergentes populares:

ádito, aguar, arena, atónito, augúrio, aurícula, câmara, capítulo, decano, decreto, dígito, Eulália, folículo, glúten, hereditário, mastigar, medicina, minuto, modular, muco, obstinar, oráculo, quadragésima, rótula, seno, senso, signo, sinistro, sirena, tela, tépido, vício e zelo.

Desde já muito grata, a sempre ao dispor

MARIA NÃO

(1) BIBLIOGRAFIA

- 1 *Compêndio de Gramática Portuguesa*, por José Nunes de Figueiredo e António Gomes Ferreira.
- 2 António Bragança, *Noções Elementares de Português Fundamental*.
- 3 *Gramática Histórica*, por Eduardo Carlos Pereira, 10.^a Edição, 1937.
- 4 *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, elaborada por Francisco Júlio Martins Sequeira, 2.^a Edição.
- 5 Dr. J. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, 3.^a Edição.

25 /18.3.86

Duas cartas me chegaram às mãos (atrasadas, como de costume), em resposta ao «cantinho» 23.

Uma é de Valdevinos, já nosso conhecido (e nem por isso lhe estou menos grata, antes pelo contrário). Para cada uma das eruditas arranjou, pelo menos, uma popular. Segundo diz, as que achou mais curiosas foram *côvado* e *pêssego*, pois nunca pensara «em quaisquer formas eruditas que lhes correspondessem». Tem muita razão, a respeito das divergentes de *bula*. Quando escrevi *bola*, devia ter acrescentado — com tónica aberta ou com tónica fechada. Peço desculpa da falha.

A outra carta é de um novo interveniente, a confirmar o juízo que emiti no último «cantinho», quando perguntava se valeu a pena. Escreve de Barcelos e assina Ramiro Lucas Reis. Com os meus sinceros agradecimentos pela sua colaboração, tomo a liberdade de fazer um reparo:

Não se deve usar o verbo «constatar». Trata-se dum galicismo ou francesismo, que é um dos vícios contra a pureza da linguagem. Tem vários correspondentes em português, como: apreciar, autenticar, avaliar, certificar, comprovar, dar fé, documentar, notar, provar, reconhecer, ver, verificar, etc. Estão no mesmo caso: abat-jour, debutar, destacar, detalhe, elite, nuance — que podem substituir-se, respectivamente, por: quebra-luz, estrear-se, distinguir, pormenor ou minúcia, escol ou nata ou fina flor, cambiante ou matiz. Com esta riqueza toda, para que havemos de andar por aí a abastardar a língua por França e Belgrança, à semelhança de tantos caixeiros-viajantes, ciosos de independências, a mendigar por esse mundo de Cristo e de Satã?

Passemos imediatamente às formas divergentes populares das eruditas apresentadas no cantinho anterior.

De:

ádito — aido e eido; — *aguar* — augar, ougar e ogar; *arena* — areia; *atónito* — tonto; *augúrio* — agouro ou agoiro; *aurícula* — orelha; *câmara* — cambra (quem se atreverá a rir do homenzinho lá da aldeia, ao ouvi-lo dizer que vai à Cambra?); *capítulo* — cabido; *decano* — deão; *decreto* — degredo; *dígito* — dedo; *Eulália* — Olaíha, Olaia, Valha e Vaia; *folículo* — folhelho; *glúten* — grude; *hereditário* — herdeiro; *mastigar* — mascar; *medicina* — mezinha; *minuto* — miúdo; *modular* — moldar; *muco* — monco; *obstinar* — austinar; *oráculo* — orago; *quadragésima* — quaresma e coresma; *rótula* — rolha; *seno* — seio; *senso* — siso; *signo* — sino e senho; *sinistro* — sestro; *sirena* — sereia; *tela* — teia; *tépido* — túbio; *vício* — viço e vezo; *zelo* — cio.

A propósito de *agouro* e *agoiro*, formas divergentes de *augúrio*, quero adiantar que palavras deste tipo dão pelo nome técnico de «sincréticas». Como em *touro* e *toiro*, *ouro* e *oiro*, *cousa* e *coisa*, etc., o ditongo *ou* alterna com o ditongo *oi*. Não se trata de palavras diferentes, mas de formas diferentes da mesma palavra.

E, como este já vai longo, não proponho nova questão. Apenas

acrescento duas formas divergentes às quatro de *escrutinar* que apresentei no cantinho anterior: escoldrinhar e escodrunhar.

Com a amizade de sempre,

MARIA NÃO

26 /1.4.76

Era minha intenção não voltar, ao menos por agora, a falar de formas divergentes, tanto mais que já apresentara seis dúzias e meia.

Aconteceu, porém, que Valdevinos e Ramiro tornaram a marcar presença sobre o assunto e não posso deixar de lhes agradecer e fazer alguns comentários às suas cartas.

O primeiro trouxe mesmo (e já não é a primeira vez) uma achega muito valiosa. Acerca de «folículo», pergunta se «fonelho» não será também forma divergente. Pois é, sim, senhor! Confesso que tive de compulsar a minha dezena de dicionários, mas felizmente pude exclamar como Arquimedes: «eureka», achei! Achei no dicionário de Artur Bivar (e só neste...) a palavra «funelho», com a seguinte explicação: *s. m. Prov. minh.* O mesmo que *folhelho* ⁽¹⁾. Apenas discordamos do «u» da sílaba inicial, não é assim, Valdevinos?

Quanto a *adido* e *obstar*, observo-lhe que a primeira veio do verbo *adir*, no sentido de *acrescentar, juntar*, e a segunda de «*obstare*» (verbo latino).

Por sua vez, *Baia* é pronúncia nitidamente minhota de *Vaia*, concorda?

O Sr. Ramiro Lucas Reis começa por fazer humor e tem-no a valer.

No «meu cantinho» de abertura, disse que estive tentada a subordinar estas questõezinhas ao título «Brincadeiras de Português». Pretendia, com efeito, tornar isto um divertimento, um passatempo, um entretenimento, um jogo aliciante, mesmo para crianças. (O Sr. Ramiro diz, com o dicionário na mão, que «cantinhos» são uma espécie de jogo de crianças...). O amigo está metido no jogo. E que bem não faz ele também aos adultos (que têm de ser como crianças, até para entrarem no reino dos Céus...).

Quanto a *folho* e *deminuto* (aliás *diminuto*), a primeira é divergente de *fólio* (lat. *folium*, cujo plural *folia* deu em português *folha*); a segunda veio do latim «*diminutum*».

Para completar este «cantinho», vou falar das antónimas das formas divergentes: as formas convergentes.

Que vêm a ser?

São vocábulos iguais, na escrita e na pronúncia (palavras homónimas), mas com origem diferente e, portanto, com significado diferente.

Qualquer Gramática que se preze traz algumas. Eis outras mais: atestar, chaves, dom e lente.

«Atestar» pode significar «certificar com testemunhas» (do latim «attestari») ou «encher até ficar testo».

Chaves, nome de cidade, é vestígio do ablativo latino «Flaviis», da expressão «Aquis Flaviis» (nas termas, nos balneários de Flávio, imperador romano que, no último quartel do século primeiro da era cristã, fundou os balneários termais (aquas) e a cidade que hoje tem o nome de *Chaves*).

Chaves pode ser também substantivo comum, plural de *chave*, proveniente de «clavem», que tem a divergente erudita «clave», muito conhecida dos músicos.

É, por isso, lamentável que nas armas da cidade do bom presunto figurem duas chaves, pois o seu nome nada tem a ver com o utensílio de abrir portas, não é verdade?

Dom tanto pode significar *dádiva* (do lat. «donum») como *senhor* (do lat. «dominum» ou do vocativo «dom'ne?»).

Lente pode designar o *professor* (do latim «legentem», o que lê; antigamente, os professores *liam* suas lições em aula) ou o *óculo* (do latim «lentem», *lentilha*, por causa da sua forma lenticular).

É interessante este jogo de crianças, maiores de 13 anos, não é, amigo Reis?

Com a maior dedicação e amizade,

MARIA NÃO

(1) *Ob. cit.*, pág. 1564.

27 /15.4.76

Aqui há umas semanas, fui à missa dominical numa igreja dos arredores, fresca e lavada. Altares bem zelados, sem espalhafato. Assistência numerosa, ordenada e recolhida. Participação activa,

alegre, escalonada. Música leve, melodiosa, interiorizante. Fiquei logo bem impressionada. Sacerdote de meia idade, simpático e comunicativo. Voz bem timbrada, forte, sem exagero. Boa articulação, sem pressas.

Numa das leituras, suponho que no Evangelho, pareceu-me indeciso na palavra «enxerga». Não cheguei a perceber perfeitamente se leu a tónica aberta, se fechada. Pouco adiante, surgiu-lhe a mesma palavra. Não esteve com meias medidas. A tónica saiu-lhe bem aberta. Ainda uma terceira vez, a «enxerga» apareceu. E a pronúncia repetiu-se. Foi a única coisa que me desagradou. O reverendo, evidentemente, não percebeu a minha reacção. Mas o certo é que na homilia — aliás muito bem feita, sem ser longa, de linguagem simples, incisiva, sempre correcta — deixou o paralítico levar a enxerga e cautelosamente lá se foi arranjan-do com catre, leito, colchão, cama, em plena manifestação de riqueza vocabular. Muito bem!

Fiquei, naturalmente, com a convicção de que o padre duvidava da pronúncia da embaraçante palavra. E optou pela tónica aberta. Pois escolheu mal... A tónica é fechada. Se me ler, para o ano já sabe como há-de dizer, sem hesitações. E, se eu soubesse em que domingo repetirá essa passagem da Escritura, lá me teria a ouvi-lo, se possível.

Já agora, vou referir-me a outras palavras que tenho ouvido pronunciar menos correctamente, em várias igrejas.

Uma é «ressurreição». ⁽¹⁾ A primeira vogal é surda (agora chamam-lhe fechada e às fechadas tratam-nas por médias, mas eu não gosto da inovação), como em *ressurgir* e *ressuscitar*, mas proferem-na muitos sacerdotes tão aberta como em *régua*.

Outra é «adquirir», em que alguns pronunciam a letra «u». Se não tivessem abolido o trema (que tanta falta faz...), desapareceriam estes erros, pois *adquirir* não o levava ⁽²⁾, ao contrário, p. e., de *arguir*, em que a letra «u» se pronuncia, não é assim?

Uma outra palavra mal pronunciada por alguns é «intercessão», em que os «ee» são ambos surdos, pelo que não é homófona de *intercepção*.

Ainda me quero referir a duas palavras entre as quais um ou outro reverendo estabelecem confusão: *perseverar* e *preservar*. (Podemos chamar-lhes parónimas, não?). Alguns pronunciam o «s» como «z» na primeira e como «c» na segunda. Pois é precisamente o contrário. Ficamos entendidos?

E fico por aqui, não se vá julgar que pretendo deitar abaixo os padres, quando eu os considero, na generalidade, como as pessoas que melhor sabem falar em público.

Até de hoje a quinze, se Deus quiser.

MARIA NÃO

BIBLIOGRAFIA:

(1) Cf. *Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa*, 5.^a Série, Ano 34.^o, N.^o 3, Março de 1983, pág. 16.

(2) Cf. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, por Cândido de Figueiredo, 2.^a edição, na ortografia oficial, Agosto 1940, pág. 28.

28 /29.4.76

Foi no «cantinho» 10, saído em 31 de Julho do ano passado, que comecei a tratar de sinónimos. Formulei, então, a seguinte pergunta: Quais serão os substantivos com que se pode exprimir a ideia de «bater em alguém servindo-se da mão»?

As respostas foram dadas nos «cantinhos» seguintes e prolongaram-se, com intervalos, até ao 22.

No «cantinho» 12, escrevi, a certa altura: Apetecia-me passar já ao que julgo ser o segundo conjunto mais numeroso de palavras sinónimas. Acho, no entanto, mais didáctico pôr outra questão porque mais relacionada com a anterior, a saber: Quais são os substantivos que poderíamos considerar como colectivos destes que enumerámos?

As respostas começaram a sair no «cantinho» 14 e estenderam-se até ao 18.

Na primeira série, atingimos 166; na segunda, 111 — totais elevadíssimos, para os quais muito contribuíram as preciosas achegas de Valdevinos, Um professor de Português, Pindérico, António Couto Ferreira e Péctrus de Balugães, que, mais uma vez, agradeço, muito reconhecida.

Hoje, finalmente, vou satisfazer o apetite manifestado no referido «cantinho» 12, com a respectiva questão:

Quais são os sinónimos de «bebedeira»?

Estou já a ouvir o nosso amigo de Viatodos, a dizer com os seus botões: Agora, sim, acertou em cheio! Somos gente de... vinho, não há dúvida, minha Senhora!

Ultrapassaremos, então, os 166? Nesse caso, passará a ser este o grupo mais numeroso.

Ficaremos aquém dos 111? Sendo assim, perderá o segundo lugar, que eu lhe vaticinara.

A ver vamos!

É claro que fico a contar com a ajuda generosa dos intervenientes acima apontados e com outros amigos que se disponham a entrar no jogo. Valeu?

Para animar a malta, como agora tanto se diz, vou iniciar as respostas (com uma mão-cheia, diria o brincalhão de Balugães): ardina, bêbada, beberroia, berzunda, borracheira, cabrita, cacheira, camoeira, carapanta, cardina, carga, caroça, carraspana, cartola, chiquita, crapiela, ebriedade, embriaguez, gata, grossura, inebriamento, marta, mona, nassa, nena, peleira, perua, piela, pifão, piteira, raposeira, rosca, tachada, temulência, tiorga, torcida, touca, trabuzana, vinhaça e zurca.

Para amostra, já não é nada mau, pois não?

Cá fica à espera das vossas respostas, com a ansiedade de sempre, a

MARIA NÃO

29 /13.5.76,

Tenho diante de mim quatro cartas.

Três são do Sr. Ramiro Lucas Reis, que se me revela, cada vez mais, um autêntico e apreciável humanista. Uma foi recebida há semanas e duas ultimamente. São muito mais longas do que é costume e (desculpe a minha franqueza...) pouco claras. Pedia-lhe o favor

de sintetizar as suas dificuldades (sê-lo-ão?), a ver se sou capaz de lhe dar uma resposta satisfatória. Está bem?

A outra é de «Um professor de Português» (a quem devemos já uma participação muito generosa). Chegou-me ontem (por culpa de quem, se o carimbo do correio é do dia 4?) e obrigou-me a refundir o que tinha escrito, porque não resisto à tentação de a transcrever:

«Barcelos, 1 de Maio de 1976.

Ex.ma Senhora

As minhas respeitosas saudações linguísticas e os meus sinceros parabéns pelo seu notável contributo a favor da nossa querida Língua.

Quando li o «Cantinho de Português» n.º 12, também logo pensei nos sinónimos de «bebedeira» e comecei a registar alguns. Passados meses, num almoço em Viana, com uma boa meia dúzia de colegas, veio à baila esse tema e foram-me revelados mais uns tantos, que julgo representarem o triângulo Barcelos — Famalicão — Póvoa de Varzim. Na esperança de poder ser útil, aí vão os que, até hoje, consegui reunir e não figuram na relação do último cantinho: bêbada, bebedice, bernardina, borracheira, briol, bronca, cabeleira, cabra, camoesa, camua, camunha, carpanta, carrega, cega, chuva, crapela, crápula, gateira, gatosa, geometria, indrósmia, inebriação, inquietação, japona, jaquina, jegre, jimbo, joanetes, joaninha, tia Joaquina, jónica, jorca, juanete, laudácia, malaio, manta, mantosa, marmelo, marmita, martinhada, moafa, nabo, nana, narceja, nêspêra, oca, oito, opa, orga, osga, pala, pelou, perna, peruca, peso, piójota, pitada, piteirice, ramada, raposada, sal, samatra, serapilheira, soda, traçada, terça, tiosga, torta, toura, vapor, vinagreira, xona, xusga e zuca.

Sem mais, por agora, queira aceitar, Ex.ma Senhora, o testemunho da minha alta consideração e deferência.

Um professor de Português

Nada me envergonha confessar que metade destes sinónimos não constavam do meu ficheiro. Que mais hei-de dizer ao ilustre Professor de Português? À boa moda lusitana, apenas isto: Que Deus lhe pague!

Embora com receio de que alguns leitores comecem a ficar «bêbedos», vou encher mais uma tacinha: berzundela, beselga, bicancra, bico, bruega, cacharamba, canjica, cardiola, cegonha, chiba, doeira,

ebriez, embebedamento, embriagamento, engrossamento, esbodegação, escabrio, escaração, escaradeira, escaradela, gamarra, nina, perunca, trapizonda, vinolência e zangurriana.

Agradece, desde já, que mais alguém abra as suas vasilhas a sempre dedicada e ao dispor

MARIA NÃO

30 /27.5.76

Lembram-se do «Pindérico»?

Apareceu no «cantinho» n.º 13, com uma série de substantivos a exprimirem a ideia de «bater em alguém com a mão», numa carta datada de 20/8/75. Voltou agora, em missiva de 10 de Maio, com 48 sinónimos de «bebedeira», 21 dos quais saíram no jornal de 13 do corrente.

Passo a ordenar alfabeticamente os outros 27, muitos deles para mim desconhecidos: barretina, berzunada, carapuça, cartuchinha, dor-de-cabresto, ema, gangrena, irovoaea, lequíssia, mela, mena, pilhona, pilhorga, pizorga, porco, porre, sarampelo, somatra, tarda, tórico, tortélia, trapizonada, traporanga, turca, vinho e zola.

Permito-me fazer alguns reparos, que o amigo certamente desculpará:

a) Lequíssia (ou lequéssia), mela e porre são brasileirismos que eu pessoalmente enjeito.

b) Quanto a Berzunada, Irovoaea, Mena, Tarda, Somatra e Trapizonada, não se tratará de gralhas, por berzunda, trovoadas, nena, torda, samatra e trapizonda?

c) Em vez de «tortélia», encontrei «tortelia» (e também «tortolia»).

d) Poderá o «Pindérico» indicar-me as fontes de: carapuça, cartuchinha, pilhorga, tórico e traporanga?

Muito agradecia a fineza das suas respostas, com a brevidade possível...

E deixo para o fim a sua sugestão (não se escreve com «j»), a respeito de charadismo.

Não nego interesse e utilidade, mesmo a bem da cultura, a esse

passatempo e talvez haja muitos leitores do «Jornal de Barcelos» que gostem das epentéticas, paragógicas, sincopadas, aferéticas, etc. Falta-me, no entanto, o indispensável treino e não me sobeja o tempo. Por que não se abalança o «Pindérico» a essa forma de colaboração? Pela minha parte, com toda a franqueza, penso que um semanário de quatro páginas, que também precisa de publicidade, dificilmente poderá comportar esse entretenimento, ao contrário dos grandes diários, onde há espaço para tudo. Mas isso é com os cabos, quero dizer, com o Director, não é assim?

Para terminar, aí vai mais uma tornada: açorda, bacura, bor-rachice, dosa, gardenhola, torda, trapizonga, trovoada, verniz, zangurrina, zerenámora e zerpela.

Esperando que mais alguém dê uma voltinha às torneiras, despede-se, com amizade, a sempre às ordens

MARIA NÃO

31 /10.6.76

O brinçalhão de Balugães (Quem se lembra dele? Isso mesmo! O que sabe Latim e não é padre; e não precisa de pente, visto ser calvo; e com princípio de «pecten» e o final de «Petrus» arranjou de ser «Péctrus»... Esse todo!), pelo visto, possui também uma rica adega.

Ouviu gentilmente o meu pedido, deu uma voltinha às torneiras e mandou-me (Vejam lá se adivinham!) nada menos de... (Digam depressa!) sessenta e quatro... palavras (Não acertaram, pois não?)...

Acontece, porém, que houve, da sua parte, uma evidente confusão. Ora, vejamos.

Como preâmbulo, escreveu o «Péctrus»:

«Dizem que beber vinho é dar de comer a um milhão de Portugueses...

Pois, nesse sentido, eu — pranto — aqui a minha homenagem, com dezenas de termos usados, a definirem esses — beneméritos — da sociedade lusa».

E seguem-se as tais 64 palavras: algumas definem efectivamente os ditos «beneméritos» (mas não era destes que eu pretendia sinónimos); outras, sim, são sinónimos de «bebedeira», 14 das quais já constavam de «cantinhos» anteriores.

Não vou, por isso, referir as primeiras; ater-me-ei apenas às segundas: aguada, cacimbada, capote, carapeleira, caruma, cobra, choça, copofonia, ela, fanfarrona, funil, ganza (ou «gonza»?), gergolina, guarda-sol, madrinha, maleita, maria cristina, marota, mica, mitra, moenga, mosca, nevada, nevoeiro, pavia, pavoia, pedraceira, política, porcamia, raposódia, russa, senhora, tinta, tolinha, tortulina, tosga, umbela, verdasqueira, verdial, zarapanta, zineira e zoeira.

Desde já, manifesto a minha estranheza por não ter encontrado, com a significação de «bebedeira», nenhuma destas palavras na meia dúzia de dicionários que costumo usar. Muito agradecia, por isso, que o «Péctrus» de Balugães me indicasse as suas fontes, como pedi, há tempos, ao «Pindérico». Serão termos privativos dessa região, ainda não registados pelos bons dicionaristas?

Além disto, vou ver se consigo prevenir outros embaraços, apresentando um exemplo muito simples.

Se alguém disser: «O Eduardo vai mesmo *zaruco* de todo, entendemos perfeitamente que o «benemérito» leva uma respeitável «bebedeira»; no entanto, o termo «zaruco» não é sinónimo de «bebedeira», mas, sim, do adjectivo correspondente — bêbedo.

Não será o caso de «funil»? Qual é a expressão completa que o povo usa?

Desculpe o «Péctrus» se estou a ser impertinente, mas, como deve compreender, não posso dar gato por lebre...

E, como este já vai longo, deixo para outra vez uma carta de «Um professor de Português», com saudações amigas para quem me lê.

MARIA NÃO

32 /24.6.76

Começo este com a transcrição da carta a que aludi no «cantinho» anterior.

Barcelos, 24 de Maio de 1976

Ex.ma Senhora

Os meus respeitosos cumprimentos.

Já devia ter escrito há mais tempo, mas não me foi possível.

De que se trata?

Tenho de pedir desculpa de dois erros que cometi na minha última intervenção e saíram no «cantinho» n.º 29.

Nos 74 sinónimos de «bebedeira», por mim apresentados, inclui «marmita», que não o é, e pus «pitice» em vez de «piteirice».

Como espécie de compensação, junto os seguintes: anjinho, bebediça ⁽¹⁾, bichosa e tosguinha.

Aproveito ainda o ensejo para acrescentar aos sinónimos de «pancadaria» (com a mão), já referidos até agora, estes cinco: conta, ensaio, ensino, enxerto de barretina e lição.

Também aumento a lista dos substantivos com que se pode exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão», com: berro, cascudo, catatau, estilha, moquenco, mocada, orelhada, punhalada, zape, zurvada e zurvanada.

Com os protestos da mais alta consideração, me subscrevo

A BEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Um professor de Português»

Não sei que mais admirar neste Professor: se a sua preocupação e humildade em pedir desculpa de dois pequenos lapsos, se o seu interesse e amabilidade em prestar uma tão preciosa colaboração. Muito obrigadinha!

Com estas achegas, temos elevado para 177 o número dos substantivos com que podemos expressar a ideia de «bater em alguém com a mão» e para 116 o dos sinónimos de «pancadaria» (com a mão).

Como aguardo ainda as confirmações de «Pindérico» e «Péctrus», não posso fechar as contas dos sinónimos de «bebedeira», conforme desejava.

Vou, no entanto, falar de qualquer coisa que me atrevo a classificar também como «bebedeira».

Não sabem o que é, pois não?

Eu lhes digo: são os atentados contra a Língua Portuguesa, que continuam a proliferar na RTP. Limitar-me-ei a alguns que pude registar nos últimos dias.

No telejornal 2 de 9 do corrente (suponho que já tinha começado o dia 10), o entrevistador do Subsecretário das Pescas atirou-lhe, a certa altura, com um «tem *intervido*» muito claro, como se o particípio de «vir» (e também dos seus compostos) não tivesse a mesma forma do gerúndio — *vindo*.

Pouco antes, um Sr. Tenente-coronel, falando aos seus rapazes de «Lanceiros», impingiu-lhes uma dose de «ouvísteis», «fizésteis» e quejandos, numa confusão imperdoável das desinências dos perfeitos com os imperfeitos.

Raul Durão persiste no erro de pronunciar como fechada a tónica de *acesso* e a Manuela Melo (acabo de a ouvir) está a seguir-lhe as pisadas.

O galicismo «detalhe» assentou arraiais entre os *charladores* da RT(P?).

Até nisto, estamos mais pobres!...

Isso é ultra-sensibilidade feminina, dirá alguém. Não, é apenas sensibilidade portuguesa, replico eu.

Com votos de melhor Português e a amizade de sempre,

MARIA NÃO

(1) No jornal saíu *bebedice*.

33 /15.7.76

Acaba de me chegar às mãos uma carta de «Pindérico», que, por a julgar muito útil para quantos se interessam por estas coisas, passo a transcrever.

«Maria Não

Os meus respeitosos cumprimentos à ilustre desconhecida.

Diz Maria Não que não tem tempo para chefiar uma secção de charadismo no «nosso» Jornal de Barcelos. Acredito. Eu tenho esse tempo; mas sempre tive, e, agora com o tempo, bem refinada, uma grande preguiça para escrever e, ainda para mais, não me julgo com a bagagem indispensável para arcar com a orientação de tal secção. Poderia, quando muito, dar um sofrível colaborador e prestar alguma ajuda à pessoa disso encarregada.

As minhas fontes de informação poderão ser reveladas, pois não constituem segredo. Além de vários dicionários, enciclopédia, etc., tenho um dicionário de sinónimos de «Majopera», que é o pseudónimo de Manuel José Pereira, e foi editado em 1940.

Também já possuí o Grande Dicionário de Sinónimos da Tertúlia Edípica, obra completíssima, mas tive o azar de o emprestar a um «amigo», que depois me disse que já mo havia entregue.

O Majopera é muito completo; enferma, porém, de elevada percentagem de gralhas e erros.

E, por hoje, reitero os meus cumprimentos.

15/6/76

Pindérico»

Se o «Pindérico» guardou cópia da sua carta, há-de verificar que fiz algumas modificações no texto: eliminei umas tantas vírgulas, sobretudo as que separavam sujeito de predicado (erro demasiado frequente nos semanários cá da terra); acrescentei outras, nomeadamente antes de orações relativas explicativas; pus o devido acento agudo em palavras oxítonas terminadas por «em» com mais de uma sílaba; e poucas mais.

A fim de evitar a repetição de termos muito próximos com o mesmo final (ção, ários e ar) — que briga com a harmonia musical —, apeteceu-me substituir *orientação* por *responsabilidade*, *poderão* por *podem*, *vários* por *diversos* e *azar* por *má sorte*. Não acha que fazia bem?

Também estive para trocar *entregue* por *entregado*, já que o particípio vem auxiliado por «haver» (e o mesmo se faz quando o auxiliar é «ter»), mas tive receio, talvez cobarde, de que me chamasse purista.

Não pense, porém, que lhe estou menos grata pela sua colaboração. Mais ainda: a palavra «gralhas» da sua carta e uma célebre gralha «do cantinho» n.º 16 vieram sugerir um novo tema.

Quem não se lembra de *Latir Português*, em vez de «Latim-Português»?

Gralha e *latir* fazem logo pensar em *vozes de animais*. Pois será esse o assunto do próximo *cantinho* (visto que este já vai longo), se o «Péctrus» de Balugães não vier entretanto, com a sua resposta, ansiosamente aguardada, a virar o rumo à conversa.

Até daqui a quinze dias, se Deus quiser, com a dedicação de sempre,

MARIA NÃO

Há na Língua Portuguesa alguns verbos que não têm completo o quadro da sua conjugação e, por isso, se chamam *verbos defectivos* (1). Distribuem-se por três classes: pessoais, impessoais e unipessoais.

1 — São defectivos *pessoais* aqueles que se não usam em certas formas, ou porque soam mal ao ouvido (não são eufónicos) ou porque têm pronúncia um tanto difícil, como *adequar*, *demolir*, *extorquir*, *polir*, *reaver*.

2 — São defectivos *impessoais* aqueles verbos cuja afirmação se não pode atribuir a nenhuma pessoa gramatical — não têm sujeito. Compreendem dois grupos: a) os verbos *essencialmente impessoais* — os que designam fenómenos da natureza (climáticos e meteorológicos), como *anoitecer*, *orvalhar*, *relampejar*, os quais só se empregam na 3.ª pessoa do singular; b) os verbos *acidentalmente impessoais*, ou sejam aqueles que, em certos casos, se empregam sem referência a um sujeito, p. e., *haver*, *estar*, *ser*, em frases como: «há mulheres vaidosas», «está calor», «são quatro horas».

3 — São defectivos *unipessoais* os verbos que, embora se refiram a um sujeito, apenas se usam, em virtude do seu significado especial, nas terceiras pessoas, do singular ou do plural. Tais são os que designam certos actos próprios de animais, como *galopar*, *ganir*, *ruminar*, *urrar*, e os que têm por sujeito um ser vegetal, como *desabrochar*, *florescer*, *murchar*, *reverdescer*.

(Desnecessário me parece advertir que os verbos impessoais e unipessoais também se podem usar pessoalmente, quando empregados em sentido figurado).

Posto isto (que talvez seja ensinar o Pai-Nosso ao vigário), vou, conforme prometido, falar dos verbos *unipessoais* que traduzem *vozes de animais*. Previno, desde já, que alguns se aplicam também ao homem (ou não seja ele o rei dos animais e da criação em geral!) e, nesse caso, se conjugam completamente. Estou a pensar, por exemplo, em *flautear*, *palrar*, *trautear*.

Muitos desses verbos (como *arrulhar*, *berrar*, *bramir*, *chilrear*, *crocitar*, *gemer*, *grunhir*, *guinchar*, *latir*, *miar*, *mugir*, *palrar*, *piar*, *regou-*

gar, rir, roncar, rugir, sibilar, tagarelar, uivar, ulular, zumbir, zunir, etc.) representam vozes de mais do que um animal.

Por outro lado, muitos animais açambarcaram, por assim dizer, várias vozes. Refiro, entre outros, a abelha, a andorinha, o burro, o cão, o cavalo, a cigarra, a coruja, o estorninho, o galo, o gato, a gralha, o grilo, o leão, o macaco, o mocho, a ovelha, o papagaio, o peru, o porco, o pombo, a rã, o rouxinol, o sapo.

De alguns animais, porém, só conheço uma voz realmente expressiva. Enumerarei os seguintes: abelharuco, abutre, anho, atum, avestruz, baleia, bufo, carriça, doninha, escaravelho, faisão, falcão, flamingo, guincho, hipopótamo, jaguar, lagarto, noitibó, ouriço-cabeiro, papa-figos, pato-bravo, peneireiro, pisco, serezinho, texugo, tordo, urso, verdilhão e zângão.

Qual será a voz respectiva, mais apropriada, destes animais? Por outras palavras: que verbo traduzirá melhor a sua voz?

Aguarda as vossas respostas, bem como quaisquer perguntas sobre a matéria, a sempre dedicada

MARIA NÃO

(1) BIBLIOGRAFIA:

- 1 *Gramática de Português*, elaborada por Francisco Júlio Martins Sequeira, Ensino Liceal, 2.º Ciclo dos Liceus, § 302 e de 379 a 383.
- 2 Matheus de Macedo e Emílio Meneses, *Gramática de Língua Portuguesa*, 4.ª edição. Para uso dos Alunos do Ensino Liceal e Técnico, pág. 125-128.
- 3 Francisco Torrinha, *Gramática Portuguesa*, 7.ª edição, 1946, § 400.
- 4 Eduardo Carlos Pereira, *Gramática Expositiva*, Curso Superior, 44.ª edição, § 247-250.
- 5 J. M. Nunes de Figueiredo — A. Gomes Ferreira, *Compêndio de Gramática Portuguesa*, Curso Geral do Ensino Secundário, § 416-417.
- 6 José Pereira Tavares, *Gramática Elementar de Português*, Aprovada oficialmente para os 4.º, 5.º e 6.º anos dos Liceus, § 281-282.
- 7 Fernando José da Silva, *Gramática da Língua Portuguesa*, (para o 1.º Ciclo dos Liceus), § 239-246.
- 8 Pinto Carneiro, *Gramática Portuguesa*, 2.ª edição, § 383-392.

35 /16.9.76

Na convicção de que ninguém vai responder à pergunta do «cantinho» anterior, pois toda a gente anda agora atarefada com viagens, praias, férias na aldeia (como acontece igualmente comigo), darei eu já a

resposta, colocando a seguir ao animal indicado a *voz* respectiva (1), expressa por um *verbo unipessoal* (também há *vozes* designadas por substantivos).

Assim: abelharuco (palrar), abutre (crocitar), anho (mugir), atum (vagir), avestruz (rugir), baleia (urrar), bufo (rosnar), carriça (tagarelar), doninha (chiar), escaravelho (zunir), faisão (assobiar), falcão (grunhir), flamingo (roncar), guincho (crocitar), hipopótamo (guinchar), jaguar (rugir), lagarto (farfalhar), noitibó (assobiar), ouriço-cacheiro (chorar), papa-figos (taralhar), pato-bravo (palrar), peneireiro (guinchar), pisco (gorgear), serezinho (tinir), texugo (grunhir), tordo (trucilar), urso (fremir), verdilhão (assobiar), zângão (zumbir).

Como disse no «cantinho» 33, há muitas *vozes* comuns a vários animais. Das hoje referidas temos: *assobiar* (cobra, elefante, estorninho, macaco, melro, mocho, sapo, víbora); *chiar* (aves, cigarra, coelho, grilo, lebre, macaco, pintainho, ralo, ratazana, rato); *chorar* (crocodilo, hiena, rola, rouxinol); *crocitar* (coruja, cuco, gaio, gaivota, gavião, mocho, corvo); *farfalhar* (morcego); *fremir* (leão); *gorgear* (alvéola, calhandra, canário e outras aves); *gruir* (grou); *grunhir* (elefante, javali, leão, porco, rinoceronte); *guinchar* (águia, cão, coruja, gato, gaivota, macaco, milhafre, mocho, porco, rato, sapo); *mugir* (bezerro, boi, búfalo, camelo, sapo, tigre, touro, vaca); *palrar* (alvéola, cigarra, cuco, estorninho, gaio, GRALHA, papapaio, pega, rã); *roncar* (cão, elefante, gamo, gato, jibóia, leão, pantera, porco, raposa, rinoceronte, sapo, tigre); *rosnar* (cão, gato, pantera); *rugir* (elefante, leão, lobo, pantera, tigre); *tagarelar* (estorninho, galo, ganso, macaco, várias aves); *taralhar* (taralhão); *tinir* (sapo); *urrar* (boi, elefante, leão, lobo, onça, rinoceronte, tigre); *zumbir* (abelha, besouro, cigarra, grilo, mosca, ralo e mais insectos).

Quanto a *trucilar* e *vagir*, apenas os sei aplicados, respectivamente, ao tordo e ao atum.

Já agora, aí vão outras *vozes* que considero privativas de certos animais: atitar, aulir, azoinar, azurrar, bacorejar, bacorinhar, badalar, barrir, bocejar, bodejar, bradar, cacariar, cainhar, carruscar, castanholar, chichirar, chichirrear, chocalhar, chucherrear, clarinar, cochichar, cocoricar, coinhar, corujar, couxar, crujar, cuincar, cuquear, cuquelar, descantar, esfusiar, esganiçar, esgargalhar, estrugir, flau-

tear, fungar, gaguear, gaitear, galrar, ganizar, garrir, glotear, gorgolejar, grassitar, grilar, grilhar, grinfar, grugrurejar, ladriscar, laidrar, mariscar, murmurar, ornejar, patejar, patrear, piafar, pissaltar, pistar, poupar, prantear, querechichar, rebramar, rechiar, reerver, refunfar, remedar, ressolhar, rezar, rinchalar, rorolar, roufenhar, rugar, salmoejar, serrazinar, serrinar, taramelar, taramelejar, tartarear, tatar, tossir, traquinar, trinçar, tringalhar, trinar, tritidar, vozeirar, zangarrear, zinar, zoinar e zunzonar.

Quais são os donos destas vozes?

Fica à espera das vossas respostas, com a amizade de sempre,

MARIA NÃO

Em tempo: às cartas dos Srs. Ramiro Lucas Reis e Péctrus de Balugães referir-me-ei oportunamente.

M. N.

(1) BIBLIOGRAFIA

- 1 António Branco, *Gramática da Língua Portuguesa*, pág. 76.
- 2 Prof. J. R. Fidalgo Chorão, *Gramática Portuguesa*, para a 3.^a e 4.^a classe do Ensino Primário e Exames de Admissão aos Liceus e Escolas Técnicas, 2.^a edição, pág. 101-102.
- 3 Tomás de Barros, *Gramática Portuguesa*, para o Ensino Primário e Admissão aos Liceus, 12.^a edição, § 178.
- 4 Adriano da Gama Kury, *Português Básico*, 8.^a edição, revista e melhorada, 1965, Rio de Janeiro, pág. 238-239.
- 5 *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*, por Artur Bivar, II Parte, § 1128.
- 6 *Dicionário de Dúvidas e Dificuldades da Língua Portuguesa* — Sociedade de Língua Portuguesa, coordenação de José Pedro Machado, vol. I, Lisboa/1978, pág. 377-378.

36 /30.9.75

Antes de responder à questão proposta no «cantinho» anterior, acho conveniente esclarecer que não tenho a veleidade de rigor absoluto neste assunto, pois isto não é, evidentemente, nenhuma tese de licenciatura em Letras (de que aliás estou livre há muito tempo)

nem tanto será de exigir a quem escreve num pobre semanário de província...

Quanto aos 90 *verbos unipessoais* que julgo *vozes privativas* de certos animais, vou proceder semelhantemente ao que fiz com os 29 do «cantinho» 35. Desta vez, depois das *vozes*, o respectivo *dono*:

atitar — *gavião*; aulir, cainhar, cuincar, esganiçar, ganizar, ladriscar, laidrar, maticar, rugar — *cão*; azoinar — *mosquito*; azurrar, ornejar, patejar — *burro*; bacorejar, bacorinhar, refunfar — *leitão*; badalar, tossir — *ovelha*; barrir — *elefante*; bocejar — *leão*; bodejar — *bode*; bradar — *novilho*; cacariar, gaguear — *galinha*; caruscar, chichirar, recheiar, refter, traquinar, zangarrear, zinir — *cigarra*; castanholar, estrugir, flautear, tringalhar — *sapo*; chichirrear, gringar, querechichar, trinçar — *andorinha*; chocalhar — *cobra*; chucherrear, pissaltar — *estorninho*; clarinar, cocoricar, tritidar, vozeirar — *galo*; cochichar — *alvéola*; coinhar — *porco*; corujar, galrar — *coruja*; couchar — *rã*; crujar — *mocho*; cuquear, cuquelar — *cuco*; descantar, pranteiar, rezar — *rouxinol*; esfusiar — *pardal*; esgargalhar — *morcego*; fungar, ressolhar, roufenhar — *gato*; gaitar — *touro*; garrir, gorgolejar, grugrurajar — *peru*; glotear — *cegonha*; grassitar — *pato*; grilar, grilhar, serrazinar, serrinar — *grilo*; murmurar, zunzonar — *abelha*; — patrear, remedar, taramelar, taramelar, tartarear — *papagaio*; piafar, rinchar, trinar — *cavalo*; pistar — *taralhão*; poupar — *poupa*; rebramar — *veado*; rorolar — *rola*; salmodear — *cotovia*; tatar — *pombo*; zoinar — *estrelinha*.

De alguns animais acima referidos ainda conheço mais *vozes* que considero privativas. Assim:

acuar, alanzoar — *cão*; amiudar, tritinar, trombetear — *galo*; apupar — *poupa*; cochinar — *porco*; cuinhar — *leitão*; gaguejar — *bode*; gotorar — *cegonha*; grugulejar — *peru*; querechichilar — *andorinha*; ralhar — *cigarra*.

Além das já citadas, conheço como privativas mais as seguintes *vozes*:

apitar — *gamo*; cochichar — *milhafre*; grugujar — *grou*; modular — *canário*.

Com este, já são três os «cantinhos» a versar o mesmo tema, sem saber se tem agradado, ou não, a quem me lê... e talvez não fiquemos por aqui, ainda que sob pena de me chamarem maçadora.

Antes de terminar, chamo a atenção dos mais distraídos, ou menos versados na matéria, para o facto de uma grande parte destas *vozes* serem palavras onomatopaicas ou onomatopeicas, isto é, vocábulos que se formaram pela imitação do som característico daquilo que significam ou exprimem.

Até de hoje a quinze dias, se Deus quiser.

MARIA NÃO

37 /14.10.76

Pois não há dúvida! Tenho de fazer mais um «cantinho» sobre as *vozes dos animais*. Para quê? Para um pequeno estudo comparativo, a saber: quais são os animais que possuem, pelo menos, dez *vozes*? Eles aí vão:

cigarra (27) — cacarejar, cantar, cantarolar, carruscar, cegarregar, chichiar, chichirar, chirrear, ciclar, estrilar, fretenir, fritinir, garritar, guizalhar, palrar, piar, ralhar, rechiar, rechinar, referver, retinir, silvar, zangarrear, zinir, ziziar, zumbir e zunir.

cão (24) — acuar, alanzoar, aulir, bramir, cainhar, cuincar, cuinchar, esganiçar, ganizar, grasnar, guinchar, ladrar, ladriscar, laidrar, latir, maticar, regougar, roncar, ronronar, rosnar, rugar, uivar, ulular e uviar.

sapo (23) — assobiar, cantar, castanholar, engrolar, estrugir, flautear, gargarejar, grasnar, grasnir, guinchar, malhar, mugir, piar, ralar, relar, retinir, roncar, ronquejar, soluçar, tinir, tintangalhar, trilar e tringalhar.

galo (15) — amiudar, berrar, cacarejar, cantar, clarinar, cocoricar, cucuricar, cucuritar, soluçar, tagarelar, trilar, tritidar, tritinar, trombetear e vozeirar.

coruja (14) — arrolar, arrulhar, carpir, chirrear, corujar, crocitar, galrar, guinchar, piar, rir, sussurrar, uivar, ulular e uviar.

grilo (14) — cantar, cantarolar, chirrear, estrilar, fritinir, grilar, grilhar, gritar, guizalhar, rangar, serrazinar, serrinar, trilar e zunir.

andorinha (13) — chichirrear, chilrear, gazar, gorgear, grinhar, papear, querrechichilar, trilar, trinar, trinçar, trinfar, trinsar e trissar.

gato (13) — berrar, bufar, fungar, guinchar, miar, rebuscar, ressolhar, roncar, ronronar, rosnar, roufenhar, soprar e zurrar.

rã (13) — coaxar, couxar, engrolar, gargarejar, grasnar, grasnir, malhar, palrar, ralar, relar, ronquejar, soar e tintangalhar.

leão (12) — berrar, bocejar, bramar, bramir, fremir, grunhir, miar, regougar, roncar, rugir, soprar e urrar.

rola (12) — arrolar, arrolhar, arrulhar, chorar, gemer, rolar, rorolar, rular, rulhar, sussurrar, turturejar e turturinar.

elefante (10) — assobiar, barrir, berrar, bramar, bramir, gritar, grunhir, roncar, rugir e urrar.

mocho (10) — assobiar, bufar, carpir, chirrear, crocitar, crujar, guinchar, piar, sussurrar e ulular.

tigre (10) — bramar, bramir, latir, miar, mugir, roncar, rugir, uivar, uviar e urrar.

A fim de encerrar esta matéria, vou ainda referir alguns *verbos impessoais* que exprimem *vozes de animais* e, segundo creio, não foram até agora mencionados:

berregar e *borregar* — cabra e ovelha; *bezoar* — abelha, cabra, mosca e varejeira; *chalrar*, *frulhar*, *galrear*, *gargantear*, *gazilar*, *pipiar*, *pipilar*, *pipiricar*, *pipitar*, *regorgear*, *repenicar*, *salmear*, *suspirar* e *trautear* — diversos pássaros e outras aves; *chirrirar* — gafanhoto e garça; *correchar* — pardal, perdiz e perdigoto; *grugulhar* — grou e peru; *pupilar* — alvéola e taralhão; *rasmalhar* e *ziar* — vários insectos; *resmungar* — besouro, corvo e rinoceronte; *rinchar* — burro, cavalo e égua; *sibilar* — cobra, melro, serpente e alguns insectos; *zoar* — abelha, besouro e mosca; *zumbar* — abelha e vespa.

Observo ainda que *gargantear* se diz nomeadamente do melro e *trautear* ⁽¹⁾, do rouxinol.

Por aqui me quedo e... já é de mais, não lhes parece?

Com muita dedicação e amizade,

MARIA NÃO

(1) No jornal saíu *trautera*.

O prometido é devido. Eis por que vou fazer referência às cartas recebidas, algumas há bastante tempo.

Do Sr. Ramiro Lucas Reis, uma é pertinente quando menciona

a frase duma pessoa responsável, ao falar na RTP: «Acho que estes lugares são muito importantes para podermos acedermos...». É evidente que o emprego do último infinitivo pessoal constitui crime de lesa-Língua Portuguesa, como tantos outros em que a nossa Televisão é fértil.

A outra carta, bem como o restante da primeira, está fora do âmbito destes «cantinhos». Vou ver se alguma das minhas amigas, com mais disponibilidade, quer ter a mercê de lhe responder pessoalmente... Está bem?

Na terceira, alinha 52 verbos que já foram objecto de estudo e comentário nos «cantinhos» sobre *vozes de animais*. Quanto a «patinhar» devo dizer-lhe que não exprime «voz» de animal, embora se formasse a partir de «pato», como facilmente verá em qualquer dicionário. Pergunta se lhe posso dizer a *voz* do *condor*. Ela aí vai: *crocitar*.

De «Péctrus de Balugães» recebi uma preciosa missiva, que não transcrevo integralmente, só para não alongar demasiado o «cantinho», até porque o desejava com tipo maior ou mais intervalado, a fim de dispensar as lunetas para o ler. Vou apenas respigar e comentar algumas passagens.

Diz, a certa altura, o amigo «Péctrus»: «...sou capaz de abrir as *tais* torneiras e encher estes *gabitos* com o dobro da receita... e pela medida de Barcelos!».

Ora, muito agradecia que o fizesse, pois a *adega* não fechou definitivamente, como vai ver.

Também lhe ficava muito grata se, na primeira oportunidade, me desfizesse as dúvidas a respeito de «gonza» e de «funil» («cantinho» 31).

Pois é verdade! A lista cresceu um pouquinho. Graças a outras pessoas, já anotei no meu canhenho mais os seguintes sinónimos de «bebedeira»: alegranço, cremenina, dois dedos de gramática, jarra, juliana e pinga. Acrescento o termo «caleira», que omiti inadvertidamente na série enviada pelo «Péctrus», cuja carta termina assim: «... muitos mais (vocábulos) encontraria, se o vagar me consentisse indagar as milhentas páginas desse imenso vocabulário que é a Voz do Povo, o verdadeiro mestre de qualquer idioma.

Não admira que os dicionários não contenham todas as formas de expressão de que o dito mestre usa para se exprimir...

Ele também nunca se queixou, porque a sua imaginação criadora

nunca necessitou do auxílio dos outros mestres, para se fazer entender através dos tempos.

Eu, como filho do povo, mais não sou do que um seu modesto porta-voz».

Modesto... diz o «Péctrus»; entusiasta... digo eu, com os mais sinceros agradecimentos.

E até de hoje a quinze, se Deus quiser.

MARIA NÃO

39 /11.11.76

Até lhe achei graça! O último duma série de «cantinhos» sobre *vozes de animais*, iniciada a pretexto duma «gralha», lá trazia outra que tal (pouco engraçada, desta vez), no antepenúltimo parágrafo do «cantinho» n.º 37. Certamente, não houve quem deixasse de dar por ela: *trautera* em vez de *trautear*. Ora viva a música, sobretudo se é de rouxinol!...

A propósito, vou emendar dois lapsos meus. O primeiro vem no «cantinho» n.º 30. Escrevi que iria ordenar 27 sinónimos de «bebedeira», dos 48 indicados pelo «Pindérico». Quem teve a pachorra de os contar, logo verificou que só apresentei 26 e deve ter ficado com uma bela impressão dos meus rudimentos de aritmética, lá isso deve!... Mas engana-se: graças a muitos e bons professores, sou capaz de contar até cem... e ainda mais! Aconteceu, porém, o seguinte: ao escrever à máquina, passei por cima de «tropecina», que também constava da lista.

O outro lapso deu-se no «cantinho» 32. Transcrevi da carta de «Um professor de Português», em vez de «bebediça», «bebedice» (que já fora indicada pelo mesmo (cf. «cantinho» n.º 29).

Plagiando Horácio: *saepe dormitat Maria...*

E, nesta altura, vou fazer um balanço.

Substantivos a exprimirem a ideia de «bater em alguém com a mão» contei 177, mas ainda quero acrescentar três (para completar as 15 dúzias): estoiro, galricho e mosque.

Sinónimos de «pancadaria» (com a mão) temos, pelas minhas duvidosas contas, 116, aos quais ajunto sete: apalpadela, arroz, castanha, comida d'urso, descarga, desempenho e torra (total 123).

Sinónimos de «bebedeira», até à data, registei 224.

A fim de prosseguir na mesma ordem de ideias, quero apresentar hoje um termo que abunda também em sinónimos. Trata-se de «repreensão». Para dar o exemplo, aí vão alguns: batibarba, batida, bigode, bote, casaca, catanada, catilinária, censura, chá, chega, chegadela, correctivo, desanda, descascadela, descompostura, ensaboadela, ensinadela, esporada, gaitada, increpação, lambada, lembrete, lição, monitória, objurgatória, quinau, rabecada, raspanço, recriminação, reprimenda, responso, sabão, sarabanda, sermão, tosquiadela, trovoadas, varejo e zeribanda.

Escusado será dizer que fico à espera das achegas de «Um professor de Português», do «Péctrus de Balugães», do «Pindérico», do «Valdevinos», de António Couto Ferreira, de Ramiro Lucas Reis, do «Pereiró», do «Sócrates» e, muito especialmente, da Maria do Rosário e da Eva Dolvins.

O endereço continua a ser: Rua de S. Francisco, 32 — Barcelos.
Com a amizade e dedicação de sempre,

MARIA NÃO

40 /25.11.76

Recebi do Sr. Ramiro Lucas Reis uma carta que tenho muito gosto em comentar. A data é de 24 de Outubro. Refere-se à gralha do «cantinho» 37, que só corriji no 39, de 11 de Novembro.

Dizia eu que não houve quem deixasse de dar por ela. Agora posso garantir que, pelo menos, um não a deixara passar.

Depois, a propósito do *gorgulhar* do *peru*, lamenta que, no n.º 1371 do «Jornal de Barcelos», tivesse aparecido Peru com acento agudo na vogal tónica.

Tem toda a razão: as palavras agudas terminadas em «u» ou «i» só levam acento se essa vogal não formar ditongo com a anterior, como *baú*, *ai*, etc., etc.

Comentário mais longo merece a frase latina do artigo «Debates televisionados», do n.º 1370.

Segundo o Sr. Ramiro, o latim de Eurípedes foi um tanto ou quanto deturpado, já que traz *Deus* em vez de *Jupiter*.

Eu, na minha insignificância, não diria tal. Antes de mais, o latim não é do poeta ateniense. Certamente Eurípedes teria escrito *Zeus*. Os escritores romanos é que escreveram *Jupiter*. O Dicionário «Editora» ⁽¹⁾ e o Dicionário Ilustrado, de Henrique Brunswick ⁽²⁾, trazem *Deus*; o de Artur Bivar ⁽³⁾, *Jupiter*. Não vejo inconveniente nisso: Zeus é o pai dos deuses para os Gregos; Júpiter é-o para os Romanos; para mim há um só Deus...

O que eu vejo na frase citada é um erro e uma gralha: *quod* por *quos* e *prus* por *prius*.

Quanto à sua tradução (a um que Júpiter quer perder patologiza-o em primeiro lugar), admito-a perfeitamente. Digo-lhe mais: engracei com o seu neologismo. *Patologizar* está bem formado: *izar* é um dos sufixos para os verbos causativos, sim, senhor! (Já o mesmo não diria da sua aplicação... Mas deixemo-nos de Filosofia e de Medicina, está bem?).

Para o comum dos leitores, vou apresentar as versões do referido Artur Bivar: Quos vult Jupiter perdere dementat prius — Aqueles que Júpiter quer perder, começa por lhes tirar a razão.

E agora aí vão alguns sinónimos de «repreensão», a juntar à lista do «cantinho» anterior: achatadela, admoestação, admonitório, advertência, aguaceiro, animadversão, arguição, aviso, berro, bode, cheganço, corrigenda, descalçadela, ensina, escala, exprobação, ferroadada, impropério, lembrança, levadente, observação, pavana, ralhete, raspanete, recado, remoque, repreendimento, respe, réspice, ripada, sabonete, sapeca, sátira, talhada, tosa, trepa, tunda, zurzidela.

Quem manda mais? (*Mais* é pronome indefinido neste passo. Entendido?).

Desde já agradece a muito dedicada

MARIA NÃO

⁽¹⁾ Ob. cit., pág. 1622.

⁽²⁾ Ob. cit., pág. 1270.

⁽³⁾ *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*, I Parte, II Volume, pág. 1517.

Não gosto, mesmo nada, que me chamem impertinente. É que julgo não o ser e faço esforços para que não o seja. Por isso, tenho evitado insistir na referência a erros de pronúncia que continuam a infestar a nossa TV.

Aludi ao assunto nos «cantinhos» 23 e 32, recordam-se?

É evidente que os locutores do «Telejornal» (e agora estão a pulular como cogumelos em ambiente propício, numa contradição nefasta, parece-me, com a poupança que tanto se apregoa e aconselha) não lêem estes «jornalecos» de província, que nem lhes chegam às mãos.

E... se lhos fizéssemos chegar?!... Não quererá a redacção ter o incómodo de endereçar este número do «Jornal de Barcelos» ao «Telejornal», com uma chamada de atenção para este «cantinho»? Estou convencida de que, ao menos intimamente, alguns locutores ficariam agradecidos. E, não há dúvidas, prestar-se-ia um bom serviço ao Povo, que facilmente se deixa influenciar por aqueles que ouve falar catedraticamente na RTP e julga serem pessoas da maior competência, como também eu cheguei a pensar. Vamos tentar, Sr. Director?

Ora, dos erros de Prosódia que mais me chocam, quero realçar os que se verificam com as palavras seguintes, aliás já comentadas noutra altura: *acesso*, *ileso*, *acordos*, *interesses* (substantivo) e *teor*. Raro é o dia em que não se ouça no «Telejornal» alguma destas palavras e raríssima é a vez em que a pronúncia sai correcta. Então como é?

A vogal tónica é aberta em *acesso* e *ileso*; é fechada em *acordos*, *interesses* e *teor*.

Outro erro que ultimamente se repete amiúde é na pronúncia de *têxtil* e *têxteis*, palavras que estão na ordem do dia. Procedem os locutores e tantos outros como se a escrita fosse *téstil* e *tésteis*. Ora o «e» tem um acento circunflexo, que fecha a vogal, e o «x» tem aqui o som de «is». Estão a ver, pois, como se devem pronunciar essas palavras, não é verdade?

Uma outra palavra mal pronunciada é *Riopele*. O «o» não é aberto, é surdo. Os de Pousada de Saramagos têm de dizer, alto e bom som, que *Pele* é o nome dum *rio* que banha aquelas paragens fabris... Mal por mal, que digam os alfacinhas «Riu pele» e fiquem

a saber que esse *rio* também passa por Joane (de «o» igualmente surdo).

Preferi terminar com uma liçãozinha de Geografia a fazê-lo com uma repreensão, de que passo a dar mais alguns sinónimos: abatida, admonenda, agonia, cacholeta, crítica, desandadela, descasca, elogio, ferretoada, gáspeas, geribanda, lava-dentes, monitório, objurgação, pilota, ralho, recadeira, roda, sabonetada, tosquia e zagunchada.

Ainda à espera das vossas achegas, despede-se com dedicação e amizade a

MARIA NÃO

42 /23.12.76.

Andava eu a pensar que ninguém estava interessado nesta questão de sinónimos, quando recebi a seguinte carta:

«Barcelos, 10/XII/76

Ex.ma Senhora

Os meus respeitosos cumprimentos.

Muito à pressa, junto alguns sinónimos de «repreensão», que julgo não terem sido ainda referidos nos seus apreciados «cantinhos»: admoestamento, bate-boca, calor, chamada, charuto, chazada, chegada, corrida, ensino, limão, moral, pito, reparo, responsório, sabatina e teoria.

Com votos de que não desanime, subscrevo-me
at.º e ven.

Um professor de Português»

Muito agradeço ao distinto Professor os 16 sinónimos que enviou, alguns ainda não registados por mim, bem como os votos que teve a amabilidade de formular. E olhe que vieram no momento oportuno!... É que, às vezes, sinto-me tentada a interromper esta colaboração. Porquê?! Porque começo a duvidar se estão interessados nela os leitores do «Jornal de Barcelos». Há uns tempos para cá, ninguém se tem manifestado. São as questões ventiladas que não despertam? É o modo de as apresentar que não agrada?

No «cantinho» n.º 14, a propósito duma dificuldade apresentada por «Pereiró», dizia eu que esta secção pretendia ser uma espécie de consultório e o seu exemplo poderia abrir caminho a novas perguntas doutros leitores, assíduos ou não...

Aqui fica novamente o apelo. Formulem, pois, amigos leitores e queridas leitoras, as suas (não é «as vossas», não, senhores e senhoras!) perguntas, apresentem as suas dificuldades, manifestem os seus desejos, façam as suas críticas. Eu responderei, com muito gosto, dentro das minhas limitações, como disse então.

Quanto a sinónimos de «repreensão», vou encerrar o assunto com mais uma dúzia: admonição, ameaça, bate-barba, carapuça, correcção, descalçadeira, lamiré, raspança, repetoca, repotoca, taçada e toquiadura.

Para terminar, aproveito a observação que fiz no parêntese acima empregado.

Os pronomes possessivos da 2.ª pessoa *vosso*, *vossa*, *vossos*, *vossas* (fora do caso do plural majestático) indicam vários possuidores: o vosso partido, a vossa terra, os vossos camaradas, as vossas professoras. Se, no entanto, os possuidores são as pessoas a quem nos dirigimos e *não as tratamos por «tu»*, devemos usar as formas *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, que são da 3.ª pessoa, mas passam a funcionar como da 2.ª. Por exemplo: — Excelentíssimos deputados, defendam o *seu* partido. — Digníssimos emigrantes, não esqueçam a *sua* terra. — Senhores comunistas, esclareçam os *seus* camaradas. — Respeitabilíssimas senhoras, não envergonhem as *suas* mestras. ⁽¹⁾

Como este já vai longo, fica o resto para daqui a quinze dias, se Deus quiser.

Com votos de FELIZ NATAL da sempre dedicada

MARIA NÃO

(1) BIBLIOGRAFIA:

- 1 Fernando J. da Silva, *Gramática da Língua Portuguesa* (1.º Ciclo dos Liceus), pág. 113.
- 2 *Gramática Portuguesa Elementar*, Por Mgr. Joaquim Ribeiro de Almeida, 1932, pág. 72 § 122.
- 3 Adriano A. Gomes e José Nunes de Figueiredo, *Elementos de Gramática Portuguesa*, 16.ª edição, § 257.
- 4 José Pereira Tavares, *Gramática Portuguesa*, 2.º Ciclo dos Liceus (2.ª edição), 1957, pág. 106.
- 5 Francisco Torrinha, *Gramática Portuguesa*, 3.ª edição novamente revista e aumentada, 1935, pág. 123-124.

Conforme prometi, vou continuar o assunto com que terminei o cantinho anterior.

Quando nos dirigimos directamente a alguém (discurso directo), podemos usar três formas de tratamento: tu, você e vós.

1) Tratam-se por *tu* os camaradas, as amigas, os filhos (há uns tempos, considera-se «chique» tratar deste modo os pais...), etc.

Neste caso, o verbo emprega-se na segunda pessoa do singular, se falamos a um só indivíduo, e os pronomes possessivos que se lhe referem serão *teu, tua, teus, tuas*.

Deste modo, a mãe pergunta:

— Que *estás* a fazer, minha filha? Olha que sujas o *teu* vestidinho.

E a Susana pede à sua amiguinha:

— *Emprestas-me* as *tuas* revistas, Clarinha?

Se são várias as pessoas que *tuteamos*, usaremos a segunda pessoa do plural e os pronomes possessivos *vosso, vossa, vossos, vossas*.

Assim, o pai dirá:

— *Deixai-vos* de tanta conversa... *Estudai* as *vossas* lições!

2) Usa-se o tratamento por *você*, quando falamos a superiores, a pessoas que nos merecem um respeito especial ou a quem não é da nossa intimidade.

Nestas circunstâncias, o verbo emprega-se na terceira pessoa e os possessivos serão *seu, sua, seus, suas*.

Por isso, a empregada doméstica dirá:

— *Dá* licença, minha Senhora? *Quer* que traga o *seu* chazinho?

E o locutor recomendará:

— Senhores telespectadores, *mandem* os *seus* boletins para o concurso...

Se o Fialho Gouveia quer empregar o possessivo *vossos*, deverá dizer:

— «*mandai* os *vossos* boletins...», mas isso seria *tutear* os ouvintes, o que certamente não desejará.

3) O tratamento por *vós*, dirigido a uma só pessoa, é o chamado plural majestático, que se reserva para pessoas das mais altas esferas, como o Rei, o Papa, Deus, etc.

Diz Camões, na dedicatória do seu imortal poema:

— Sublime Rei, ...*tomai* as rédeas *vós* do Reino *vosso*...

E rezamos assim, na oração que o Senhor nos ensinou:

— Pai nosso, que *estais* no céu, santificado seja o *Vosso* nome...

E, por hoje, já chega. Despede-se com amizade a

MARIA NÃO

Vide: F. J. Cardoso Júnior, *ob. cit.*, II volume, pág. 61.

Otoniel Mota, *Lições de Português*, 9.^a edição, 1941, lição XXXII, § 138-144.

44 /27.1.77

Ao dactilografar o «cantinho» anterior, espacei mais e dei-me com a folha habitual completamente cheia sem poder incluir mais alguma coisa, como pretendia, sobre o plural majestático. Só ao ver no jornal o «cantinho» tão pequeno, é que reflecti no engano...

Aí vai agora o aditamento.

O plural majestático na primeira pessoa é usado ou por autoridade, como faz o Bispo, quando fala em nome da sua Igreja (HAVE-MOS por bem dispensar as requerentes, NOSSAS diocesanas, conforme NOS pediram...), ou por modéstia, quando alguém quer comunicar com os outros os seus louvores ou um escritor pretende fazer comum com o público a obra que lhe destina (*Temos* o prazer de dedicar às *nossas* leitoras mais jovens estas despretenciosas linhas — escreve um jornalista) (1).

A palavra «majestático» e as outras da mesma família (os bons gramáticos chamavam-lhes *cognatas*) escrevem-se com *jota*, já que provêm da base latina «majestas».

Quando lemos os programas de festas religiosas, é raro não se anunciar uma procissão, que, na realidade, até poderá ser *majestosa*, mas, no anúncio, muitas vezes, não o é. Questões de... cacografia!

E eis-me a repensar, por associação de ideias, nos erros de pronúncia, a que dediquei já alguns «cantinhos».

No 41, sugeri mesmo ao Sr. Director que fosse enviado à RTP aquele número do «Jornal de Barcelos». Não sei como reagiu o Dr. Vale Miranda... É-me tão difícil encontrá-lo!... Francamente, gostava que se interessasse pelo caso. Olhe que é prestar um bom serviço à Nação... ou, se preferir, ao Povo! Ele aprende lá muitas coisas más (e algumas boas)! Até os nossos alunos são capazes de julgar que nós é que pronunciamos mal certas palavras, tão repetidas por locutores e entrevistados, como : ileso, acesso, interesses, acordos e têxteis.

Volto a repetir : são abertas as tónicas das duas primeiras; todos os outros nomes têm tónica fechada.

Há tempos, no concurso «O gesto é tudo», um participante de Arcozelo apressou-se a corrigir o Fialho de Gouveia, por abrir o A da sua terra, e aquele conceituado «animador» teve a humildade (que muito o dignifica) de aceitar e agradecer a correcção.

Admira-me que as gentes de Lordelo (cuja Fábrica de Lençóis «Sampedro» patrocina generosamente o referido concurso) não se tenham ainda insurgido contra a pronúncia errada do nome da sua aldeia, que tem um «o» aberto na sílaba inicial, contrariamente ao que, todas as semanas, se vem lá pronunciando.

Para finalizar, aí vai outra questão que me tem chocado nesse concurso.

Quando o gesticulador não se faz compreender, outro elemento da equipa faz a seguinte pergunta :

— Quantas *frases* tem (o provérbio ou expressão) ?

Esta é boa! Quantas frases tem!!! O provérbio ou dito tem palavras, não tem frases...

Que interrogue desse modo um analfabeto que veio de Cebolais de Baixo ou uma moça que não conseguiu completar a instrução primária... ainda se desculpa. Mas que seja um artista ou uma artista (mesmo que não passem de ilustres desconhecidos), como tem já acontecido, a perguntar dessa maneira... é caso para desabafar :

— Não haverá mais artistas... que saibam dez réis de Português?

Com a dedicação de sempre,

MARIA NÃO

(1) Cf. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, por Jeronymo Soares Barbosa, sexta edição, Lisboa, 1875, pág. 108.

Não haverá muitos leitores de jornais que reparem tanto nos erros de acentuação e vícios de linguagem como o Sr. Ramiro Lucas Reis. É isso, pelo menos, o que se depreende das muitas cartas a mim dirigidas, três das quais estavam ainda sem comentário, por razões várias.

Também, se houvesse um prémio de assiduidade para os intervenientes nesta secção, não teria dúvidas em dá-lo ao Sr. Ramiro. Mas cá me vem à ideia o Péctrus de Balugães... Começo a estranhar a sua ausência. Que, ao menos, não seja por falta de saúde ou de interesse!

Deixemo-nos, porém, de divagações e vamos aos comentários.

Tem muita razão o Sr. Reis, ao insurgir-se contra o acento agudo em «estamos» e «casava». Pergunta se terá explicação. Julgo que tem uma: a ignorância. Os nossos alunos, às vezes, adiantam outra: a pressa. Costumo responder-lhes que essa desculpa não colhe: a pressa pode explicar a falta, mas não a demasia. Ou o acento não levará tempo a escrever!?

Como qualquer Gramática que se preze traz as regras da acentuação, para lá remeto os meus estimados leitores e as minhas queridas leitoras.

Quanto a sinónimos de «repreensão», que dera por esgotados no «cantinho» 42, aproveitei quatro: pregação, reprovação, vituperação, e vitupério. Junto mais os seguintes: esfrega, esfregação, esfregadela, esfregadura, esfregamento e esfuziote.

A respeito de «camuflagem», não tenha a menor dúvida: trata-se dum galicismo bem dispensável e imperdoável, como tantos outros.

No nosso rico idioma, temos: disfarce, encobrimento, dissimulação. Em vez de «camuflar», empreguemos: disfarçar, esconder, dissimular, encobrir.

Nisto, somos nós bem ricos. É artigo que não precisamos de importar. Já basta termos de andar de mão estendida, por esse mundo fora, a mendigar tanta coisinha, que até podíamos ter...

Como me custa ter de ouvir, quase todos os dias, frases como esta: chegou-se a um *impasse*! Qual *impasse* nem qual galiciparla!

Então como é? Pega-se na palavra francesa, com todas as letrinhas..., pronuncia-se à portuguesa... e cá estamos nós a ouvi-la como se fosse nossa e a engoli-la como se fora uma pílula indispensável... Não, senhores! Deixem o «impasse»! Digam: embaraço, beco sem saída, situação embaraçosa...

Quanto à «Oração ao Divino Espírito Santo», confesso que nunca a tinha lido. Fi-lo agora mesmo e não gostei nada... do Português.

Transcreve o Sr. Reis o comentário da revista «Magnificat», que me parece razoável, mas não posso pronunciar-me sobre o assunto, por estar fora da minha esfera. Talvez o D. Prior de Barcelos ou o Sr. Cónego Arcipreste tenham uma palavra a dizer. Não quer o Sr. Ramiro escrever-lhes, a pedir a sua opinião? O «Jornal de Barcelos» é SEMANÁRIO CATÓLICO...

Com a amizade de sempre, espera outras perguntas de mais intervenientes a muito dedicada

MARIA NÃO

46 /24.2.77

Esta secção teve no domingo passado o seu 2.º aniversário. Quer dizer que o bebé entrou agora no terceiro ano de vida.

Não vou repetir as perguntas que, a propósito, fiz em 1976, até para evitar as mesmas respostas. E, como raras vezes me têm sido apresentadas dificuldades, apetecia-me começar a pôr as minhas, que não são poucas. Talvez o faça brevemente, na esperança de que alguém mas resolva. Hoje, porém, embora com certo receio, vou falar de substantivos colectivos (1).

Toda a gente sabe que *colectivos* são os substantivos comuns que, mesmo no singular, designam um conjunto de seres da mesma espécie. Há quem lhes chame também *substantivos de multidão*: nomes que denotam muitos indivíduos (em sentido geral) como formando um todo ou agregado. É esta ideia de todo, constituído pela reunião de vários seres da mesma espécie, que estabelece a característica essencial dos colectivos. Com efeito, nas palavras «bandidos», «abelhas» existe a ideia de pluralidade, mas não a de um todo único: podemos

indicar muitos seres, mas não exprimimos a ideia de reunião, que constitui, como ficou dito, a característica dos *colectivos*.

Há um tipo de *colectivos* que designam não agrupamento, mas certas instituições sociais criadas para determinado fim — as entidades colectivas: *conclave* (reunião dos cardeais para elegerem o Papa), *clero* (a classe dos sacerdotes), *consistório* (assembleia de cardeais sob a presidência do Sumo Pontífice), *congregação* (conjunto de professores ou religiosos), *cabido* (conjunto dos cônegos duma catedral), *concílio* (assembleia de bispos católicos, para discussão de assuntos importantes), *congresso* (reunião simultânea da Câmara — conjunto dos deputados — e do Senado), *júri* (grupo de juizes ou jurados), *sínodo* (assembleia de párocos convocados pelo superior), etc.

Existem ainda os *colectivos* numerais, como *tríduo* (período de três dias), *semana*, *novena*, *quinzena*, *mês*, *ano*, *triénio*, *quadriénio*, *lustru* ou *quinqüénio*, *década* (dez anos), *século* (cem anos), *milénio* (mil anos), etc.

Se quiséssemos dar uma classificação dos outros colectivos, poderíamos dividi-los em: totais e parciais, específicos e genéricos.

São *totais* ou *absolutos* os que significam uma colecção completa, como manada, rebanho, vara; *parciais* ou *partitivos*, os que designam parte duma colecção, como metade, terço, parte.

Chamam-se *específicos* os que se reservam mais particularmente a determinados indivíduos do que a outros; *genéricos*, os que se aplicam a variadas espécies de seres.

Dos colectivos específicos, muitos derivam do nome do ser a que se aplicam, com o auxílio de sufixos (*ada*, *agem*, *al*, *aria*, *edo* e outros), como: boiada, carneirada, criançada, garotada, meninada, papelada, passarada, ramada, rapaziada, folhagem, matulagem, ramagem, roupagem, algodoal, areal, cafezal, colmeal, faval, feijoal, figueiral, melancial, meloal, pinhal, pinheiral, tojal, vinhal, casaria, infantaria, livraria, ramaria, arvoreda, olivedo, passaredo, vinhedo, etc.

Neste caso, não se nomeiam os indivíduos que formam o colectivo: a *boiada* saíu a pastar; o vento arrancava a *folhagem*. Se, porém, o colectivo não é do mesmo radical do nome primitivo, pode nomear-se o indivíduo a que se refere, ainda que seja um colectivo específico: de repente, surgiu um *enxame* de *vespas*; o *cardume* de *peixes* era enorme.

Continuaremos no próximo cantinho, se Deus quiser, que a folha está a chegar ao fim.

Com a dedicação de sempre,

MARIA NÃO

(1) BIBLIOGRAFIA:

- 1 Prof. Luís Reina, *A Gramática da 3.ª Classe*, pág. 20.
- 2 Colecção Escolar «Progreior», Ensino Primário Elementar, *Gramática*, (3.ª Edição), 1930, pág. 14.
- 3 *Exercícios Práticos da Língua Portuguesa*, por Joaquim Carneiro, Braga, 1894, § 16-17.
- 4 Xavier Roberto, *Elementos da Gramática da Língua Portuguesa*, 2.ª Edição, Lisboa, 1957, pág. 28-30.
- 5 António Branco, *Gramática da Língua Portuguesa*, pág. 22.
- 6 Prof. J. R. Chorão, *Gramática Portuguesa*, 2.ª Edição, para a 3.ª e 4.ª Classe do Ensino Primário e Exames de Admissão aos Liceus e Escolas Técnicas, pág. 24-25.
- 7 Tomás de Barros, *Gramática Portuguesa*, para o Ensino Primário e Admissão aos Liceus, 12.ª Edição, § 41.
- 8 José Salvado Sampaio — Luís Manuel da Silva Marques — Orlando Pinto Baptista, *Elementos de Gramática Portuguesa*, para o Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, Curso Unificado da Telescola e 5.ª e 6.ª classes primárias, pág. 23.
- 9 A. Gomes Ferreira — J. Nunes de Figueiredo, *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*, para o Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, § 108.
- 10 Fernando José da Silva, *Gramática da Língua Portuguesa* (Para o 1.º Ciclo dos Liceus), § 93, pág. 79-80.
- 11 Pires de Castro, *Lições Práticas de Português, Curso Completo da Língua Pátria*, 7.ª edição, § 17, pág. 42-43.
- 12 Matheus de Macedo e Emilio Meneses, *Gramática da Língua Portuguesa*, Para uso dos Alunos do Ensino Liceal e Técnico, 4.ª edição, pág. 37-38.
- 13 *Grammatica Portugueza*, Por Júlio Ribeiro, Décima Primeira Edição, 1913, § 130.
- 14 João de Almeida, *Gramática Portuguesa*, para uso das escolas comerciais e industriais, § 32, pág. 48-49.
- 15 F. J. Cardoso, *Em Prol da Língua Portuguesa*, I Volume, pág. 246-247.
- 16 Adriano Gama Kury, *Português Básico, Para Admissão e Curso Secundário*, § 53.
- 17 Eduardo Carlos Pereira, *Grammatica Expositiva*, Curso Superior, 44.ª edição, § 133-136.
- 18 A. Gomes, *Lições Práticas de Gramática Portuguesa*, Para uso dos Alunos do Ensino Liceal e Ensino Técnico, pág. 36.

Se bem se lembram (imitando o Prof. Vitorino Nemésio, esse poço de cultura que até os analfabetos entendiam e apreciavam, prematuramente desaparecido da RTP — saneado, vetado ou enojado?), no «cantinho» anterior falámos de colectivos genéricos e específicos. Dissemos (cá temos outro plural majestático, também se recordam?) que os primeiros se aplicam a várias espécies de indivíduos. Vamos referir alguns:

alcateia — tanto pode indicar um grupo de lobos ou outros animais ferozes como uma quadrilha de ladrões; *bando* — aplica-se a aves, ciganos, salteadores; *cacho* — pode dizer-se de coisas ou pessoas; *caravana* — diz-se de mercadores ou peregrinos; *caterva* — pode aplicar-se a animais, a gente, a vagabundos; *chusma* — serve para designar criados, marinheiros, mendigos, populares; *enxame* — aplica-se a abelhas, moscas, vespas; *esquadra* — pode designar um conjunto de navios de guerra ou um troço de soldados sob o comando de um cabo; *gado* — diz-se de bois, cavalos, ovelhas; *legião* — pode aplicar-se a anjos, demónios, animais, pessoas; *lote* — emprega-se para objectos variados, mercadorias; *malta* — serve para designar capoeiros, garotos, ladrões, pessoas em geral; *multidão* — usa-se para coisas e pessoas; *ninhada* — emprega-se para aves, coelhos, ratos; *pilha* — pode designar coisas variadas; *rancho* — diz-se de crianças, rapazes, soldados, viandantes; *troço* — tanto se aplica a um corpo de tropas como a uma porção de pessoas destacadas para um serviço; *turma* — pode nomear alunos, operários, trabalhadores.

Em número superior aos colectivos genéricos são os específicos, i.é., aqueles que se aplicam mais particularmente a uns seres, de preferência a outros. Vejamos também uns tantos:

armada (navios), armento (bois), arquipélago (ilhas), batalhão (soldados), cáfila (camelos), choldra, corja, farândola, jolda e súcia (gente ordinária: bêbados, ladrões, patifes, vadios), colmeia (cortiços de abelhas), companhia (marítimos), constelação (estrelas), esquadrão (soldados de cavalaria), fauna (animais duma região), flora (plantas dum país), flotilha (navios de guerra), magote (gente), manada (gado grosso: bois, búfalos, elefantes), manga (pessoas), matilha (cães de

caça), mouça (cebolas), nuvem (insectos), pomar (árvores de fruto), quadrilha (ladrões), renque (árvores), ramalhete (flores), récova ou récua (bestas), regimento (tropas), resma (papel), roda (pessoas), réstia (alhos ou cebolas), souto (castanheiros), tribo (nativos), tripulação (pessoas ao serviço dum barco ou avião), tropa (soldados), vara (porcos).

Talvez seja ocasião de fazer duas prevenções: a primeira é que muitos substantivos podem ser colectivos ou deixar de o ser, de harmonia com o sentido, por exemplo: banda, força, humanidade, parte, mocidade; a segunda é que alguns colectivos, mesmo específicos, se usam em sentido figurado e indicam, então, outros seres de espécie muito diferente, tais como: batalhão, cáfila, colmeia, matilha, etc.

Para terminar e permitir a participação activa de quem me lê, vou fazer uma pergunta:

Quais os colectivos específicos dos seguintes indivíduos: espigas, cebolas, asneiras, cabras, invasores, presos, vadios e mulas, respectivamente?

Espera as vossas respostas, com o maior interesse, a sempre dedicada

MARIA NÃO

48 /24.3.77

No «cantinho» 46, falei de colectivos específicos que derivam do nome do ser a que se aplicam, com o acrescento de sufixos ⁽¹⁾. Pareceu-me útil desenvolver este ponto, embora com receio de me tornar maçadora. Como confio, porém, na benevolência de quem me lê, vou por diante.

Com o sufixo *aço*, temos: bagaço, galinhaço, lendeaço.

Juntando o sufixo *ada*, formamos: arcada, barracada, bezerrada, bicharada, cabrada, canalhada, canzoada, cebolada, coelhada, eguada, estudantada, filharada, franganada, gafanhotada, gatarrada, grilada, jericada, parceirada, pardalada, piolhada, poltrada, porcada, raparigada, vacada.

Servindo-nos do sufixo *ado*, arranjam os: caniçado, relvado, silvado, telhado.

Por meio do sufixo *agem*, alcançamos: bestiagem, cordagem, criadagem, ervagem, ladroagem, maganagem, marinhagem, miudagem, pelagem, plumagem.

Com o sufixo *al*, conseguimos: ameixial ou ameixoal, amial, arrozal, avelal ou avelanal ou aveleiral, bananal ou bananeiral, batatal, beterrabal, canavial, carvalhal, castanhal, cebolal, cereal, choupal, ciprestal, ervaçal, ervilhal, espinhal ou espinheiral, faial, freixal ou freixial, giestal, ginjal, juncal, laranjal, limoal, loureiral, milheiral, morangal, nabal, nogal ou nogueiral, olival, pepinal, peral ou pereiral, pessegal, pessoal, roseiral, sabugal, sobreiral, trigal.

Recorrendo ao sufixo *alha*, logramos: canalha, caniçalha, cordoalha, gentalha, miuçalha, parentalha.

Passando ao sufixo *ama*, chegamos a: coelhama, courama, dinheirama, moirama.

A partir do sufixo *ame*, derivamos: cabelame, cavername, cebolame, cordame, correame, pelame, raizame, vasilhame, velame.

Com o sufixo *aria*, obtemos: artilharia, bicharia, bruxaria, cafraria, cavalaria, cordoaria, escadaria, fradaria, frascaria, gataria, gritaria, livraria, macacaria, moscaria, ossaria, pedraria, peixaria, piolharia, pregaria, rataria, sacaria, vidraria, vozearia ou vozeria.

Com o auxílio do sufixo *ário*, achamos: adagiário, dicionário, fabulário, glossário, hinário, seminário, vocabulário.

Por intermédio do sufixo *edo*, granjeamos: bichedo, bruxedo, castanhedo, ervedo, figueiredo, fraguedo, lagedo, moitedo, mosquedo, pulguedo.

Com o sufixo *eiro*, encontramos: berreiro, braseiro, cançãoeiro, formigueiro, vespeiro.

Por meio do sufixo *dade*, alcançamos: comunidade, cristandade, humanidade, irmandade, mocidade.

Utilizando o sufixo *ia*, formamos: burguesia, clerezia, freguesia, penedia.

Com o auxílio do sufixo *io*, derivamos: compadrio, falario, garotio, gentio, mulherio, plantio, rapazio.

Indo buscar o sufixo *ido*, trazemos: brasido, carvalhido.

Acrescentando o sufixo *ório*, vamos ter a: berratório, falatório, foguetório, palratório, vivório.

Valendo-nos do sufixo *ugem*, topamos: lanugem, pelugem, penugem.

Acrescentando outros sufixos, esbarramos em: beatério, bicheza, pedregulho, pedrouço, soldadesca, vidralhada, livralhada e tantos outros.

Mais alguma coisa fica para daqui a quinze dias, se Deus quiser. Continua a aguardar as vossas respostas a

MARIA NÃO

(1) Bibliografia: Eduardo Carlos Pereira, *ob. cit.*, pág. 155.

Francisco Torrinha, *Gramática Portuguesa*, 3.^a Edição Novamente Revista e Aumentada, 1935, pág. 277.

49 /7.4.77

Quando comecei a falar de substantivos colectivos, disse que o fazia com certo receio. E era verdade. Uma das coisas que receava, e talvez mais, era o trabalho que este assunto me podia vir a dar. E não me enganei. Tenho tido realmente um trabalhão, para me desenvencilhar do tema proposto, e temo ainda que não o faça com a devida clareza e segurança. Muitas dúvidas me têm surgido e vários aspectos me ficam obscuros. Se, ao menos, aparecessem interlocutores, com as suas perguntas, as suas achegas, as suas críticas... Tantos professores do ensino oficial e particular, tantos licenciados em Clássicas e Românicas, tantos mestres de Português... e ninguém me prestará uma ajuda?!

Respondo à pergunta formulada no «cantinho» 47, visto ninguém se ter dignado fazê-lo: os colectivos de: asneiras, cabras, cebolas, espigas, invasores, mulas, presos e vadios são, respectivamente: chorriho, fato, cabo, atilho, horda, ponta, leva e farândola.

Para continuar em colectivos mais ou menos específicos, refiro: álea ou aleia (árvores), antologia, colectânea ou selecta (excerptos de autores diversos), armada (navios), bairro (casas), banco (peixes), banda (músicos), bosque e mata (árvores silvestres), cambada, camúnia, mafra e pandilha (gente ordinária), chicada (ovelhas afi-

lhadas), colónia (emigrantes), cordilheira (montanhas), corso (sardinhas), escolta (guardas), exército (soldados), família (pessoas do mesmo sangue), força (tropas), frota (navios), magote, mó ou mole, onda, revaleste, torrente, turba e vaga (pessoas em grande número), marroada (bácoros desmamados), montado (sobreiros), mulitada (muares), meda, medeiro e moreia (palha), pelotão (soldados), piquete (bombeiros), pléiade (pessoas ilustres), povoado (casas de aldeia), rabastel (ovelhas), recada (porcos), révoa ou revoada (aves em voo), república (estudantes a viver em comum na mesma casa), repertório ou reportório (peças musicais ou dramáticas), salva (tiros) vezeira (porcos).

Passo a indicar mais alguns colectivos genéricos:

acervo, amálgama, colecção, congérie, conjunto, enfiada, metralha, molho, montão, monte, rima e série (coisas variadas), alfeire (porcos novos, cabras e ovelhas sem cria), balhana, cangalhada e caqueirada (móveis ou utensílios sem valor, objectos velhos ou inúteis), brigada (agentes de fiscalização, operários sob a direcção dum chefe), burzigada (coisas amassadas ou dispostas à maneira de cacho), cabila ou cabilda (certas tribos selvagens ou ciganos), catar (camelos, muares), equipa (artistas, cientistas, jogadores), esquadrilha (aviões ou navios de guerra), piara (pessoas, equídeos, porcos), renque (pessoas ou coisas alinhadas).

E ainda não é desta que deixo a maçada dos colectivos...

Com votos de Páscoas Felizes,

MARIA NÃO

50⁽¹⁾
/28.4.75

Vou tentar pôr fim a este assunto dos *colectivos*, que deve ter desapontado muitas leitoras e muitos leitores.

No «cantinho» 46, falámos de entidades colectivas. Podíamos acrescentar: areópago, clube, colégio, liceu, nação, país, etc.

Aludimos, então, a colectivos numerais. Juntamos hoje: alqueire ou rasa (cerca de 15 quilos), arroba (15 quilos), caderno (cinco folhas de papel), carro (40 arrobas ou rasas), centena ou cento (100 unidades), decénio (10 anos), dúzia (12 unidades), grossa (12 dúzias), mão (5 cadernos), milhar ou milheiro (1000 unidades), quarentena (40 dias), quarteirão (25 unidades), quintal (4 arrobas).

Entre os colectivos, podemos incluir ainda: grupo, parte, porção, quantidade, resto, etc.

Quanto a «grupos», mais ou menos ocasionais, de pessoas, menciono:

acampamento, agrupamento, ajuntamento, assembleia, assistência, auditório, círculo, comissão, companhia, grupelho, locafa, partido, patuscada, reunião, romagem, romaria, seminário, soalheiro, sub-comissão, turno.

De «grupos» em movimento, indico: archotada, avalancha, cabeça, caravana, comitiva, conduta, cortejo, dilúvio, farrancho, inundação, marcha, patrulha, préstito, procissão, ranchada, rancho, séquito, trem, tropel.

Entre várias «porções», refiro: beta, braçada, cabula, canastrada, cestada, colherada, dose, fardo, fascículo, fateixa, faxina, feixe, fornada, fusto, garfada, gavela, lio, lote, maçaroca, mancheia, manelo, manhuça ou manhuço, molho, pacote, paveia, pinha, punhado, rima, ruma, trambolho.

Finalmente, quero falar dum tipo de «colectivos» a que os gramáticos em geral dedicam particular atenção.

A questão começa no facto de haver substantivos duplos, um masculino e outro feminino, provenientes do neutro latino: o singular deu um masculino, terminado em «o»; o plural originou um feminino, acabado em «a». Esta forma feminina, precisamente porque veio dum plural, manteve a ideia de pluralidade, um sentido colectivo. Assim, do singular latino «lignum» proveio o masculino «lenho»; do plural «ligna» nasceu o feminino «lenha» ⁽²⁾, que significa *conjunto de lenhos*. O mesmo se diga de: ferramenta, ova, vestimenta.

Posteriormente, outros substantivos femininos, com forma masculina paralela, embora não proviessem de neutros latinos, passaram, por analogia, a implicar também um significado colectivo, tais como: fruta, grita, madeira, maruja, rama.

E quedo-me por aqui, embora esteja certa de que não esgotei o assunto. De resto, também não era esse o meu intento. Uma esperança me fica: a de ter aberto algumas pistas a quem pretenda maiores voos. E isso já me satisfaz. Não acreditam?

Com a amizade de sempre,

MARIA NÃO

(1) No jornal saiu: *Cantinho de Português* (45).

(2) Cf. J. Mattoso Camara JR, *Princípios de Linguística Geral*, 3.^a edição, pág. 165.

Sousa da Silveira, *Lições de Português*, 6.^a edição, pág. 46.

51 /12.5.77

Não sei por que bulas o «cantinho» anterior saiu com o n.º 45. Por amor de Deus, não me venham dizer que cinco foram saneados. Era o que faltava!

Pois este é, realmente, o 1.º depois de meio cento. Até fico espantada!... Já entrei na segunda metade da centena!... E pode-se dizer que estamos ainda no começo. Há tanto de que falar nesta nossa «Madre Língua Portuguesa»!... O problema está, muitas vezes, em atinar com o assunto que mais possa convir aos leitores. Fico a pensar se os temas não terão sido demasiado comezinhos para interessarem a pessoas mais cultas... Mas quantas são as pessoas cultas que se sujeitam a ler estes «cantinhos»?

Por hoje, vou subir um pouco. Falarei de substantivos próprios (1), que, em certos casos, constituirão, para muita gente, autêntica revelação.

Mais uma vez, peço a colaboração de quem sabe da poda, no sentido de corrigir erros, esclarecer dúvidas e remediar deficiências.

Vamos a isto.

Os substantivos que designam nomes de pessoas, apelidos ou sobrenomes (como Maria, Vasco, Ribeiro, Menezes) chamam-se *antropónimos*.

Os nomes próprios ou nomes de baptismo têm a designação especial de *protónimos*, como José, Vergílio, Albertina, Eulália.

Os nomes que indicam filiação ou linhagem (como Henriques, Ramires, Gomes, Afonsinhos) dizem-se *patrónimos* ou *patronímicos*.

Os nomes sagrados de qualquer religião (como Deus, Alá, Virgem Maria, Ressurreição, Jeová, Buda, Belzebu) denominam-se *hierónimos*.

Os nomes de seres propriamente divinos têm a designação especial de *teónimos*, como Padre Eterno, Santíssima Trindade, Espírito Santo.

Os substantivos que indicam nomes de povos, tribos ou castas (como Portugueses, Hotentotes, Cananeus, Brâmanes, Párias) chamam-se *etnónimos*.

Os nomes que constituem epítetos, cognomes ou alcunhas (como Conquistador, Africano, Farruco, Sarrilha) denominam-se *prosónimos*.

Os nomes próprios de seres fabulosos da mitologia (como Júpiter, Vénus, Pégaso, Euménides) dizem-se *mitónimos*.

Os substantivos que designam nomes locais em geral, terras, regiões (como Barcelos, Europa, Atlântico) chamam-se *topónimos* (2).

Dizem-se *hagiotopónimos* os nomes de terras ou lugares quando tirados de nomes de Santos, como lugar de Santo Amaro, freguesia S. Paio, aldeia de Santa Quitéria.

Os nomes de quaisquer rios (como Cávado, Pó, Amazonas, Nilo, Ganges) têm a designação de *potamónimos*.

Orónimos são os nomes de montanhas, como Pirinéus, Cárpatos, Himalaia, Alasca, Urais, Andes.

Os *panteónimos* nomeiam animais, ventos, astros, etc., como Piloto, Argos, Incitatus, Platero, Girafa, Suão, Mistral.

Chamam-se *astrónimos* os substantivos que indicam nomes específicos da astrologia, como Terra, Sol, Ursa-Maior, Capricórnio, Sírio, Cassiopeia.

Daqui a quinze dias, continuaremos.

Com a dedicação de sempre,

MARIA NÃO

(1) BIBLIOGRAFIA

- 1 Tomás de Barros, *Gramática Portuguesa*, Para o Ensino Primário e Admissão aos Liceus, 12.^a Edição, § 40.
 - 2 João de Almeida, *Gramática Portuguesa*, para uso das Escolas Comerciais e Industriais, § 26, pág. 35.
 - 3 A. de Sampaio e Melo, *Prontuário Ortográfico da Língua Portuguesa*, pág. 11-12.
 - 4 I. Xavier Fernandes, *Topónimos e Gentílicos*, Primeiro Volume, 1941, pág. 11-13.
 - 5 *Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa*, 1974, Número 2, pág. 53, e 1975, Número 3, pág. 93 e 113.
 - 6 *Dicionário de Português*, por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, 3. edição.
 - 7 *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*, por Artur Bivar.
- (2) Ou *geónimos*.

Heterónimos são os substantivos próprios que indicam distintas individualidades da mesma pessoa por diversos nomes, como Fernando Pessoa, Alberto Caeiro e Ricardo Reis.

Dizem-se *pseudónimos* os substantivos que apresentam nomes supostos, sob os quais alguns escritores ou artistas publicam as suas obras ou criações, como Júlio Dinis, José Régio, Miguel Torga, Maria Não.

Os substantivos que disfarçam o nome do autor pela transposição das letras do seu nome, fazendo dele um anagrama, denominam-se *criptónimos*, como Selva (em vez de Alves), Vilas (em lugar de Silva), Caterina (por Natércia).

Se o disfarce do nome próprio é feito por outro nome, mediante tradução (geralmente latina), temos os substantivos *metónimos*, como Quercus (para um indivíduo chamado Carvalho), Pinaster (se o sujeito se chama Pinheiro), Nux (para alguém com o nome de Nogueira).

Designam-se por *hipocorísticos* os nomes carinhosos, familiares, infantis, em que há, muitas vezes, duplicação de sílaba ou atrofiamiento da palavra, como Lulu, Mimi, Xico, Zezinho, Quim.

Os substantivos que indicam personagens, reais ou lendárias, de quem uma cidade adoptou o nome (como Alexandria, Leninegrado, Saragoça, Carmona) dizem-se *epónimos*.

Autónimos são os substantivos que apresentam o nome próprio do autor que assina a sua obra, como Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Ferreira de Castro.

Se o autor de uma obra se subscrive com um nome alheio (como Nuno de Montemor, Dulce de Montalvo), temos os substantivos *alónimos*.

Chamam-se *heortónimos* os substantivos que indicam os nomes próprios das festas populares tradicionais, como Carnaval, Olimpíadas, Páscoa, Saturnais.

Os substantivos que designam nomes próprios do calendário, das eras ou épocas históricas (como Maio, Brumário, Outono, Quinhentos, Renascença) dizem-se *cronónimos*.

Têm a designação de *bibliónimos* os nomes próprios que assinam livros importantes, de fama mundial, como Bíblia, Alcorão, Talmude, Eneida, Os Lusíadas. (1)

Como a maior parte dos substantivos referidos termina em «ónimos» (que no Grego significa «nomes»), não quero deixar de aludir a outros vocábulos com a mesma terminação, que, de resto, nada têm a ver com aqueles. Tais são os sinónimos, antónimos, homónimos e parónimos.

Sinónimas são palavras diferentes com significado idêntico, como *alegria* e *júbilo*, *ditoso* e *feliz*, *ronceiro* e *vagaroso*.

Antónimas são palavras que têm significação contrária ou oposta, como *alegre* e *triste*, *amor* e *ódio*, *perto* e *longe*.

Homónimos são os vocábulos com a mesma forma, mas de significado diferente, como *selar* (pôr selo) e *selar* (pôr sela), *atestar* (declarar, por escrito, saber ou ter visto alguma coisa) e *atestar* (encher até ficar testo), *dom* (dádiva) e *dom* (senhor).

Parónimos são vocábulos diferentes, mas parecidos e, por isso, sujeitos a confusão, como *perfeito* e *prefeito*, *saciedade* e *sociedade*.

Aguarda sugestões e reparos a sempre dedicada

MARIA NÃO

(1) Junto agora mais dois:

Axiónimos — os que designam expressões de respeito e reverência, como Vossa Majestade, Dom, Vossa Eminência.

Hagiónimos são os criptónimos constituídos pelo nome de um santo.

53 /23.6.77

Chegou-me às mãos o «Boletim Informativo», da Delegação no Porto da Secretaria de Estado da Comunicação Social.

Lê-se no Editorial do 1.º número: «De periodicidade mensal, procurará fazer chegar aos órgãos apoiados por esta Delegação o contributo compendiado de recortes de imprensa Norte...».

No primeiro número do 2.º ano, a pág. 30, vem transcrito o 44.º «Cantinho de Português», que continua a tratar do plural majestá-

tico e volta a falar de vários atropelos, na RTP, à Língua Portuguesa, sobretudo à ortofonia.

É evidente que fiquei muito satisfeita pelo «recorte» dum «cantinho» em tão importante publicação e, mais ainda, por saber que, conforme nele pedia ao Dr. Vale Miranda, foi enviado à RTP, *a bem da Língua Portuguesa*, o respectivo número do «Jornal de Barcelos».

Na esperança de que também este «cantinho» chegue aos locutores da TV e a outros necessitados, vou dizer algo mais sobre erros de prosódia.

Na noite de 9 de Abril, apesar dos trabalhos duma dona de casa, pude ouvir alguma coisa da transmissão da Vigília Pascal, na Sé de Lisboa.

Gostei imenso da actuação dos vários leitores, que, com óptima dicção, não deixavam perder uma sílaba e interpretavam com fidelidade, na entoação e nas inflexões de voz, o sentido dos autores sagrados. No entanto, nem sempre ficou salva a ortofonia: *ressurreição*, *origem*, *olhai*, *oremos* soaram com a primeira sílaba aberta... e ela é surda em todos esses vocábulos; a palavra «êxodo» foi pronunciada como se se escrevesse com acento agudo; «pelo» ouviu-se como o substantivo homógrafo «pêlo».

Na segunda quinzena de Maio, no Telejornal, houve quem pronunciasse «flagelo» com a tónica fechada e «teor» com a tónica aberta, quando é precisamente o contrário; como apareceu um locutor a pronunciar o elemento de composição «pseudo» dando ao «s» o valor que teria se estivesse precedido de «e» (como também costuma fazer o Dr. Mário Soares, o que aliás não admira, pois, no seu longo exílio na França, desaprendeu o Português, embora não conseguisse assimilar bem o Francês).

Saindo agora do campo da Prosódia, não posso deixar de referir um erro, de flexão, que muito me chocou e entristeceu, já pela responsabilidade da pessoa (que até articula dum modo perfeito e característico), já pela solenidade do acto que se realizava. Ouvi-o também no Telejornal, de 24 ou 25 de Maio. A quem e onde «nem às paredes confesso». Mas que erro foi?! Nada mais, nada menos que «desempenhásteis»!!!

Já, no «cantinho» 32, fiz referência a esta «confusão imperdoável das desinência dos perfeitos com os imperfeitos». Volto ao assunto.

A terminação da 2.^a pessoa do plural é «eis» no pretérito imperfeito (indicativo ou conjuntivo) e «stes» no pretérito perfeito do indicativo. Por isso, temos «desempenháveis» e «desempenhásseis», por um lado, e «desempenhastes», por outro. Será isto difícil de aprender? Ainda terei de voltar ao mesmo tema? Deus queira que não.

Com a maior amizade e dedicação, se despede até de hoje a quinze dias a

MARIA NÃO

54 / 7.7.77

No dia de S. João, foram-me entregues três cartas do nosso conhecido Ramiro Lucas Reis: uma de 19/5, outra de 9/6 e a terceira sem data. Entre coisas ininteligíveis, aparecem algumas aproveitáveis, mas extemporâneas. Vamos a ver se, de futuro, me são enviadas com menos atraso...

E volto a questões de Prosódia. Algumas já estiveram em «cantinhos» passados. É o caso de «Oceânia» (que foi proferida na RTP, mais que uma vez, como palavra grave, a propósito do Dia das Comunidades), «acesso» e «termas» (que certos locutores teimam em pronunciar com a tónica fechada), «acordos» e «interesses» (que outros continuam a dizer como se a tónica fosse aberta).

Por alturas do 25.º aniversário da coroação de Isabel II como rainha de Inglaterra, ouvi dois locutores da nossa TV, que até são dos melhores, a pronunciarem a palavra «jubileu» com o ditongo aberto. Ainda gostava de saber aonde foram descobrir tal pronúncia... E se se lembram de fazer o mesmo com «ateu» ou com os pronomes possessivos que têm esse ditongo?!

Nos «Jogos sem fronteiras» de 23/6, feriram-me os ouvidos as «festinhas», com «e» surdo, do Fialho Gouveia, mas tenho quase a certeza de que, se ele chegasse a ler este «cantinho», nunca mais repetiria o erro.

Passando a temas de concordância, quero referir um outro distlate, que todos pudemos ouvir e lamentar no dia 3 de Maio, se não estou enganada.

Tratava-se duma comunicação ao país, feita por pessoa que considero altamente responsável. Ao terminar a sua oportuna e brilhante exposição, disse, à laia de conselho final: «Oçam o que os alunos *vos* dizem».

Já ventilei este assunto, das formas de tratamento e sua concordância, no «cantinho» 42 e seguintes. Não me vou agora repetir. Direi apenas que a frase está incorrecta. Ou dizia: «Oçam o que os alunos *lhes* dizem (tratamento por *você*) ou então: «Ouvi o que os alunos *vos* dizem» (tratamento por *tu*).

Dir-me-á alguém que aquilo é linguagem revolucionária, progressista ou até democrática. Não faltará quem diga tratar-se do Português actual, do Português do pós-25 de Abril, do Português de agora. Eu peço vénia para lhe chamar pretoguês (com os dois «ee» bem fechados). E, se quiserem tomar a liberdade de me acoimarem de reaccionária, atrevo-me a parafrasear o Senhor Presidente da República, ao falar na Guarda, em 10 de Junho: Se ser portuguesa é ser reaccionária, então paciência. Que sempre o seja!

E, por hoje, mais não digo.

Com muita dedicação e amizade,

MARIA NÃO

55 /28.7.77

Não me foi possível estar e participar na Missa das 11, em 10 de Julho, na Matriz de Barcelos, e tive pena... Pude, no entanto, acompanhá-la através da Emissora Católica e quero apresentar daqui à Rádio Renascença os meus sinceros agradecimentos pela transmissão que veio fazer à nossa terra desse número primordial no Encontro de Coros das freguesias do concelho. Dizer que gostei imenso não é parodiar a minha querida colega Maria João Seixas...

Mas a que propósito venho eu falar duma missa no Cantinho de Português? (Aliás isso não acontece pela primeira vez...). Porque não houve quaisquer atropelos à «Madre Língua Portuguesa»?! Com certeza! Porque «leitores» e «locutor» deram uma autêntica lição de Ortofonia?! Também! Porque a homilia do Dom Prior constituiu

uma notável peça de Oratória?! Sem dúvida! Porque a música me satisfaz, me surpreendeu, me arrebatou?! Exactamente!

No entanto, o motivo primeiro de focar aqui esse acontecimento foi verdadeiramente o seguinte: dar-me o ensejo de iniciar um novo tema — significado etimológico de certas palavras ⁽¹⁾ que julgo muito curiosas, a começar por «música».

Previno, desde já, como tenho feito noutros casos, que não sou catedrática na matéria, conheço as minhas limitações, prevejo deficiências, tenho também as minhas dúvidas e nem pretendo ser original. Por outro lado, ficaria muito grata se me chegassem às mãos, oportunamente, as perguntas, as sugestões, os comentários, as achegas e as rectificações de quem me lê e sabe muito mais do que eu ou não se satisfaz com aquilo que vou dizendo. Ficamos entendidos?

Falemos então da palavra «música».

Evidentemente que não vou discutir se a música é a arte de combinar sons agradáveis ao ouvido ou é simplesmente a arte dos sons, nem dizer, com Gautier, que é apenas «o mais caro de todos os ruídos». Limito-me ao significado etimológico do termo.

Música veio do grego «musiké», subentenda-se «técné» — *arte das musas, as belas artes*, nomeadamente *a arte dos sons*. Na nossa Língua, como habitualmente, entrou por intermédio do latim — «musicam».

Entre os Helenos, a palavra «música» tinha significado mais amplo do que entre os Modernos: designava todas as relações, todo o comércio com as Musas.

Platão, de acordo com os seus princípios, fala dos movimentos da alma e reconhece que a expressão musical tem analogia com eles. Chega a afirmar que a Música, como arte sublime que é, não foi criada para o baixo mister de divertir, antes deve ser admitida somente nos seus aspectos nobres para elevar e educar harmonicamente o espírito e acalmar as paixões. (Será o que acontece com certa música que já entrou em alguns dos nossos templos?). A arte dos sons é elogiada pelo maior discípulo de Sócrates como formadora de caracteres e de virtudes cívicas. Para ele, «música» era mesmo «toda a educação da alma».

No sentido mais rigoroso do termo, a *música* envolvia todo um conjunto de artes: a harmónica, a orgânica ou fabrico de instrumentos, a orquéstica ou dança, a métrica, a rítmica e outras.

Além disso, os Gregos, na generalidade, não conceberam a *música* como arte independente da poesia. Mais ainda: a *música* misturava-se a todas as manifestações da sua vida: cerimónias religiosas, festas populares, guerras, jogos, lirismo, epopeia, teatro, etc.

Em suma: música, poesia e dança, no conceito e no viver helénicos, formavam uma só arte, de enorme intensidade expressiva — as mesmas pessoas que constituíam o coro cantavam sobre palavras ritmadas e dançavam ao mesmo tempo.

Com a amizade de sempre,

MARIA NÃO

(¹) BIBLIOGRAFIA:

- 1 Antenor Nascentes, o. c.
- 2 Eduardo Carlos Pereira, *Grammatica Historica*, 10.^a Edição, 1937.
- 3 Rodrigo de Sá Nogueira. *Dicionário de Erros e Problemas de Linguagem*, 2.^a edição.

56 / 11.8.77

Uma palavra de que muito se tem usado e abusado é «fascismo». Escreve-se assim, como no italiano de que provém, mas já a vi escrita de tantas maneiras e algumas tão bizarras que tenho bem pena de as não ter registado.

Quase toda a gente sabe que o termo designa o sistema político que Mussolini instituiu na Itália, o qual tinha por símbolo um feixe — *fascio* (daí o nome) — de varas. Esse regime baseava-se na ditadura de um partido único, na exaltação nacionalista e no corporativismo.

Por extensão, a palavra «fascismo» passou a designar todo o género de totalitarismo das direitas. E talvez seja ocasião de falar do totalitarismo de sinal contrário, uma espécie de antónimo: o autoritarismo da esquerda — a ditadura do proletariado. Por motivos políticos? Abrenúncio! Única e simplesmente, em razão da etimologia da última palavra. É que *proletariado* vem de «proletário», que, por sua vez, se formou a partir de «prole». *Proletário* era o cidadão da última classe da hierarquia estabelecida em Roma pelo seu sexto rei,

Sérvio Túlio; era o homem pobre, considerado útil apenas pelos filhos (*proles*) que gerava.

Também por extensão, o termo «proletário» passou a significar a pessoa pobre que vive de um trabalho mal remunerado. (Serão assim os que hoje se denominam proletários?).

Aludi há pouco às classes, na velha Roma.

Primitivamente, *classe* (do lat. *classem*) era a divisão dos cidadãos chamados ao serviço militar. Depois, por um lado, generalizou o sentido, passando a significar um grupo de pessoas, animais ou coisas com atributos semelhantes; é, além disso, sinónimo de categoria, grau, ordem, secção e até, em linguagem familiar, de distinção, valor; designa, outrossim, o grupo taxionómico que se situa entre o tipo (ou o sub-tipo) e a ordem (ou a sub-classe). Por outro lado, a palavra «classe» tomou, no ensino, um sentido especial: conjunto de alunos sob a direcção dum mestre; o próprio ensino ministrado por um professor; a aula em que se ensina certa disciplina, etc.

Intimamente ligado ao anterior está o termo «clássico».

Vem do lat. *classicum* —de primeira *classe*, de primeira ordem. Aulo Gélio aplicou-o aos escritores. Da significação de *homem notável na sociedade*, por pertencer à primeira *classe*, passou à de *homem notável nas letras*.

Falei, em cima, de «professor».

Vem do lat. *professore* — o que declara os seus conhecimentos diante de outrem.

Recordemos outros termos começados da mesma forma.

«Profano» (do lat. *profanum*) — o que fica diante do (*pro*) templo (*fanu-*), porque não pode entrar em lugar sagrado.

«Prosa» (do lat. *prosa*, scl. *oratione*) — discurso virado para a frente, que vai em linha recta, que não volta, como faz o verso, quando está completa a medida.

«Prostituir» (do lat. *prostituere*) — colocar diante, expor. (Em Roma, as cortesãs estavam à entrada das casas de devassidão).

Havemos de continuar.

Com votos de BOAS FÉRIAS, se despede a amiga de sempre

MARIA NÃO

No «cantinho» anterior, falei do significado etimológico de «prosa». Vou começar este precisamente com o seu antónimo.

«Verso» (do lat. *versu* — virado, voltado) tem este nome porque, depois de completo, volta-se ao princípio, enquanto na *prosa* se continua até ao fim da linha.

Tendo falado também de *profano*, não será descabido fazer referência a *fanático*, já que a base é a mesma nas duas palavras.

«Fanático» (do lat. *fanaticu-*)—etimologicamente era o que entrava no templo (*fanum*), ao contrário do *profano* (que ficava à entrada). Depois passou a ser o nome por que eram designados em Roma os sacerdotes de Belona, os quais, em certos dias, percorriam a cidade vestidos de preto e munidos de machados de dois gumes, dançavam nus, ao som de trombetas e tambores, e se laceravam com gládios. Hoje, «fanático» significa aquele que possui exagerado ardor religioso ou qualquer indivíduo entusiasmado em demasia por uma ideia.

O entusiasmo, em alguns casos, é despertado, mantido ou aumentado por certas formas de ebbriez, por variadas espécies de droga. Eis uma praga que invadiu também o nosso país, enriquece alguns, desgraça muitos e preocupa muitos mais. Mas não cabe aqui focar estes aspectos, nem seria eu a pessoa indicada para o fazer. Fiquemos no campo das etimologias.

Quase toda a gente ouviu já falar em cocaína, liamba, marijuana e haxixe. O que poucos saberão é que esta última droga originou a palavra «assassino».

O termo é de origem árabe. Vem de qualquer coisa como *ashshashin*, plural de *ashshash* — bebedor de *haxixe*, bebida narcotizante, feita de suco de folhas de cânhamo.

Data da época das Cruzadas a história do Velho da Montanha, chefe duma seita cujos membros, embriagados pelo *haxixe*, *assassinavam* as pessoas que aquele lhes indicava.

Igualmente no «cantinho» precedente, me referi à palavra «professor». Com ela está intimamente relacionada o termo «escola». Tem a sua origem no grego «*scholé*», que significa descanso, aquilo que se faz na hora do descanso, estudo (pelo lat. *schola*). É que,

nos tempos antigos, o estudo era ocupação de quem não precisava de trabalhar. Que lhes parece? Será por isso que muitos dos frequentadores das nossas escolas — a todos os níveis —, em vez de estudantes, são passeadores dos livros?

Entre as diversas escolas, ocupam lugar de relevo os *liceus*, em que tenho tido a honra e o prazer de trabalhar. Por que não referir a sua etimologia?

«Liceu», do grego Lykeion — lat. Lyceu —, era o nome de um antigo lugar de passeio em Atenas, junto do templo de Apolo Lício, nas margens do Ilisso, onde Aristóteles, passeando, ensinava os seus discípulos.

A palavra reapareceu no séc. 18 em França e designava um Instituto em que La Harpe, Chaptal e outros homens de Letras faziam cursos públicos. Depois estendeu-se a significação e hoje designa estabelecimento de instrução secundária.

Desejando continuação de Boas Férias, despede-se com a maior amizade a

MARIA NÃO

58 /29.9.77

O «cantinho» 56 terminava com o verbo «prostituir». Dele provém o termo «prostituta», entre cujos numerosos sinónimos temos a palavra «rameira».

Qual a sua origem etimológica?

«Rameira» formou-se do substantivo *ramo* com o sufixo *eira*. *Rameiras* eram mulheres que frequentavam tabernas (agora a coisa é mais fina...), as quais, entre nós, estavam assinaladas (¹) por um *ramo* (geralmente de loureiro) pendurado às portas.

Estou cá a pensar que não faltará entre as minhas leitoras quem diga com os seus botões: Aquela Maria Não é de topete! O estafermo leva o descaramento ao ponto de falar em prostitutas e rameiras! Até nem parece uma senhora... Pois olhem: estafermo é que não sou. Querem ver por que não?

«Estafermo» vem do italiano «stá fermo» (está firme).

Era um boneco que tinha um escudo na mão esquerda e uma correia, com bolas pendentes, na direita. Se o jogador que o atingia no escudo não se voltasse rapidamente, apanhava com a correia.

Depois, por inversão, passou a significar *pessoa parada e embasbacada*. Também significa *basbaque, espantalho, impecilho* e ainda *pessoa feia, sem graça, inútil, desmazelada*. Quem se atreverá a dizer que o sou?

Relacionada com a precedente está a palavra *enfermo*.

«Enfermo» provém do lat. *infirmu-*, que não está firme; mal seguro; fraco. Depois começou a significar *doente, que não tem saúde, anormal, que não funciona bem, imperfeito*.

Regressada de *férias*, quero dedicar umas palavrinhas à sua etimologia. O termo vem do latim *ferias*, dias de festa. Do mesmo étimo provém a palavra «feiras». São, portanto, formas divergentes, não é assim?

Em sentido litúrgico, dia de festa é o mesmo que dia de descanso. Nesses dias, realizavam-se mercados e era costume apresentar, para oferta, animais, cera, fazenda e outras mercadorias que os comerciantes traziam com esse fim. Depois, o que era acessório (o comércio) passou a principal e as «feiras» desnaturaram-se.

Acompanhado dos ordinais no feminino, de segundo a sexto, o vocábulo «feira» designa os dias da semana.

E pronto. Até daqui a quinze dias, se Deus quiser, com as saudações amigas da

MARIA NÃO

(1) No jornal saiu *assinalados*.

59 /13.10.77

Se este «cantinho» não fosse de Português, não me preocupava com emendar o adjectivo verbal de *assinalar*, que, no quinto parágrafo do número de 29 de Setembro, saiu no masculino, quando tinha de concordar com *tabernas*, que é do género feminino (não é assim?). Mas como é...

Muito tardiamente me chegaram às mãos as quatro cartas do nosso conhecido Sr. Lucas Reis, pelo que apenas vou comentar alguns dos pontos focados, tanto mais que a maior parte não passa de desa-bafos e certas passagens não as consigo decifrar, talvez por deficiência de vista, a exigir os cuidados dum bom oftalmologista. Vamos, então, a eles.

a) «Já tens saudades de deixares de ser jogador de futebol?»

Como desconheço toda a entrevista a que se reporta o Sr. Ramiro, ignoro se o jogador já deixara ou se ainda estava para deixar a prática do seu desporto favorito. No segundo caso, é evidente que não podia ter saudades, pois estas não atingem o futuro. Se, de facto, já tinha deixado de jogar futebol, eu, além de usar a forma impessoal, empregaria o infinitivo passado (portanto, *ter deixado* em vez de *deixares*).

b) Quanto a erros de prosódia ou ortoépia na nossa Rádio (Difusão e Televisão), já tenho apontado alguns em «cantinhos» anteriores e espero denunciar outros, quando achar oportuno. Está bem?

c) Não há dúvida de que o adjectivo derivado de Hipócrates é «hipocrático» (e não «hipócrita»).

E, posto isto, continuemos com significados etimológicos.

No «cantinho» 57, falei de «Liceu». Com esse vocábulo tem certa ligação o termo «Academia».

Vem do grego *akadémia*, pelo latim *academia*-.

Num bosque de plátanos e oliveiras, situado a oeste de Atenas, que um herói chamado *Academo* possuía em tempos remotos, foi instalado um ginásio onde Platão, a morar nas vizinhanças, vinha explicar as suas doutrinas a discípulos interessados. Daí nasceu o nome «Academia», que depois se generalizou para quaisquer sociedades organizadas de sábios, artistas ou literatos. Hoje significa também a escola de instrução superior, o conjunto de estudantes dessa escola, o estabelecimento onde se ensinam várias ciências ou artes e até um sarau instrutivo e recreativo.

Relacionado com o precedente está o termo «diploma».

Provém do latim *diploma*-, que o foi buscar ao grego *diploma* — documento oficial, expedido em duplicata.

Originariamente, era uma peça oficial gravada numa placa dupla de bronze, a formar um díptico. Mais tarde, os eruditos do Renascimento aplicaram esse nome aos documentos mais solenes emanados das autoridades constituídas. Actualmente, são documentos oficiais que comprovam a obtenção de um cargo ou privilégio, de uma distinção ou mercê, de um título ou grau.

E por aqui me fico.

Com a amizade e dedicação de sempre,

MARIA NÃO

60 /27.10.77

Ainda não há muitos anos, os semanários regionais foram, aqui e além, mimoseados, entre outros, com o apodo de *pasquins*. Talvez nem mesmo os que assim alcunharam afrontosamente esses defensores dos interesses da sua terra, e também da sua Pátria, saibam o significado etimológico desse nome depreciativo. Ele aí vai.

«Pasquim» veio do italiano «Pasquino», pelo francês «Pasquin».

Pasquino era o nome dum sapateiro romano, muito conhecido e apreciado pelo seu feitio mordaz, pelas suas piadas satíricas. O povo de Roma deu, por extensão, esse título de «Pasquino» ao torso informe de uma estátua mutilada de Hércules ou Ajax, achada no sub-solo do terreno onde existira a oficina do irreverente chumeco, em cujo pedestal, a partir do século XV, costumavam afixar epigramas manuscritos, contra personagens da época.

Noutra estátua, situada em frente e chamada «Marfório», apreciavam frequentemente as devidas réplicas, de maneira que, durante mais de três séculos, os gracejos trocados entre Pasquim e Marfório constituem a verdadeira história anedótica de Roma.

Para se fazer uma ideia dessas célebres pasquinadas, não resisto a dar um exemplo.

O Papa Sisto V, de família muito modesta, mandara vir para a cidade eterna a sua irmã, que até então não passava duma simples lavadeira, e dera-lhe um palácio para habitar. Passado pouco tempo, a estátua de Pasquino apareceu vestida com uma camisa toda suja.

Marfório pergunta ao compadre a razão de tal desleixo. No dia seguinte, Pasquino ostentava a resposta: «É que a minha lavadeira é agora princesa».

Hoje, o Dicionário «Editora» dá à palavra «pasquim» o seguinte significado: «Escrito afixado em um lugar público com expressões injuriosas ao governo ou a pessoas constituídas em autoridade; panfleto difamatório».

Relacionado também com um nome próprio está o substantivo «patavina», que significa *nada, coisa nenhuma*, como toda a gente sabe da expressão «não perceber *patavina*».

Vem do latim «patavina-» (de Patavium — Pádua, cidade onde nasceu Tito Lívio). O estilo deste historiador latino foi acusado de incorrecto, por conter *patavinismos* (modo de escrever obscuro dos habitantes de Patavium ou Patavinos). Segundo Francisco Adolfo Coelho, o termo vem duma frase escolástica: «não entender o patavino», i. é., Tito Lívio.

E, já que falamos em «escolástica», vamos também ao seu sentido etimológico.

Provém do grego «scholastiké», pelo latim «scholastica-».

Na Idade Média, a ciência vivia nos mosteiros e nas escolas episcopais (schola). Daí o nome «escolástica», que indica, mais do que uma doutrina, uma organização e um método.

Esta é a origem e a significação etimológica da palavra «escolástica»; o seu significado real, porém, é outro: a doutrina que resultou da fusão da filosofia aristotélica com a teologia católica, com a redução dos conhecimentos a fórmulas fixas e com o emprego do processo dialéctico de raciocinar.

Com a dedicação de sempre, até daqui a quinze dias, se Deus quiser.

MARIA NÃO

61 /10.11.77

Como a questão dos *significados etimológicos* parece não ter despertado o interesse (leia-se a tónica fechada) dos leitores, vou mudar de assunto, tanto mais que tenho acumuladas diversas notas de dis-

lates ouvidos na RTP e os pretendo comentar, a *bem da Língua Portuguesa*.

1) Começo por fazer um pedido aos sacrificados membros do júri da «Visita da Cornélia»: deixem para melhores oportunidades o seu poliglotismo e evitem estrangeirismos que nem os novos burgueses do Vilaret nem cá, e muito menos, os proletários da TV entendem. Não lhes custa muito, pois não? E quem lhes paga são os Portugueses...

2) No dia 26 de Setembro, se bem me lembro (como dizia o saudoso Mestre Vitorino Nemésio), na prova «Quem fui eu» da supracitada rubrica (é palavra grave), a propósito da Rainha Santa, ouvi, a pessoa com responsabilidades, dizer, em referência à beatificação e canonização da esposa de D. Dinis: «Leão dez» e «Urbano oito» (ou coisa do mesmo jaez).

Em qualquer Gramática razoável, se diz que na enumeração dos papas e reis, como na contagem dos séculos, devemos empregar os ordinais: Paulo *quarto*, Afonso *terceiro*, século *nono*. Só quando o número for superior a dez, se empregam os cardinais, colocando-os depois do nome: João *vinte e três*, Luís *catorze*, século *vinte*.

Por que disse a narradora: Leão dez e Urbano oito? Será mais uma conquista do 25 de Abril?

3) Um conhecido locutor da RTP (já disse nesta secção que me parece não entender o que vem ler) abusa muito da expressão «melhor dizendo».

Este inciso tem cabimento quando se pretende aperfeiçoar ou completar uma afirmação que estava bem (mas se pretende melhorar) ou incompleta (e se deseja completar ou esclarecer). Quando, porém, se disse qualquer coisa mal, não podemos fazer a rectificação com um descabido «melhor dizendo», visto que *melhor* é comparativo de superioridade de *bem*. Quando tal acontecer, não tenha vergonha de intercalar: *queria dizer* ou *devia ter dito* ou mesmo *desculpem*. Ficamos entendidos?

4) Já aqui censurei o emprego do galicismo «impasse». Foi por isso que fiquei muito satisfeita, ao ouvir, no dia 1 de Novembro, o Sr. Aurélio Santos, do PCP, empregar, em vez daquele, o termo «beco». É que o Sr. Santos não é do PCF! Parabéns e 15 pontos!

5) No mesmo dia, na 2.^a parte do programa «Mosaico», o introdutor (não sei se mais alguma coisa, porque tive de desligar) serviu-se do verbo «abordar», numa expressão de tipo «tema abordado».

O verbo «abordar» tem duas aplicações: (1) uma de formação portuguesa (a + bordo + ar), outra de proveniência francesa (aborder).

A primeira usa-se legitimamente: a) como verbo transitivo, com a significação de «tocar com o bordo» (diz-se duma embarcação que se abeira de outra, bordo com bordo); b) como verbo intransitivo, a significar «chegar a».

A segunda aplicação é galicismo absolutamente dispensável, em vez de: *tocar* num tema, *tratar* dum assunto, *encetar* uma questão (i. é. *ocupar-se* dela, *examiná-la*, *estudá-la*).

Aborder quelqu'un não é, à francesa, *abordar* alguém; é *falar com*, *reunir-se a*, *aproximar-se* ou *abeirar-se de* alguém.

Com muita amizade,

MARIA NÃO

(1) Rodrigo de Sá Nogueira, *Dicionário de Erros e Problemas da Linguagem*, Lisboa, 1974.

62 /24.11.77

Vamos continuar com erros de linguagem.

Há já bastante tempo (estávamos ainda no concurso «O gesto não é tudo»), ouvi o porta-voz do júri dizer: três minutos e vinte e um *segundo*.

Esta é boa! Vinte e um segundo!

Evidentemente que, se fossem três minutos e um segundo, estava bem; mas trata-se de 20 + 1. Portanto: três minutos e vinte e um *segundos* (ou 21 é menos que dois?).

Para continuarmos em numerais, recordo que se deve dizer «dezenas de *milhares* de anos» e não «dezenas de mil anos» ou «dezenas de *milhar* de anos».

Também deve dizer-se: uma vez um, uma vez dois, uma vez três, etc., e duas vezes um, duas vezes dois, duas vezes três; e não: um vez um, um vez dois, um vez três, etc., nem: dois vez um, dois

vez dois, dois vez três; nem: dois vezes um, dois vezes dois, dois vezes três, etc. É que: a) «vez» é singular e «vezes» é plural; b) ambas as formas são femininas; c) tirante «um», os outros cardinais são do plural. Não é difícil de perceber, pois não?

Ouve-se dizer a muita e muito boa gente: «da melhor boa vontade».

Estará bem? Eu preferia «da melhor vontade», eliminando «boa», que já está empregada no comparativo sintético. De tal maneira, porém, a expressão entrou no uso geral que não me atrevo a condená-la. Só acho que então se devia grafar «boa-vontade» (com o hífen), para se tomar consciência de que esse conjunto constitui uma unidade sémica, tal qual sucede com grão-mestre, preia-mar, cirurgião-mor, etc.

A propósito de «preia-mar»: há quem diga «praia-mar», talvez pela íntima relação que existe entre mar e praia. Mas diz mal: é «preia-mar».

«Preia» é o feminino do adjectivo «preio» (de que não conheço qualquer uso). Trata-se duma forma divergente de «pleno» (do latim «plenum», que também deu «cheio»). É isto precisamente que «preio» significa: *Preia-mar* quer dizer *mar cheio*, *maré cheia*.

Perguntará alguém: e então por que se não diz «preio-mar»? É que, como muito bem sabe quem anda enfarinhado nestas coisas da Língua Portuguesa, o substantivo «mar» era feminino no português antigo (como o é ainda em francês) e o composto já existia antes de «mar» passar a ser do género masculino. Por isso se diz também «baixa-mar», i. é., mar baixo, *maré vazia*.

Na linha em que empreguei «preia-mar», usei a expressão «tal qual». É assim que se deve dizer e não «tal e qual» ou «tal e qual como» (mas sim «tal como»).

E pronto. Até de hoje a quinze, se Deus quiser.

Com muita amizade,

MARIA NÃO

63 /15.12.77

E prosseguimos ainda com erros de linguagem.

É frequente ouvir dizer: «a falar a verdade». Acho que nesta expressão o artigo está a mais. Se, em vez de «falar», empregássemos «dizer», então sim: a dizer a verdade...

Também considero censurável a seguinte construção: «Escrevi *à base do* que me informaram». Penso que deve substituir-se por: Escrevi *na base do* que ou *com base no* que ou *tomando por base o* que me informaram.

Inversamente, é a preposição «a» que se deve usar antes do complemento de «amor» ou «amizade»: amor *a* alguém, amizade *a* alguém. Não se diga: amor ou amizade *por* alguém.

É incorrecto dizer: Todas as vezes que for a Paris, visitarei os sítios que já estive. Note-se que «vez» e «sítio» designam *tempo* e *lugar*, respectivamente, e por isso exigem um complemento regido da preposição «em», sempre que se trate do tempo *em* que ou do lugar *em* que ⁽¹⁾. Portanto: Todas as vezes *em* que for a Paris, visitarei os sítios *em* que já estive.

Na mesma ordem de ideias, diga-se: Estou convencida *de* que, desconfiou *de* que, não duvido *de* que, estava persuadida *de* que, convenceram-me *de* que, está segura *de* que, certifiquei-me *de* que assegurámo-nos *de* que, sem jamais suprimir a preposição.

Ao invés, não se diga: Custa a suportar, custa a crer, custa a explicar, custa a viver, custa a acreditar, custa a compreender, etc. Elimine-se aquele «a», que não pode ser a preposição (visto não haver ali qualquer relação a exigi-la) nem o artigo definido (já que não temos nenhum substantivo a determinar) nem o pronome pessoal ou o demonstrativo (pois não apareceu um nome que tenham de substituir). Os infinitivos que empregámos são o sujeito de «custa». Funcionam como substantivos verbais. Poderíamos, por isso, dizer: O suportar custa, o crer custa, o explicar custa, etc. Digamos, pois: Custa suportar, custa crer, custa explicar, etc., sem aquele «a», que não sabemos como classificar gramaticalmente.

E, por hoje, nada mais! (Não faltaria quem dissesse: E, por hoje, é tudo! Eu, porém, recuso-me a usar esta expressão, por a considerar um galicismo absolutamente dispensável: temos várias maneiras bem portuguesas de findar um assunto, tais como, segundo os casos: E pronto! E aqui têm! E é só isto! E aqui está! Acabou-se a história, etc.).

Pronto! Até daqui a quinze dias, se Deus quiser.

MARIA NÃO

(1) O jornal omitiu *ou do lugar em que*.

Mais uma vez me vejo obrigada a tirar o graso às amigalhotas que se atrevem a poisar nos meus escritos. Agora, foi um período que apareceu incompleto. É aquele que, no jornal de 15 de Dezembro, termina por «tempo *em que*» (linha 27). Podia ter sido lapso da minha parte, mas não foi. Conferindo a cópia dactilografada, verifiquei ter escrito também o que realmente lá falta, a saber: ou do lugar *em que*. Houve, por certo, quem desse pela falta, pelo menos as pessoas que lêem isto com olhos de ver, pois a mim também não me passou despercebida, logo à primeira leitura...

O adjectivo «despercebida», empregado na frase anterior, vai-me servir para reiniciar a correcção de erros vulgares. É que não falta quem confunda «despercebido» com «desapercebido» e empregue a segunda palavra em vez da primeira.

Vejamos que não há razão para tal.

Despercebido significa: não percebido, que se não viu ou ouviu, que não notou, a que se não deu atenção, que se não sentiu.

Desapercebido quer dizer: desprovido, desmunido, desguarnecido; sem provisões ou munições.

Por isso, não se deve dizer: aquilo passou-me *desapercebido*; diga-se: aquilo passou-me *despercebido*.

Trata-se de palavras parónimas, que induzem em erros os menos cautos. É o que acontece com «sociedade» e «saciedade». Há tipógrafos que dão a impressão de desconhecem a última das palavras referidas. Se alguém escrever, por exemplo: esse partido já demonstrou à *saciedade* que o povo português não o quer a governar, o compositor, julgando prestar um bom serviço ao autor da frase, chapa o seguinte: esse partido já demonstrou à *sociedade* que o povo português não o quer a governar.

Não há dúvida de que a última construção também faz sentido, mas não era esse que estava em causa. O que o articulista pretendia dizer era que esse partido já demonstrou *exuberantemente, com o máximo de argumentos, indubitavelmente, mais que suficientemente* que o povo português não o quer a governar.

Coisa semelhante se verifica com a palavra *antidiluviano* ⁽¹⁾ que alguns empregam ao referirem-se a qualquer facto anterior ao dilúvio universal. *Antediluviano* ⁽¹⁾ é que deviam dizer. O adjectivo «antidiluviano» teria cabimento se se quisesse qualificar um meio capaz de se *opor* a um dilúvio possível...

Paronímia descabida surge igualmente no emprego de «pouco-chinho» em vez de «poucachinho». O primeiro termo não sei como explicá-lo, visto não existir o sufixo diminutivo «chinho» nem a forma «poucocho». O segundo tem fácil explicação: a «pouco» juntaram-se dois sufixos — *acho* (que aparece em penacho, velacho, etc.) e *inho* (de uso muito frequente). Assim: pouco + acho + inho = pouco-chinho.

Para terminar na mesma ordem de ideias, refiro a expressão «faixa de rolagem», em vez de «faixa de rodagem», a indicar o leito duma estrada ou rua, na parte que se destina aos veículos. Se os carros andassem sobre rolos, estava certa a primeira forma. Mas eles movem-se sobre rodas... Portanto, faixa de *rodagem*.

E pronto!

Com votos de Feliz Natal, despede-se até ao ano, que vos deseja mais próspero, mais fraterno, mais português, a sempre dedicada

MARIA NÃO

⁽¹⁾ No jornal saíu *anti-diluviano* e *ante-diluviano*.

65 /12.1.78

No «cantinho» anterior, houve erros indesculpáveis da minha parte. Estão no parágrafo em que falo de palavras compostas de *dilúvio* com os prefixos *anti* e *ante*. Aparecem aí com hífen, quando eu devia saber que «ante» só leva traço de união se a palavra seguinte começa por «h»; e «anti», se o segundo elemento principia por «i», «h», «r» ou «s».

É certo que, pessoalmente, acho as regras do emprego do hífen uma deplorável bizantinice (como aliás acontece com muitas outras imposições da Gramática). Por que não simplificar o assunto e impor o traço de união para todos os prefixos? Espero que não tarde muito

esta conquista do 25 de Abril. Por enquanto, porém, normas são normas e também tenho de cumprir a Lei. Por isso, devia ter escrito sempre: *antidiluviano* e *antediluviano*. Falhei (e, neste caso, indecentemente—no sentido etimológico do tempo), como é próprio dos humanos.

Agora, vou tentar satisfazer o Sr. Ramiro Lucas Reis, cujas cartas já devem ser do ano passado, e peço-lhe que futuramente não se esqueça de pôr as datas, para eu saber o atraso havido por culpa de outros.

Quanto a «avença», apenas lhe posso dizer que remotamente vem do lat. «advenientia», passando a «advenientia», que deu em espanhol «avenencia» e em italiano «avvenenza».

Aproveito a ocasião para lhe dizer que o termo *manchette* (e louvo a sua preocupação de o colocar entre aspas), embora já apareça aportuguesado para *manchete* por bons dicionaristas, podia bem ser substituído por *nota marginal*.

Em relação à grafia «arcenal», não ignora por certo que oficialmente não é admitida. Sê-lo-ia em 1776? Não me admirava se o fosse. A palavra é de origem árabe e a transcrição fonética tanto podia ser feita, no meu entender, com um «s» como com um «c». Mas eu não sou mulher das arábias...

Relativamente ao «ene» virado que encontrou no epitáfio de ANTÓNIO SANTOS CRUZ, gostaria de saber se aparece assim nas três letras desse nome. Nesse caso, poderíamos concluir que o artista não conhecia a letra N. Se alguma delas está bem gravada, pode tratar-se de engano, ao esculpir as outras. De resto, o «ene» invertido é bastante frequente em escrita e gravação mesmo nos nossos dias, a provar que continua a haver artistas com pouco conhecimento das letras.

E por aqui me fico, pedindo que me façam mais perguntas e me sugiram temas, a fim de poder continuar com esta secção.

Com a dedicação de sempre,

MARIA NÃO

66 /9.2.78

Porque não me chegaram quaisquer perguntas ou sugestões, continuarei a falar de erros frequentes que precisam de correcção.

Começo por «fui eu um dos que lá estive».

Se invertermos a ordem dos membros dessa frase, temos: dos que lá estiveram, fui eu um.

O pronome relativo serve aqui de sujeito e tem como antecedente uma palavra do plural. Por isso, o verbo do predicado tem de ir para esse número: estiveram. Diga-se, portanto: fui eu um dos que lá estiveram.

E é sempre «que lá estiveram», qualquer que seja o sujeito da primeira oração: foste *tu* um dos que lá estiveram, fomos *nós* umas das que lá estiveram.

Passo a: «fazem 50 anos que Barcelos foi elevada a cidade».

O sujeito da oração subordinante não é «50 anos», como alguns parecem pensar; é a oração seguinte, que, por isso, se chama integrante (subordinada substantiva conjuncional, não é assim?). Ora as orações integrantes funcionam como substantivos (do género masculino e do número singular), razão por que se denominam substantivas (quanto à função).

Que é que faz anos? É o acontecimento indicado na oração integrante: que Barcelos foi elevada a cidade. Por consequência, temos de dizer: faz 50 anos que Barcelos foi elevada a cidade.

Outra construção errada, muito frequente na boca de estudantes (e alguns professores não a usarão também?) é a seguinte: Fulana reprovou a Português.

Há aqui dois erros: um no verbo, outro na regência.

Quem reprova é o professor ou o júri, não é o aluno ou a aluna. E reprova nesta ou naquela disciplina, e não a esta ou àquela. Por isso, digamos: Fulana foi ou ficou reprovada *em* Português. Semelhantemente: Fulano foi ou ficou aprovado *em* Francês, Cicrano ficou dispensado *em* Latim, Beltrano foi chumbado *em* Grego, eu fiquei reprovada *em* História.

Vamos a outra frase incorrecta: esqueceu-me de pagar o imposto profissional.

A preposição «de» está ali a mais. O sujeito de «esqueceu-me» é «pagar o imposto profissional». Ora o sujeito nunca é regido de preposição. Portanto, diga-se: esqueceu-me pagar o imposto profissional ou, então, esqueci-me de pagar o imposto profissional.

A propósito de «esquecer»: há quem diga — eu esqueço-me muito, não te esqueças de vir amanhã, pronunciando como fechada a sí-

laba tónica do verbo. São erros de prosódia: o «e» dessa sílaba é aberto, como o é no tema (esquece).

E até de hoje a quinze (se Deus quiser e alguém me fizer perguntas ou sugestões), com a amizade de sempre.

MARIA NÃO

67 /23.2.78

Em 20 de Fevereiro de 1975, surgiu pela vez primeira, em «Jornal de Barcelos», esta secção. Se tivesse sido publicada com regularidade todas as quinzenas, sairia hoje o número 79. Até agora, não fui eu quem falhou. Momentos de desânimo não têm faltado, mas lá os vou superando como posso, tanto mais que, de vez em quando, sempre aparece alguém a estimular-me. Foi o que aconteceu com a carta recebida há tempos, que passo a transcrever:

«Santa Rita das Pardocas, 18 de Janeiro de 1978

Caríssima Maria Não

É sempre com muito agrado e proveito que tenho lido o teu «cantinho de Português» e, como pedes para que te façam perguntas, resolvi pegar no lápis e papel e começo hoje...

1) — Já vi a palavra «Passal» escrita com um «ç». Como será correcto? Qual a sua origem?

2) — Pode-se empregar o «i grego» em vez do «i português» só para agradar às pessoas que dele fazem uso? Exemplifiquemos: Ayres, Gayo, etc., etc.

Sem mais de momento, um abraço.

Maria Alberta»

Sabem onde é Santa Rita das Pardocas? Eu também não. Aventuro-me, no entanto, a dizer que fica à beira de Santo Acácio dos Pardejos... E quem será esta Maria Alberta, que se me dirige com tanta familiaridade? Talvez uma velha amiga, já avó de netos..., mas

não me deito a adivinhar. Retribuo carinhosamente o seu amplexo, junto alguns beijinhos e passo a responder às suas perguntas.

Quanto a «passal», pouco lhe sei dizer.

O «Dicionário Português» da Porto Editora traz somente: Passal, s. m. Terreno anexo à igreja ou residência paroquial para rendimento do pároco; antiga medida agrária. (De *passo*). Navegam nas mesmas águas os dicionários que possuo de José Pedro Machado, Artur Bivar, Francisco Torrinha, Henrique Brunswick e João de Deus (que só não faz referência à «antiga medida agrária»).

Que «passal», na acepção de «medida agrária», provenha de «passo» não me custa admitir, embora nada conseguisse apurar acerca do valor desse antigo padrão. Confesso, porém, que não vejo qual a relação de *passo* com *passal* (terreno anexo à igreja ou residência paroquial), para lhe poder servir de origem.

Quando julgava já nada mais poder adiantar sobre o assunto, descobri no «Diccionario da Lingua Portuguesa» ⁽¹⁾ de José da Fonseca (Feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado por J.-I Roquete) o seguinte:

«Passal, s.m. medida de terra, passo. — *aes*, *pl.* V. Paçal».

Fui ver e achei: «Paçal, s.m. terra junto da morada do parcho, etc.».

Não calcula a Maria Alberta a alegria que senti. É que sempre me pareceu que *passal* (terra anexa e pertencente à casa do pároco ou prelado) devia ser *paçal*, derivado de «paço». Posso estar enganada? Evidentemente! Como agradeceria que alguém me convencesse... E mais lhe digo, querida Maria Alberta: temos de continuar a escrever «passal», única forma que o «Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa», da Academia de Ciências de Lisboa, regista.

O resto tem de ficar para aqui a quinze dias, se Deus quiser.
Com muita amizade,

MARIA NÃO

(1) No jornal saíu «Dicionário da Língua Portuguesa».

Antes de responder à segunda pergunta da benvinda Maria Alberta (na carta endereçada de Santa Rita das Pardocas), queria lembrar outros nomes femininos que já intervieram nesta secção, mas há muito deixaram de dar sinais de vida. Que é feito de Maria do Rosário, Eva Dolvins e EL VIRA? «Cantinho de Português» deixou de as interessar? Sugiram outros assuntos, indiquem novos processos, façam quaisquer perguntas, apresentem as suas dúvidas...

E por onde andam o Valdevinos, o Pindérico, o Sócrates, o Pereiró, o António do Couto Ferreira, o Péctrus de Balugães?!⁽¹⁾ Estão zangados comigo? Olhem que estamos na Quaresma — tempo de reconciliação...

Quem continua a marcar presença é o Sr. Ramiro Lucas Reis. Agradeço a sua carta de 15 de Janeiro, em que informa estarem invertidos todos os «enes» no epitáfio de ANTÓNIO SANTOS CRUZ (de que falámos no «cantinho» 65).

Da sua missiva de 5 de Fevereiro, não chego a perceber a questão. Bastará,⁽²⁾ Sr. Reis, que lhe diga serem divergentes as formas António e Antão?

Vamos agora ao «y».

A Maria Alberta sabe muito bem que: a) o «y» é substituído pelo «i» em todas as palavras portuguesas ou aportuguesadas, como *abismo*, *tipo*, *ianque*, *iate*, etc.; b) o «y» se emprega em abreviaturas e símbolos,⁽³⁾ bem como em derivados eruditos de nomes próprios alie-nígenas que são grafados com essa letra: y = ítrio, y (ou yd) = jarda, byroniano, taylorista, etc.

Relativamente aos nomes próprios que menciona e a outros do mesmo cunho, vou citar o n.º 38 das instruções para a organização do «Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa», da Academia de Ciências de Lisboa, aprovadas pela Conferência luso-brasileira de 1945: «38. Para ressalva de direitos, poderá ser mantida a grafia dos nomes próprios adoptados pelos seus possuidores na assinatura, bem como a grafia original de firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos inscritos em registo público».

Por conseguinte, o Sr. Aires Gaio pode continuar a assinar Ayres Gayo e a firma «Jayme Queiroz de Barcellos» não tem de ser

mudada para «Jaime Queirós de Barcelos»; mas empregar o «y» em vez do «i» para agradar às pessoas que dele fazem uso, isso não, querida Maria Alberta.

A propósito, quero observar ter sido no espírito das instruções acima referidas que, ao citar, no «cantinho» anterior, a obra de José da Fonseca, tive a preocupação de manter a grafia original (Diccionario da Lingua Portuguesa), que o compositor, na melhor das intenções por certo, achou por bem actualizar para Dicionário da Língua Portuguesa.

E por aqui me ⁽⁴⁾ fico, à espera de outras Marias (e de outros Antónios também) ⁽⁵⁾, que venham alimentar o fogo sagrado, a bem do nosso querido idioma.

Com a dedicação de sempre,

MARIA NÃO

-
- (1) No jornal faltou o ponto de interrogação.
 - (2) Esta vírgula foi omitida no jornal.
 - (3) Também esta vírgula não apareceu no jornal.
 - (4) O jornal omitiu este pronome.
 - (5) O jornal suprimiu o sinal de fecho de parêntese.

69 /23.3.68

Continuo em maré de pouca sorte. Já não é somente o facto de quase ter sido passada a ferro por um desses camiões mastodônticos, que, pelo visto, também servem para tráfico de droga e outro contrabando. Nem foi apenas a iminência de ficar sem a minha rica biblioteca, por causa dum curto-circuito nesta velha casa. É também a praga das gralhas, das nossas, às vezes beneméritas, gralhas tipográficas. O «cantinho» anterior serviu-lhes de poiso regalado!... Vejamos.

No 2.º parágrafo, o primeiro período ficou privado do ponto de interrogação, antes do de exclamação.

No 4.º parágrafo, foi eliminada, do segundo período, a vírgula antes de «sr. Reis», a introduzir o vocativo.

No 6.º parágrafo, não aparece a vírgula depois de «símbolos».

No penúltimo parágrafo, além do pronome «me», antes de «fico», falhou o sinal de fechar parênteses, depois de «também».

Uma gralhada de se lhe tirar o grasno!

Mas passemos a coisas novas, nada mais nada menos que *nova* carta da Maria Alberta (que parece ter vindo para ficar...). Reza assim (com algumas correcções):

«Não imaginas como tenho andado aborrecida ao ver no «Cantinho de Português (67)» a tua preocupação, pela carta que te escrevi de Santa Rita das Pardocas. Então não te lembras daquela noite em que fomos saborear aquelas trutinhas estupendamente preparadas pelo tio Manel da Pisca, em casa da minha cunhada Ana Flores, residente naquela aldeia alentejana? Pois bem! Lá me encontro a passar as férias e, se quiseses, anda por aí abaixo, que temos muito a falar do maroto do Francisco do tio Zé, que pregou uma boa partida aos seus pais. Vamos a mais uma dúvida:

Junto à vila de Esposende, está uma placa indicadora da localidade, onde se lê: «Espozende». Há dias, alguém, com certo grau de cultura, afirmava, numa tertúlia de amigos, que a maneira correcta de se escrever era de facto «Espozende»; chamou até à baila o restaurante da mesma vila — Zende. Que me dizes?

E, por hoje, só isto.

Tua amiga de sempre

Maria Alberta»

Está bem, caríssima. Se puder, na minha visita a Elvas, depois da Páscoa, passarei por aí e espero que ainda haja trutas das boas, para um alegre serão.

Quanto à escrita correcta do nome da vila mais próxima de Barcelos, tenho a dizer-te que é *Esposende*. É desta maneira que aparece essa palavra no número 29, j) das já aqui citadas *Instruções para a organização do «Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa», que foram aprovadas pela Conferência de 1945.*

Como a folha está no termo, deixo para daqui a quinze dias alguma coisa mais.

Com votos de Páscoas Felizes para todos,

MARIA NÃO

Conforme prometi à Maria Alberta, direi algo mais sobre *Esposende*.

A grafia que podemos considerar oficial, à face do Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa, da Academia de Ciências de Lisboa, é perfilhada por Mestres como José Joaquim Nunes, Xavier Fernandes, Rodrigo de Sá Nogueira, José Leite de Vasconcelos. Para não me alongar demasiadamente, transcrevo apenas, textualmente, o que diz o último, em suas «Lições de Filologia Portuguesa», na página 151:

«*Espòsende*, nome de uma vila do Minho. Originariamente é genitivo de *Spanusindus*, nome semi-germânico, que se lê em documentos nossos latinos do séc. X, isto é: (villa) *Spanusindi*. Nas *Inquisitiones*, pág. 312, col. 1.^a lê-se *Espoesendi* (séc. XIII), não por êrro tipográfico, mas porque assim está no original da Torre do Tombo (fl. 59 v.), como o sr. P. d'Azevedo verificou; talvez haja êrro do escriba por *Espoosendi*, pois só *oo* antigos explicariam bem a forma contemporânea (o dígrafo *oe* daria *o*, como em *moesteiro*, que deu *mosteiro*)».

Como vê, Maria Alberta, o mais importante da transcrição é a grafia usada pelo Mestre (atenção também ao acento grave no *o*, excelentíssimos locutores da RTP e da RDP!) e a referência ao étimo (em que o *z* não surge). Não lhe basta? Ah! sim. Temos a questão do ZENDE... Mas olhe que nada modifica em relação à ortografia de *Esposende*. Ora vejamos.

Se o nome do restaurante foi tirado do topónimo, como é natural, a sua escrita tinha necessariamente de ser ZENDE, a corresponder à pronúncia das últimas sílabas de *Esposende*. Porquê?! Porque, se grafássemos com *s*, teríamos de pronunciar *cen*de (e lá se ia a ligação a *Esposende*), visto ser *c* o som de *s* no princípio de palavra.

Coisa semelhante acontece com o hipocorístico *Sãozinha*. Formou-se a partir de *Conceição*, não foi? É diminutivo da última sílaba, não é? Mas, como não podemos iniciar uma palavra com *ç* (cf. Observação, do citado n.º 28 das Instruções, depois da alínea *l*), essa letra da última sílaba de *Conceição* é substituída por *s*. Daí: *Sãozinha*.

Analogamente, de *Esposende*, *ZENDE*; mas não, porque *ZENDE*, *Esposende*.

Está satisfeita, querida Maria Alberta? Deixe-me então saudar o Pereiró, que regressa, após larga ausência, com a seguinte carta:

«Ex.ma Senhora:

O facto de não lhe ter escrito há mais tempo não significa desinteresse pelo seu «Cantinho de Português». Leio-o sempre que se publica e cada vez com mais entusiasmo o faço. Aliás, o mesmo se passa com outros leitores de «Jornal de Barcelos». Ainda há pouco, em conversa com uma nossa patrícia, ausente no estrangeiro, a milhares de quilómetros da nossa terra, ela me dizia que «Cantinho de Português» era a primeira secção que lia quando lhe chegava às mãos o nosso jornal. Creia, por isso, minha Senhora, que não são perdidos o trabalho dispendido e o esforço feito.

Agora, o assunto que me levou, como razão principal, a escrever-lhe:

«Quando por lá passei», ensinaram-me a escrever *Sant' Iago*. Sempre procurei escrever deste modo, sem saber porquê, mas apenas baseado na confiança que me merecia a pessoa que me ensinou. Passaram-se anos e começo a ver escrito *Santiago*. Em face disso, gostaria que me elucidasse como deve escrever-se essa palavra:

São correctas as duas formas ou apenas uma? Nesse caso, qual?

Muito grato lhe fico que V.^a Ex.^a me esclareça este assunto, que me parece de grande utilidade para os leitores.

Com os melhores cumprimentos

4/3/78

Pereiró»

A resposta tem de ficar para aqui a quinze dias, com as saudações amigas da

MARIA NÃO

71 /20.4.78

O deixar sem resposta completa, ou nenhuma, as últimas cartas recebidas tem-se devido apenas à falta de espaço na minha folha usual. Parece-me, no entanto, que até há nisso as suas vantagens. Pelo menos,

dá tempo aos leitores de pensarem no assunto e mesmo de o resolverem por si, antes de lerem o «cantinho» seguinte. Não será assim? Não terão alguns encontrado já a resposta cabal à pergunta do Pereiró? A minha aqui vai.

Começo por transcrever a parte aplicável das *Instruções para a organização do «Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa», que foram aprovados pela Conferência de 1945:*

«XI Do apóstrofo.

34. Emprega-se o apóstrofo para:

.....

f) indicar a supressão da vogal final em *santo* e *santa*, antes de nomes próprios do hagiolégio: *Sant' Ana*, *Sant' Iago*, Largo de *Sant' Ana* Ordem de *Sant' Iago*, etc.

Observação 1.^a — Quando esses nomes constituem perfeitas unidades mórficas, os dois elementos aglutinam-se: Manuel de Santana, Pedro de *Santiago*, Santana do Livramento, *Santiago* do Cacem, etc.

Observação 2.^a — Pode empregar-se também o apóstrofo para indicar a supressão da vogal *o* em formas antroponímicas, como Nun'Álvares, Pedr'Álvares, etc., sem impedir porém, que se escreva Nuno Álvares, Pedro Álvares, e bem assim Santa Ana, etc.» (Neste «etc.» incluíamos, para nosso interesse imediato, *Santo Iago*).

A transcrição foi textual e, desde já, declaro que teria reparos a fazer, mas prefiro guardá-los para mim e deixar a cada um a iniciativa de os descobrir.

Vamos antes às origens.

À língua nebraica foi o latim buscar o antropónimo *Jacob*. Deste vieram para a nossa língua *Jacob* (alguns lexicólogos preferem *Jacó*) e *Iago*.

Mas não tempos igualmente o antropónimo *Tiago*?! Pois temos! Como?

Tiago é o resultado da falsa compreensão de *Santiago*, por se julgar que estavam reunidos os vocábulos *san* (abreviatura de *santo*, usada antes de consoante, como em S. Francisco, S. Luís, em que S. é abreviatura de *São*) e *Tiago*, quando os vocábulos componentes são: *sant* (forma que perdeu o *o* final por se empregar antes de vogal) e *Iago*. Por outras palavras: com a antecipação de *Santo* a *Iago* resultou *Sant' Iago* ou *Santiago* (e, como vimos, também *Santo Iago*).

Perdida depois a consciência de que os elementos do grupo eram independentes, a pronúncia *Santiago* (san-tia-go) levou a supor *S. Tiago* (deglutinação chamou Leite de Vasconcelos a este fenómeno). Daqui o aparecimento do nome separado *Tiago*.

Lembro-me de que, anos atrás, os sacerdotes comemoravam, em certo ponto da missa, uma série de santos, entre os quais referiam Tiago. Agora, com a redução que fizeram, não o tenho ouvido nomear. Conheço, no entanto, alguns homens com esse nome.

Julgo ter satisfeito a curiosidade de Pereiró e, concomitantemente, a de Ramiro Lucas Reis (que também propusera a mesma questão), mas quero acrescentar que considero formas divergentes de *Jacob* as seguintes: Jacó, Iago, Tiago, Jaques, Jácome e Jaime. Se estou em erro, que alguém pegue na palmatória...

Até daqui a quinze dias, se Deus quiser.

MARIA NÃO

72 /4.5.78

Em 20 de Março, recebi uma carta de Lisboa que me deu muita alegria. Como é longa, não a posso transcrever na íntegra, mas procurarei comentar as passagens de maior interesse. Começa assim:

«Foi com surpresa que constatei que a senhora ainda se lembrava de mim, embora só tenha contribuído para o «Cantinho de Português» uma única vez, onde usei o pseudónimo de Sócrates». (Não se lembram dele? Leiam o «Jornal de Barcelos» de 22 de Janeiro de 1976).

Chamo a sua atenção para «constatei». É galicismo que deve evitar. Empregue «verifiquei», para ser coerente com o que diz no 3.º parágrafo da sua missiva:

«Continuo a seguir o «Cantinho» com o mesmo interesse, embora não tão assiduamente, por ter afazeres escolares e profissionais que mo impedem. No entanto, continuo a pensar que o «Cantinho» é um artigo de valor inestimável e de uma importância extraordinária para quem se interessar a fundo pela nossa língua, para quem quiser falar *Português* e não um dialecto qualquer derivado do Português».

Também o termo «afazeres» é tradução desnecessária do francês «affaires». Digamos *ocupações, trabalhos, negócios, funções*, para não sermos acoimados de *galiciparlas*.

Quanto a «uma excessiva dificuldade nos problemas postos e que poderão não ir ao encontro dos conhecimentos da maioria dos leitores do jornal...», bem sei que alguns assuntos não interessam à maior parte dos leitores, mas sei também que há assinantes mais exigentes e cultos, a merecerem igualmente a minha atenção... Por outro lado, se me põem uma questão, gosto de aproveitá-la o mais que posso e, às vezes, vou parar muito longe...

Muito me lisonjeou (esta tão mal compreendida vaidade feminina...) o trecho que vem mais adiante:

«...não quero deixar de lhe dizer que tem toda a minha admiração pelo esforço que tem feito em ensinar as pessoas a conhecer melhor a sua língua natal e que esse esforço merece o apoio de todos os Portugueses».

Bem haja, amigo! O seu «apoio moral» é mais um incentivo para continuar, pode crer.

Na última passagem transcrita, aparece três vezes a palavra «que». Poderia ter eliminado o «que» depois de «esforço». Bastava suprimir também a forma verbal «tem» e escrever apenas «esforço feito». E ainda ficavam dois *ques*... Mas vamos à sua questão.

«É o problema da 2.^a pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos. Quase toda a gente insiste em juntar um «s» a esta forma verbal, o que é incorrecto. Teima-se em dizer «fostes» em vez de «foste», «vistes» em vez de «viste» e assim por aí fora. Por que é que se faz este erro? Será confusão com a 2.^a pessoa do plural?».

Há, de facto, muita gente (*quase toda é exagero*) que comete esse erro. Confusão com a 2.^a pessoa do plural? Talvez! Por força da *analogia*, que tem uma importância notável na flexão verbal? Mais provavelmente! Como sabe, a desinência «s» pertence à 2.^a pessoa do singular de todos os tempos e modos (excepto no imperativo, em que precisamente se tira o «s» às formas correspondentes do presente do indicativo). Só no pretérito perfeito simples do indicativo é que a desinência é «ste» (portanto sem o «s» final). Será de admirar que, *por analogia*, muitas pessoas acrescentem também o «s» a essa desinência característica? É um erro?! Evidentemente! Mas eu até o desculpo... Acho que há outros mais indesculpáveis e menos explicáveis.

Obrigadinha, no entanto, por ter levantado o problema, que, efectivamente, não tinha «ainda sido tratado no «Cantinho».

A propósito, lembro-lhe o «cantinho» 53, em que me refiro à confusão de perfeitos e imperfeitos, na 2.^a pessoa do plural, com alusão ao «cantinho» 32.

E até daqui a quinze dias, se Deus quiser, pois já tive de utilizar uma folha suplementar.

Com a amizade de sempre,

MARIA NÃO

73 /18.5.78

Em meados de Abril, recebi nova carta da Maria Alberta. Confesso que fiquei seriamente perplexa e ainda agora hesito em comentá-la. Diz, quase no princípio: «A tia Bitraca do Tarrelo, ao ler o Cantinho de Português (69), ficou muito arreliada contigo e até me disse que eu andava enganada, pois não eras uma camarada a sério. Então vais escrever aí que fizeste correcções à carta publicada, sem indicares quais foram os meus falhanços? Ora bolas...».

Francamente! Não sei se hei-de desgostar, mais uma vez, a tia Bitraca ou fazer a vontade à Maria Alberta...

Talvez tivesse procedido mal, dizendo que fiz correcções. Podia tê-las feito sem o dizer. Não julgue, no entanto, a boa da tia Bitraca do Tarrelo que estava nos meus propósitos amesquinhar a Maria Alberta. Nada disso! Eu até penso que os seus falhanços foram propositados..., para despistar. Estarei enganada? Por outro lado, eles eram insignificantes: acento circunflexo em «maroto» e «ver», acento agudo em «à», uma vírgula a mais e outra a menos, «quiseres» com «z»... não me parece merecerem uma chamada especial de atenção e a Bertinha não precisa de que lhe ensine estas coisas.

Também agora corriji alguns erros do mesmo género, mais uma 2.^a pessoa do singular do pretérito perfeito, escrita como se fora do plural (questão proposta pelo Sócrates no «cantinho» anterior).

Não diga a tia Bitraca que não sou «uma camarada a sério». Evidentemente que não o sou no sentido etimológico do termo, pois,

como nunca andamos no mesmo colégio, não fomos companheiras de quarto (lat. camara), nem o sou com os valores conotativos que muitas vezes se descobrem nessa palavra. Mas sinto muito gosto e muita honra em ter a Maria Alberta por companheira, amiga, colega, confidente, sobretudo nestes problemas da «Madre Língua Portuguesa».

Não quero perder a ocasião, relativamente a «quiseres», de esclarecer quantos erradamente escrevem com «z» a segunda sílaba (a Bertinha não entra na nutrida conta...) que se trata duma lamentável confusão com o verbo «fazer», em cujo tema existe aquela letra nas formas do tema do perfeito (como também nas do presente). No verbo «querer», porém (igualmente em «pôr»), o tema do perfeito termina em «s» (quis, pus). Portanto, o «z» não tem ali entrada.

Depois de mais algumas considerações, a Maria Alberta propõe uma dúvida:

«Tenho visto escritas as palavras «marginado» e «marginalizado», para designarem aquele que não consegue adaptar-se à vida normal do ser humano. Poderá empregar-se qualquer uma delas, indiferentemente, ou o seu uso está condicionado a qualquer circunstância? Que me dizes?»

Vou deixar a resposta para a próxima vez, porque, sinceramente, preciso duma ajuda amiga para a dar.

E até de hoje a quinze dias, com a dedicação de sempre.

MARIA NÃO

74₁/1.6.78

Vamos, então, tentar responder à Maria Alberta.

Diz a nossa amiga que tem visto escritas as palavras «marginado» e «marginalizado», para designarem aquele que não consegue adaptar-se à vida normal do ser humano.

Em primeiro lugar, há um erro ortográfico a corrigir no segundo vocábulo em foco. *Marginalizado* é que se deve escrever. Trata-se do particípio de «marginalizar», verbo causativo em que temos o sufixo «izar». Não falta quem confunda as terminações *isar* e *izar*.

Temos, por exemplo, *analisar* e *fertilizar*. No primeiro caso, há o sufixo «ar», que se juntou ao substantivo «análise». Por isso a terminação é *isar*. No segundo, foi o sufixo «izar» que se acrescentou ao adjectivo «fértil». Daí *fertilizar*, com a terminação *izar*.

Em segundo lugar, não me parece que esses termos sejam empregados exclusiva e precisamente «para designarem aquele que não consegue adaptar-se à vida normal do ser humano». Mas deixemos isso e vamos às origens.

Esses vocábulos, e outros mais, formaram-se a partir do substantivo «margem». Assim, temos:

Marginado — que tem margem; que se marginou; que forma margem; escrito na margem do livro ou do manuscrito.

Marginar — margear; anotar à margem; compassar as margens do papel, ao imprimir; escrever na margem do manuscrito ou do livro; seguir pela margem.

Margear — ir pela margem ou ao longo de; orlar, debruar; estar na margem de; fazer margens num terreno que se vai semear; guardar a margem.

Marginal — da margem; que está à margem; que diz respeito à margem; que segue ao longo da margem; relativo à margem; da margem de escrito ou livro impresso; posto à margem.

Esta última acepção de «marginal» só a encontrei no dicionário de Francisco Torrinha, mas penso que o grande Mestre não a applicava ao homem. Fá-lo o Dicionário da Língua Portuguesa, da Sociedade de Língua Portuguesa, que pessoa amiga me facultou. Diz assim: «Homem *marginal* — pessoa que vive entre duas culturas, que estão em conflito, isto é, onde duas atitudes, de superioridade e de inferioridade, de prevenção e opposição, são comuns».

Hoje, o adjectivo «marginal» emprega-se, como substantivo, para designar aquele que vive à margem da sociedade, fora das suas leis, desprezado pelo comum dos cidadãos, etc.

Dele se formou, com o sufixo «izar», o neologismo «marginalizar», que não vem registado em nenhum dos oito dicionários por mim consultados.

Por tudo quanto fica dito, acho que, dos termos referidos pela Maria Alberta, se deve utilizar apenas o segundo: *marginalizado*.

Não sei, querida, se ficas satisfeita com a minha resposta. Gos-

tava de dar melhor, mas a verdade é que não chegou a ajuda amiga de que precisava e que implicitamente pedia no «cantinho» anterior...

E pronto! Até à próxima quinzena, se Deus quiser.

Com muita amizade,

MARIA NÃO

75 /15.6.78

Andava eu preocupada, a pensar no assunto que havia de desenvolver, quando recebi, no dia 6, a seguinte missiva:

«Ex.ma Senhora

Maria Não

Há perto de três semanas, escrevi-lhe uma carta, ao cuidado do «Jornal de Barcelos», a falar-lhe num tema que me parecia interessar para o «Cantinho».

Até agora nem sinais de vida! Não lhe pareceu ter interesse tal assunto, ou o «Jornal» não teve o cuidado de lhe fazer chegar às mãos essa carta?

Podendo ter acontecido esta última hipótese — o que lamento —, novamente lhe ponho a questão:

Vi escrito que «Fregueses vem do latim *filii ecclesiae* — *fligreses* — *filhos de Deus ou da Igreja*».

Compreendo, assim, que se chame fregueses aos paroquianos. Daí chamar-se ou dizer-se fregueses no sentido de clientes e freguesia no sentido de clientela?

Não calcula quanto gostei de ver isso escrito! Mas gostaria que me dissesse se está certo o que li, qual a evolução da palavra, etc.

Não lhe parece que outras pessoas terão interesse igual ao meu?

Muito grato

31/5/78

Valdevinos»

Começo por dizer ao Valdevinos que a tal carta não me veio às mãos e esta segunda tem a data de 31/5 e o carimbo de Barcelos de 1/6 e apenas cá veio parar em 6. Valdevinos põe a hipótese de falta de cui-

dado por parte do «Jornal». É possível, mas eu avento outra: que se tenha extraviado. Talvez fosse parar a outra caixa, perdida no meio de qualquer periódico, como eu já recebi algumas que não me eram dirigidas. Não se admire, meu caro. Já aqui, pelo menos uma vez, lamentei os serviços dos nossos Correios, sempre a aumentarem de preço e a diminuírem de eficiência... Que lhe havemos de fazer? Está tudo cada vez melhor e mais barato, não é?

Pensou também o Valdevinos que o seu tema poderia não me interessar. Pelo contrário! E interessa, por certo, a muito boa gente.

O caso é que o amigo me põe sempre problemas... que são problemas! E receio bem não o satisfazer como quereria. Mas nem por isso deixo de tentar.

São muitos os etimologistas que consideram o substantivo *freguês* proveniente da expressão latina *filium ecclesiae* (filho da igreja), mas não faltam grandes Mestres que o derivam de *filium gregis* (filho do rebanho).

Não vou agora terçar armas por uma ou outra opinião (e quem sou eu para o fazer?), embora prefira a primeira, mais ou menos com esta série: *filium ecclesiae* — *filieclesie* — *filigresie* — *filigreje* — *felegrês* — *feegrês* — *freguês*.

Suponho, no entanto, que a evolução desejada por Valdevinos não é a fonética, mas a semântica. Neste sentido, princípio por transcrever o que diz Herculamo, na sua História de Portugal, a respeito de Freguesia: «Por tôda a parte, em meio dos campos, entre as parcelas cultivadas, à sua custa construída e por eles sustentada, se levantou a igreja rural, que atraía para perto de si moradores, e se tornava centro da vida social. Para os ofícios divinos, para as notícias, para a discussão de interêsses comuns, juntavam-se à sombra do campanário, os *fregueses*, *filhos da igreja* (*filii ecclesiae*, *filigrejes*). A área de onde concorriam ao centro os moradores chamou-se Freguesia». ⁽¹⁾

Como a folha habitual está quase no fim, continuarei no próximo «cantinho».

Com muita consideração e amizade,

MARIA NÃO

⁽¹⁾ Vide: Alexandre de Carvalho Costa, *Reflexões Etimológicas*, 1.º Vol., pg. 91.

Vimos o que para Herculano significavam os termos *freguesia* e *fregueses*.

No meu entender, quer provenha de *filium gregis* quer derive de *filium ecclesiae*, «freguês» começou por significar «paroquiano», habitante da paróquia, e não é sem motivo que Xavier Fernandes ⁽¹⁾ lembra a correlação que existe entre o *filho da igreja* (freguês) e o *padre* (pai). *Filho da igreja* sugere a obediência ao representante desta, i é., ao *padre* (que etimologicamente quer dizer *pai*) e este significado primitivo ainda hoje se conserva em algumas terras, onde os párocos chamam fregueses aos seus paroquianos.

Depois, o sentido estendeu-se e a palavra «freguês», que era sinónimo de *paroquiano*, como *freguesia* ainda hoje o é de *paróquia*, tomou o significado de indivíduo que compra habitualmente ao mesmo negociante. Ainda por extensão, «freguês» passou a designar a pessoa que utiliza os serviços do mesmo médico, farmacêutico, advogado, garagista, cabeleireiro, etc.

Dai, como inquire Valdevinos, empregar-se *fregueses* no sentido de *clientes* e *freguesia* com a significação de *clientela*.

Parece, pois, indubitável que o termo «freguês» é de origem eclesiástica e demonstra a influência da Igreja mesmo no campo social.

Não quero deixar de referir que Martins Sequeira ⁽²⁾ se insurgia contra a substituição pretenciosa do vocábulo «freguês» por «cliente», que acoimava de pedantismo ⁽²⁾.

De certo, Valdevinos esperava mais de mim. Tenha paciência! Cada qual dá o que pode. Talvez para a próxima melhor sorte lhe sorria...

Agora, vou atender outro *freguês*, o nosso bem conhecido Ramiro Lucas Reis.

Escreveu em 2 de Abril! E a sua carta chegou aqui também no dia 6 de Junho! E não foi por culpa dos Correios: foi entregue pessoalmente na rua de S. Francisco, dirigida ao «Digno Director de JORNAL DE BARCELOS». Mas todos sabemos que o Sr. Dr. Vale Miranda tem muito que fazer! Ou essa carta andaria também a correr Ceca e Meca?!

Diz o nosso amigo que, algures em Trancoso, há um nome «Roiz» e pergunta se eu o admito. Fala dum Manuel Rodrigues Fernandes, que fez um sino para a igreja paroquial de Santa Maria de Trancoso, «para se memorar, ao fazer lá o sacristão o toque». O Sr. Reis também acha que «era até bonito se o caso aqui posto fosse ao conhecimento da família».

Se admito o nome «Roriz»?! Por que não?! Entre os poetas do *Cancioneiro Geral*, há alguns com esse antropónimo. Quem ignora que a primeira «Horoíde» de Ovídio foi traduzida por João Roiz de Sá e a «Epístola de Ulisses a Penépole», por João Roiz de Lucena? Quem não conhece João Roiz Castelo Branco, o célebre autor da encantadora cantiga «Senhora, partem tão tristes»?

Como se formou essa palavra?!

Não vi tratado o assunto por ninguém. Parece-me, no entanto, que é fácil explicar essa forma. Deve ser apenas uma contracção de «Rodrigues», de que se aproveitou a primeira sílaba, a vogal tónica da segunda e a consoante final da forma intermédia «Rodriguez». A terminação «ez» é o resultado da evolução fonética do sufixo de filiação «ici», como sabe muito boa gente, do estudo dos patronímicos: Antunici — Antunez, Henriquici — Henriquez, Ruderiguici — Rodriguez.

Com a amizade e dedicação de sempre,

MARIA NÃO

(1) Cf. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, por Antenor Nascentes, pág. 352.

(2) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Lisboa, 1946, pág. 121 e 102.

77 /13.7.78

Vou ver se respondo satisfatoriamente a duas perguntas de Ramiro Lucas Reis, em carta de 25 de Maio passado.

Quanto ao topónimo «Belém», Xavier Fernandes, em *Topónimos e Gentílicos*, (1) apresenta como formas estrangeiras ou mal aportuguesadas «Betlem, Bethlehem, etc». Noutro ponto da mesma obra (2), referindo-se ao significado etimológico de topónimos estrangeiros,

escreveu: «Betlém (Bethlehem), casa de pão (hebr.), com a seguinte nota: «*Betlém* é a povoação da Judeia, onde nasceu Jesus Cristo, e não deve confundir-se com *Belém* de Pará ou *Belém* junto a Lisboa ou ainda outras terras de idêntico nome (no Estado-de-S. Paulo, na tribo de Zabulon, etc.)». Mas convém notar que a sua obra foi impressa em 1941, antes, portanto, da Convenção luso-brasileira (de 29 de Dezembro de 1943) e do Acordo complementar (de 10 de Agosto de 1945).

Pela minha parte, só conheço como oficial a ortografia «Belém». *Bethléem* é forma francesa e *Bethlehem* é latina, certamente decalcada na grega e na hebraica.

Relativamente ao antropónimo da filha de Labão, amada de Jacob, por certo Camões escreveu *Rachel* (e assim se continuou a escrever durante séculos), mas nunca pronunciou esse nome da maneira como o fez o tal candidato a um curso superior, que tanto escandalizou o Sr. Reis (pouco habituado, talvez, à ignorância da maior parte dos nossos estudantes de agora). Há muito tempo, porém, que se escreve *Raquel*, como ficou consagrado no n.º 20 das *Instruções para a organização do «Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa»*, que foram aprovadas pela Conferência de 1945, já aqui citadas por várias vezes, ao dizer: «O *ch* (gutural) é substituído por *qu* antes de *e* ou *i*».

E entro noutro assunto, com a transcrição duma carta recebida em 28 de Junho.

«Minha Senhora

Sempre ouvi chamar *Barcelinenses* aos habitantes de Barcelinhos e às suas coisas (Associação *Barcelinense*, etc.). Porém, no livro do Dr. Alexandre de Carvalho Costa, *Gentílicos e Apodos Tópicos de Portugal Continental* (na página 123), são designados por «*Barcelinhenses*» os habitantes dessa freguesia.

E parece que o autor não aceita outra designação a não ser essa. É que, relativamente a outras terras, usa dois ou mais nomes (v. g. Arcozelense ou Arcucelense, Arenense ou Vilarense, Macieirense ou Ratinho, etc.), enquanto que no tocante a Barcelinhos usa apenas essa.

Estará certo ou não? Será *Barcelinense* ou *Barcelinhense*? Ou poderão usar-se as duas formas?

Não lhe parece uma questão de interesse, até porque se trata duma terra a que esse Jornal pertence?

Muito agradecido lhe fica

19/6/78

O Pereiró»

Como a folha vai adiantada, limito-me a chamar a atenção de Pereiró para a adversativa «porém», que devia ser colocada depois de «No livro» (entre vírgulas) e não no princípio do período, e para a locução «enquanto que», que é um galicismo e podia ser substituída por «ao passo que».

A resposta à questão ficará para daqui a quinze dias, se Deus quiser.

Muito grata pela sua intervenção e com a amizade de sempre

MARIA NÃO

(1) I Volume, pág. 52.

(2) Idem, pág. 126.

78 /27.7.78

Barcelinenses ou Barcelinhenses? Eis a questão que Pereiró apresentou.

Como ele, também eu, desde que para cá vim, sempre ouvi dizer «Barcelinenses». E ainda há pouco, a propósito do aniversário da sua fundação, vi que os Bombeiros de Barcelinhos se denominam *Corpo Voluntário de Salvação Pública Barcelinense*.

O Dr. Alexandre de Carvalho Costa, em *Gentílicos e Apodos Tópicos de Portugal Continental*, chama Barcelinhenses aos habitantes de Barcelinhos e não regista o gentílico «barcelinense». Que digo a isto?

Antes de mais, parece-me conveniente dar uma ideia de gentílicos e sua morfologia.

Dizem-se *gentílicos* (também chamados *étnicos* ou *pátrios*) os nomes que indicam a terra (nação, província, cidade, vila ou aldeia) a que alguém ou alguma coisa pertence, ou melhor, designam as pes-

soas e as coisas pertencentes a essa terra. Não são nomes das terras (esses chamam-se *topónimos*, como Barcelos, Portugal, Europa), mas apontam para eles (como barcelense, português, europeu), exprimem naturalidade ou residência, envolvem a ideia de *jus soli* (direito do solo).

A formação dos *gentílicos* é bastante variada: umas vezes, junta-se um sufixo ao topónimo (barcelense, de Barcelos); outras, usa-se uma simples desinência (leirio, de Leiria); ainda outras, utiliza-se a forma completa do respectivo topónimo (maranhão, de Maranhão); em alguns casos, abrevia-se o topónimo correspondente (suasi, de Suasilândia); noutros, recorre-se ao nome latino ou latinizado da respectiva localidade (bracarense, de Braga por intermédio de Bracara) ou até a um vocábulo inteiramente diverso (coliponense, de Leiria, mediante *Collipo* — nome de uma povoação romana que, em tempos mui remotos, existiu entre os rios Lis e Lena, em local próximo da actual cidade de Leiria).

O processo mais comum é, sem dúvida, o recurso a sufixos, entre os quais *ense*, *ês*, *ano*, *ão*, *ejo*, *eno*, *io* e *ista* são os mais importantes.

Deve, entretanto, notar-se que há muitos topónimos com formas de plural aparente (como Barcelos, Cabeceiras, Matosinhos) e bastantes outros também terminados em «s» (embora não se possam tomar como plurais, nem sequer aparentes, visto tal «s» não ser, em hipótese nenhuma, desinência do plural — como Elvas, Guimarães, Londres, etc.). Em qualquer dos casos, os gentílicos correspondentes formam-se dos respectivos singulares (reais ou supostos). Por isso: barcelenses, e não barcelosenses; elvenses, e não elvasenses; londrinos, e não londresinos.

Passemos a Barcelinhos e seu gentílico.

Carvalho Costa formou «barcelinhense». Juntou o sufixo «ense» ao suposto singular «Barcelinho», como fez nas mais de quatro dezenas de topónimos em *inho*, *inha*, *inhos*, *inhas*, que passaram a ter, pelo acima exposto, a terminação «inhense», com as seguintes excepções:

de Alpedrinha — alpetriniense (ao lado de alpedrinhense);

de Marinha Grande — marinhoto (e também marinhense);

de Matosinhos — matosineiro (com matosinhense).

Note-se que no índice dos Gentílicos aparece matosinense, mas por gralha evidente, visto no topónimo correspondente só registar os gentílicos *matosineiro* e *matosinhense*.

Então de Barcelinhos não se pode formar «barcelinense»?
A resposta tem de ficar para a próxima quinzena.
Com as saudações amigas de

MARIA NÃO

79 /10.8.78

Do topónimo «Barcelinhos» pode-se formar o gentílico «barcelinense»?

É certo e sabido que, por estas bandas, o povo diz assim e até não usa qualquer outro etnónimo, nem mesmo «barcelinhense». Ora não há dúvidas de que, em questões de linguagem (em outras ponho as minhas reservas), «o povo é quem mais ordena». Por isso, julgo-me no direito de supor que o paciente investigador e ilustre publicista Dr. Alexandre de Carvalho Costa não se veio documentar a estas paragens, em ordem à formação do gentílico de «Barcelinhos», e atrevo-me a sugerir ao caríssimo Director do «Jornal de Barcelos» que lhe mande os exemplares do semanário nos quais o assunto vem sendo tratado. Estou convencida de que, em futura edição de *Gentílicos e Apodos Tópicos de Portugal Continental* (talvez próxima, a ajuizar pelo interesse e valor da obra), também os Barcelinenses tenham o seu lugar ao sol. Não lhe parece, Dr. Vale Miranda?

Mas será legítimo o gentílico «barcelinense»?

Acho que sim e procurarei justificar a minha opinião.

Em «Barcelinhos» temos o sufixo diminutivo «inho» pluralizado, tal qual em Canavesinhos e Forninhos, como o temos em Freixinho e Vilarinho e igualmente nas formas femininas Antinha e Vilarinha, bem como nos pluralizados Antinhas e Fontainhas.

Os diminutivos toponímicos significam, por vezes, que uma povoação tem menos importância e extensão que outra do mesmo nome. ⁽¹⁾ Tal é o caso de *Barcelinhos*: menor que *Barcelos*. O nome da fidalga e linha freguesia da margem esquerda do Cávado foi tirado do topónimo da cidade que lhe fica em frente, do outro lado do rio, e quer dizer, portanto, *Barcelos pequena*.

Seja dito, à laia de parêntesis, que, se em «Barcelos» há o sufixo diminutivo «elo» (pluralizado) junto do substantivo «barca», «Barce-

linhos» tem dois sufixos diminutivos, de significação idêntica, e quer dizer, à letra, *pequena barquinha*, *pequena barca pequena*.

O sufixo diminutivo «inho» provém do latino «inu». As gentes de Barcelinhos criaram o respectivo gentílico juntando o sufixo «ense» ao seu topónimo de feição latina «Barcelino» e disseram «barcelinense». Não está certo?

Resta-me acrescentar que também Carvalho Costa, de Matosinhos (não digo que haja aqui o diminutivo «inho»), apresentou «matosineiro», ao lado de «matosinhense». Penso, por isso, que nos devia ter dado «barcelinense», de preferência a «barcelinhense».

Terei justificado devidamente a minha opinião e respondido satisfatoriamente ao nosso Pereiró?

Como «Jornal de Barcelos» talvez nos dê umas feriazinhas, que a todos desejo muito boas, despeço-me, com amizade, até Setembro, se Deus quiser.

MARIA NÃO

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*. 3.^a edição, pág. 211.

80 /9.11.78

Em dez de Agosto, com votos de boas férias, despedia-me até Setembro, se Deus quisesse. Mas não quis. E alguns de meus leitores e algumas de minhas poucas leitoras terão chegado a rezar-me pela alma (no bom ou no mau sentido?)...

Afinal, não morri. Nem estive perto, que eu saiba. O que me deu foi uma terrível enfermidade, a impedir-me de escrever. Doença estranha, até há pouco nunca experimentada, tolheu-me completamente as mãos e ainda agora é com bastante dificuldade que pego na pena. Mas vou teimar.

Ninguém, entretanto, perguntou pela minha saúde. Não estranho. Ele há tanto em que pensar e tão pouco tempo para pensar nos outros... Em mim... pensou alguém, disso tenho a certeza. Foi o amigo Ramiro Lucas Reis, que, em carta de 7 de Setembro, termina com estas significativas palavras: «Estimo a saúde de Maria Não». Nem tudo são egoísmos, esquecimentos, ingratidões..., Deus louvado!

Quanto às questões formuladas nessa missiva, vou ver se respondendo a contento.

Não percebi bem, mas parece-me que o Sr. Reis se insurge contra a frase «está-lo-á sempre» (a propósito da perenidade de Pedro na Igreja). É isso?

Eu também não a apadrinharia. Acho que enferma de cacofonia. Os ouvintes poderiam julgar que estava a dizer: «estalo há sempre». Ora, isso não! Nada de estalos, muito menos na Casa de Deus...

A respeito de «Maçainhas», não me custa aceitar que esteja relacionada com «maçã» e o topónimo tenha sido formado, à semelhança de «Fontainhas», com o sufixo diminutivo (é assim que se escreve, embora se pronuncie *deminutivo*) na forma feminina e pluralizada «inhas».

Relativamente a «pregamos», respondo-lhe que: a) a forma assim escrita é do presente (no perfeito, leva acento agudo na tónica); b) a primeira sílaba nunca tem acento gráfico, quer se trate de *fixar com prego*, quer de *fazer prédica*. Suponho que não é necessário pôr mais na carta... Ou será?

Quanto a «bebé», a escrita oficial é esta, apesar de a primeira sílaba se dever pronunciar aberta também. Não sei, francamente, se havemos de considerar este substantivo como *comum de dois* (o bebé, se for menino; a bebé, se for menina) ou como *sobrecomum* (sempre: o bebé, ainda que seja rapariga). Não haverá uma alma caridosa que me elucide?

Não fique sem referência que a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, aprovada por Portaria do Ministro da Educação Nacional, Inocêncio Galvão Teles, de 28 de Abril de 1967 (com a qual nunca concordei) eliminou, pura e simplesmente, estas denominações de substantivos *comuns de dois* e *sobrecomuns*, bem como a de *epicenos*, e reduziu tudo a substantivos *uniformes*. Que lhe preste!...

Vou deixar para o próximo «cantinho» o problema de «varoa» (proposto em carta de 25 de Junho, entregue há poucas semanas), porque é capaz de dar pano para mangas.

Entretanto, fica à espera de novas perguntas de quem se interessa ainda pela «Madre Língua Portuguesa» a sempre dedicada

MARIA NÃO

É ainda com alguma dificuldade que manejo a pena, mas não quero deixar de responder ao Sr. Ramiro Lucas Reis, pois amor com amor se paga.

Diz o nosso amigo que há tempos se abeiraram dele uns indivíduos e quiseram fazer perguntas sobre Religião. «Abriram a certa altura as suas malas e entabularam (aliás: entabularam) conversa acerca da Bíblia. De relance, vi naquela que me foi aberta na mão da pessoa protestante o termo *varoa*».

Pouco depois, o Sr. Reis transcreve a seguinte passagem da Escritura, citada por J. Alves Correia na obra «De que espírito somos»:... E disse Adão: agora esta é osso dos meus ossos e carne da minha carne: será chamada *varoa*, porquanto do varão foi tomada. Portanto, deixará o varão seu pai e sua mãe e unir-se-á à sua mulher».

Após algumas considerações, escreve o Sr. Ramiro:

«Eu quero perguntar a Maria Não se o termo *varoa* não será um arcaísmo. Vi no dicionário de Cândido de Figueiredo a nota *desus.*».

Poderia limitar-me a dizer ao Sr. Lucas que sim..., mas vou-me aproveitar da questão para algum desenvolvimento.

Realmente, Cândido de Figueiredo regista o nome feminino «VAROA» como desusado. Por sua vez, os dicionários que possuo de José Pereira Machado, João de Deus, Antenor Nascentes e Porto Editora nem sequer registam essa forma. No entanto, Henrique Brunswick traz: «Varoa, s. f. jocos. de *varão*. Virago»; e Francisco Torrinha diz: «Varoa, s. f. Virago; heroína (*De varão*)».

Não há dúvida de que «varoa» se formou, e bem, de «varão».

Como toda a gente sabe, os nomes terminados em «ão» formam o feminino de variadas maneiras, a partir das terminações antigas do masculino e de harmonia com as respectivas terminações latinas. Assim:

A) Os nomes que antigamente findavam em *ano* ou *ane* formam o feminino mudando a característica em *a*; tomam, portanto, a forma «ana» ou (pelos subseqüentes fenómenos fonéticos da nasalização, em que o *n* cai nasalando a vogal anterior, e da crase, em que os *ãa* se contraem num só *a*, nasalado) a forma «ãa».

Como exemplo do primeiro caso, temos sultão (sultano) — sultana; Julião (Juliano) — Juliana; Sebastião (Sebastiano) — Sebastiana; João (Joane) — Joana. Para o segundo caso, podemos acrescentar: irmão (irmano) — irmana — irmã — irmã; cidadão (cidadano) — cidadana — cidadãa — cidadã; pagão (pagano) — pagana — pagãa — pagã.

B) Os nomes terminados antigamente em «on» formam o feminino juntando-se-lhes a característica «a» e passam a ter a terminação «ona», como em: valentão (valenton) — valentona; glutão (gluton) — glutona; comilão (comilon) — comilona.

Alguns, porém, sofreram, depois da junção da característica do feminino, os fenómenos da nasalação e, a seguir, da desnasalação, e passaram à terminação «oa».

Vejamos alguns exemplos: leão (leon) — leona — leõa — leoa; leitão (leiton) — leitona — leitõa — leitoa; patrão (patron) — patrona — patrõa — patroa.

Foi o que aconteceu com *varão* (*varon*); varona — varõa — *varoa*.

Note-se que *ladrão* (*ladron*) deu *ladrona* e *ladroa*, embora hoje a forma mais correcta seja *ladra*.

E mais alguma coisa tem de ficar para a próxima quinzena, se Deus quiser.

MARIA NÃO

82 /7.12.78

Íamos dizendo que actualmente a forma mais usual de feminino do *ladrão* é *ladra*. Admitindo o masculino *ladro* (do nominativo latino *latro*), trata-se apenas da mudança da característica «o» para «a» (*ladro* — *ladra*, como *pombo* — *pomba*).

Conheço mais dois nomes com o feminino em «a»: *espião* e *badalão*. O primeiro, ao lado de «espiona», tem também «espia», que aliás funciona igualmente como masculino: é um substantivo *comum de dois*, lembram-se? O segundo, além de «badalona» e «badaleira», tem ainda «badala».

A terminação «eira» aparece-nos outrossim no feminino de «barrelão», que, além de «barrelona», tem «barreleira», e em «tecelão», pois, afora «tecelona» e «teceloa», apresenta «tecedeira», não é assim?

Há ainda outros substantivos terminados em «ão» que fogem às terminações femininas mais usadas (ana, ã, ona, oa), das quais falá-mos no «cantinho» anterior, embora não sejam palavras totalmente distintas das masculinas.

Quem não sabe o feminino de «cão»? Mas toda a gente terá consciência de que essa forma é um diminutivo e etimologicamente significa *cachorra* ou *cazelinha*? E até não falta quem lhe dê o significado de «gatinha», supondo que «catella» é diminutivo de «catta» (que deu a nossa «gata»). Se o «t» não fosse geminado...

E já repararam que são os aumentativos dos femininos *perdiz* e *lebre* (*perdigão* e *lebrão*) que se empregam como respectivos masculinos?

Quem desconhece o feminino de «barão»? Aqui, juntou-se à antiga forma «baron» a desinência «esa» (que se encontra igualmente nos femininos *consulesa*, *duquesa*, *princesa*). Ora *barão* e *varão* provêm do mesmo étimo: são formas divergentes. Por que não se adoptou para feminino de «varão» a forma «varonesa»? Talvez só porque Camilo ou Aquilino nunca se lembraram de a empregar...

E, então, visto «varoa» ser termo arcaico (ou jocoso, como diz Henrique Brunswick), qual o feminino de «varão» que devemos usar?

Eu (mas quem sou eu?) vou por «virago».

Estamos na presença dum latinismo, registado por todos os dicionários que tenho em meu poder e até pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, aqui tantas vezes citado. Os dicionários dão-lhe, mais ou menos, igual significado: mulher *varonil*, de robustez, estatura, voz, aspecto, e maneiras de homem. Por que não há-de servir este vestígio do nominativo latino para feminino de «varão»?

Nos meus velhos apontamentos, fui encontrá-lo com esta função. Para mim, o problema estava em descobrir por que bulas... Depois de muito rebuscar, dei com esse feminino (ora vejam lá!...) na Gramática Expositiva — Curso Superior, do ilustre filólogo brasileiro Prof. Doutor Eduardo Carlos Pereira. A 1.^a edição data de 1907 e a que possuo deve ser de 1918 e é só a 44.^a... Bastará para o admitirmos?

Passemos a um caso muito diferente, o de «zângão». O seu feminino, como todos sabem, é «abelha», uma palavra verdadeiramente desconexa. É um exemplo típico de *supletivismo* (capacidade que têm as palavras para admitirem temas absolutamente estranhos na forma, a fim de *suprirem* ou completarem as suas flexões). O mais interes-

sante é que «abelha» em latim se diz «apis» e foi do seu diminutivo «apícula» que se formou a nossa «abelha», pelo que o feminino de «zângão» etimologicamente significa «abelhinha».

Como a folha está no fim, despede-se com a amizade de sempre a

MARIA NÃO

83 /28.12.78

À falta de melhor e porque julgo ter a sua utilidade, lembrei-me de fazer um apanhado de femininos de nomes terminados em «ão» e colocá-los por ordem alfabética. Não tenho, evidentemente, a pretensão de esgotar o assunto, mas talvez possa abrir caminho a quem um dia quiser abalançar-se a tal. Vamos começar.

abegão	abegoa e abegã	beirão	beirã e beiroa
Adrião	Adriana	bobalhão	bobalhona
alazão	alazã	bonachão	bonachona
aldeão	aldeã e aldeoa	bonacheirão	bonacheirona
aldrabão	aldrabona	borrachão	borrachona
alemão	alemã	bravatão	bravatona
amigalhão	amigalhona	bretão	bretã
anão	anã e anoa	brigão	brigona
ancião	anciã	brincalhão	brincalhona
anfitrião	anfitrioa	brincazão	brincazona
artistão	artistona	bufão	bufona
babão	babona	bulhão (adj.)	bulhona
badalão	badalona, badaleira e badala	burlão	burlona
barão	baronesa	cabrão	cabrona
barrão	barroa	cabulão	cabulona
barregão	barregã	campeão	campeã
barrelão	barrelona e barreleira	cão	cadela
barrosão	barrosã e barrosoa	capitão	capitoa
beberrão	beberrona	carreção	carrejona
		castelão	castelã, castelona e castelo

catalão	catalã	espertalhão	espertalhona
cavalão	cavalona	espião	espiona e espia
chão (adj.)	chã	Fabião	Fabiana
charlatão	charlatã	fanfarrão	fanfarrona
chinchão	chinchona	farelão	farelona
chorão (adj.)	chorona	farfalhão	farfalhona
chucharrão	chucharrona	farrapão	farrapona
chupão	chupona	figurão	figurona
cidadão	cidadã e cida- doa (dep.)	folgazão	folgazona e fol- gazã
coimbrão	coimbrã	furão (sub.)	furoa
comarcão	comarcã	furão (adj.)	furona
comilão	comilona e co- miloa	gabarolão	gabarolona
companheirão	companheirona	ganhão	ganhoa
cortesão	cortesã	glutão	glutona
cristão	cristã	gozão	gozona
Damião	Damiana	grão (adj.)	grã
doidarrão	doidarrona	grosseirão	grosseirona
ermitão	ermitã e er- mitoa	guardião	guardiã
escrivão	escrivã	hortelão	horteloa
		intrujão	intrujona

Continuaremos no próximo «cantinho», se Deus quiser.

Aguarda, entretanto, novas questões, com votos de FELIZ NATAL e PRÓSPERO ANO NOVO, a sempre dedicada

MARIA NÃO

84_H / 11.1.79

A quem duvide da honestidade deste meu trabalho, sobre o feminino dos nomes terminados em «ão», quero garantir que me fundamentei em dicionaristas e gramáticos, expressa e laboriosamente consultados. Como os primeiros já têm sido aqui referidos, vou nomear os segundos que me ajudaram: Adriano da Gama Kury, António

Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Costa Pimpão e Nunes de Figueiredo, Eduardo Carlos Pereira, Fernando José da Silva, Francisco Torrinha, José Salvado Sampaio-Luís Manuel da Silva Marques-Orlando Pinto Baptista, Padre Bruno Telles, Pires de Castro, Romeu Pimenta e Ullysses Machado.

Agora, continuemos.

irmão	irmã	pedinchão	pedinchona
João	Joana	perdigão	perdiz
Julião	Juliana	pimpão	pimpona
ladrão	ladra, ladrona e ladroa (des.)	pingão	pingona
lambão	lambona	pobretão	pobretona
larpão	larpona	podão	podoa
leão	leoa	poltrão	poltrona (adj.)
lebrão	lebre	porcalhão	porcalhona
leitão	leitoa	rabão (adj.)	rabona
mamão	mamona	Ramião	Ramiona (?)
mandão	mandona	ratão	ratona
mandrião	mandriona	reflão	reflona
mangão	mangona	regatão	regatoa
Marcião	Marciana	remendão	remendona
marmanjão	marmanjona	repontão	repontona
marrão	marrã	resmungão	resmungona
martelão (ad.)	martelona	respondão	respondona
matulão	matulona	rezingão	rezingona
meão	meã	rodilhão	rodilhona
melão	melo	Romão	Romana e Romã
mijão	mijona	sabichão	sabichona
mocetão	mocetona	sacristão	sacristã
moleirão	moleirona	santão	santona
molengão	molengona	santarrão	santarrona
órfão	órfã	são	sã
pagão	pagã	Sebastião	Sebastiana
paspalhão	paspalhona	sensaborão	sensaborona
patrão	patroa	solteirão	solteirona
pavão	pavoa	sultão	sultana
		tabelião	tabelioa

tecelão	tecelona, teceloa e tecedeira	valentão	valentona
temporão	temporã	vão (adj.)	vã
toleirão	toleirona	varão	varoa (des.), vira- go e varonesa(?)
trapalhão	trapalhona	vilão	vilã e viloa
turrão	turrona	zângão	abelha

E pronto! Agradeço qualquer reparo dos meus caros leitores e das minhas caríssimas leitoras.

Como o espaço não dá para mais, passo a responder, muito rapidamente, à questão proposta pelo Sr. Reis, em carta bem amável, de 18 de Novembro, que sinceramente agradeço: Perosinho ou Perozinho?

Vou por «Perosinho». Se quiser um estudo desenvolvido do problema, pode consultar «EM PROL DA LÍNGUA PORTUGUESA», de F. J. Cardoso Júnior, II volume, Porto Editora, Ld.^a.

Com muita amizade,

MARIA NÃO

85 /25.1.79

Como não tenho recebido cartas de ninguém a propor novas questões e não me ocorrem temas que saiba interessarem a quem me lê, resolvi tornar às palavras divergentes.

Alguns talvez se lembrem do assunto, já aqui tratado, nomeadamente nos «cantinhos» 5 a 7 e, depois, do 23 ao 26. Porque outros não estarão a par da matéria, vou repetir algumas noções.

Chamam-se divergentes as palavras que têm uma origem comum, como, por exemplo, *António* e *Antão*, as quais provêm do mesmo étimo latino — *Antonium*.

Podem ser eruditas ou populares. As primeira foram introduzidas na nossa língua pelos escritores, os estudiosos, os *eruditos*, que se limitaram a aportunizar o vocábulo de origem. É o que acontece com *António*, forma mais próxima do étimo, mais parecida, portanto, com a latina (não é verdade?) do que *Antão*. As populares foram adoptadas pelo povo, que transformou, através dos tempos, a palavra

de origem com fenómenos fonéticos, por vezes múltiplos e profundos, a afastarem muito a forma portuguesa do seu étimo. É, em parte, o caso de *Antão*, que, embora com poucas transformações, está mais longe do vocábulo latino, é palavra menos parecida com o étimo do que *António*. Terei sido suficientemente clara?

Certamente não passa pela cabeça de ninguém que todos os étimos deram duas palavras portuguesas; mas toda a gente saberá que alguns originaram três e mais, até sete, como já tive ocasião de apresentar nos «cantinhos» referidos?

Agora, passo a elaborar uma lista das palavras divergentes (ainda não mencionadas anteriormente nesta secção), por ordem alfabética dos étimos, à semelhança do que fiz com o feminino dos nomes terminados em «ão», mas mais pequena, para não sair um «cantão», tanto mais que não quero açambarcar o jornal.

Colocarei no princípio de cada linha o étimo; depois, a forma divergente, seguida da popular. Se forem várias as formas divergentes, começarei pelas mais eruditas e terminarei pelas mais populares (num critério que pode ser apenas subjectivo). Começemos, pois.

absconsum	absconso	escuso			
abundare	abundar	abondar	bondar		
actum	acto	auto	aito (arc.)		
acumen	acúmen	acume	gume		
Adrianum	Adriano	Adrião			
agnatum	agnato	agnado			
alacrem	álacre	alegre			
alcyonem	alcíone	alciação			
alleviare	aliviar	alijar			
alvam	alva	alba			
Alvarum	Álvaro	Álvoro	Alvo		
amplitudinem	amplitude	amplidão			
amplum	amplo	ancho			
ampullam	ampula	ampola	ampolha	âmbula	empola

E, para amostra, parece-me que já bonda.
Com a amizade e dedicação de sempre,

MARIA NÃO

Antes de continuar com as formas divergentes, quero chamar a atenção para outro tipo de palavras, que têm o nome de sincréticas.

Os Gregos serviram-se do termo *sincretismo* para exprimirem a variedade na unidade insular do povo de Creta (cuja população era muito variada). O termo (sincretismo) foi aproveitado em Filologia para significar a variedade da forma na unidade de sentido (1).

Já falei deste assunto, pela rama, no «cantinho» 25 e não pretendo agora desenvolvê-lo mais, porque me levaria longe e não me sinto muito à vontade para o fazer. Limito-me quase a repetir o que escrevi então. Formas como *vindouro* e *vindoiro*, *tesouro* e *tesoiro*, *mouro moiro*, etc., são sincréticas. Nelas, o ditongo «ou» alterna com o ditongo «oi». Não são palavras diferentes, mas formas diferentes da mesma palavra.

E vamos a nova lista de termos divergentes, segundo o critério já indicado.

ampullari	ampolar	embolar		
amygdalam	amígdala	amêndoa	Amêndula (top.)	
apothecam	apoteca	bodega	adega	botica
applicare	aplicar	achegar		
apprehendere	apreender	aprender		
aquam	água	auga		
aquilonem	aquilão	aguião		
aquistam	aquista	aguista		
arbitrum	árbitro	alvidro		
aristam	arista	aresta		
atonitum	atónito	tonto		
auditivam	auditiva	outiva ou oitiva		
Augustum	Augusto	Agosto		
Aurelianum	Aureliano	Orelhão		
autoricare	autorgar	outorgar		
baculum	báculo	bágo		

balneare	banhear	banhar		
barbarum	bárbaro	bravo		
benedictionem	bênção	benção	bênçoa	abênçoa
Benedictum	Benedito	bendito	bento	Benito (?)
bestiam	béstia	besta	bicha	
Bracharam	Brácará	Braga		
bracharensem	bracarense	bragarense	bragalense	

E, por hoje, abunda.

Aguarda sobretudo os vossos reparos, a sempre amiga

MARIA NÃO

(1) Cf. Eduardo Carlos Pereira, *Grammatica Historica*, Décima Edição, pág. 93.

87 /1.3.79

Não me admiro nada de que o número dos meus leitores e das minhas leitoras tenha começado a diminuir, à medida que vão surgindo as listas de palavras divergentes. Para muita gente é capaz de ser um assunto sem importância nem interesse, talvez mesmo indigesto ou maçador. Como sei, porém, que outras pessoas o acham útil e até aliciante, aí vai mais uma série, na forma do costume.

Caium	Caio	Gaio	
calumniam	calúnia	coima	
camararium	camarário	camareiro	
canalem	canal	cale	
candelam	candela	candeia	
cannabaceum (?)	canhamaço	calhamaço	
canonicum	canónico	cónego	
capacem	capaz	cabaz	
capitellum	capitel	cabedelo	coudel
cardinalem	cardinal	cardeal	
cathedram	cátedra	cadeira	
caudam	cauda	coda	coa
causam	causa	cousa ou coisa	

christianum	cristiano	cristão	cretino
Cyprianum	Cipriano	Cibrão	
civitatem	cividade	cidade	
clamare	clamar	chamar	
claustra	claustra	crasta	
coagulare	coagular	coalhar	
coagulum	coágulo	coalho	
coaxare	coaxar	queixar	
coecum	ceco	cego	
cogitare	cogitar	cuidar	
cognatum	cognato	cunhado	
colorem	color	cor	
communicare	comunicar	comungar	
comparare	comparar	comprar	
compositum	compósito	composto	
computare	computar	contar	
computum	cômputo	conto (mil escudos)	
conceptionem	concepção	conceição	
concilium	concílio	concelho	
Conimbrigam	Conímbriga	Conímbria	Coimbra
consilium	consílio	conselho	

E fiquemos por aqui.

Continua à espera das vossas sugestões e principalmente das vossas críticas a sempre dedicada

MARIA NÃO

88 /15.3.79

Foi-me entregue, há dias, uma carta do Sr. Ramiro Lucas Reis, que me deu enorme satisfação. Querem saber porquê? Apenas por esta pergunta: «*Esconso* não teria podido ser escrito adiante de *escuso*?»

E então? Onde está o motivo do contentamento?

É que «*esconso*» também é divergente de «*absconso*» e eu não tinha registado essa forma. Obrigadinha, amigo!

Tenho, porém, de fazer o meu reparo: não era *adiante* de «*escuso*»

que se devia colocar, mas *antes*, pois se aproxima mais do étimo «absconsum» (conforme expliquei nesse «cantinho» 85).

Quanto à outra questão que me põe, tenho a dizer que *donum* é o étimo de *dom*, no sentido de *dádiva, donativo, atributo, qualidade*. Trata-se duma forma convergente (cf. «cantinho» 26) de «dom» — título honorífico que antecede o nome próprio de reis, príncipes, nobres, prelados, etc., cujo étimo encontrará na lista de hoje.

copulam	cópula	copla	cobra (estrofe)	
coronam	corona	coroa	coronha	cronha (?)
corrugum	córrego	corgo		
credo	credo	creio		
crémaillère (fr.)	cremalheira	gramalheira		
cremare	cremar	queimar		
crustam	crusta	crosta		
cryptam	cripta	gruta		
cubiculariam	cubiculária	cuvilheira		
cuprum	cupro	cobre		
curatorem	curador	corretor		
decimum	décimo	dízimo		
defensam	defesa	devesa		
dejectare	dejectar	jeitar	deitar	
denarium	denário	dinheiro		
designare	designar	desenhar		
devotionem	devoção	devação (arc.)		
diabolum	diabo	diabro (arc.)		
diariam	diária	jeira		
Didacum	Dídaco	Diogo		
directum	directo	direito		
dispensam	despensa	despesa		
dolentem	dolente	doente		
dolorem	dolor	dor		
Dolores	Dolores	Dores		
dominicum	domínico	domingo		
dominum	dono	<i>dom</i>		
dulcem	dulce	doce		

Com muita amizade, até daqui a quinze dias.

MARIA NÃO

Já publiquei nesta secção umas quinze dúzias de formas divergentes. Como ainda tenho mais de dois centos e meio no meu arquivo, vou alongar as listas para chegar ao fim o mais breve possível.

duplum	duplo	dobro		
eclogam	écloga	égloga		
Emmanuelem	Emanuel	Manuel		
enamorare	enamorar	namorar		
errativum	erradio	arredio	radio	
exsucare	enxugar	enxogar	eixugar	
exsutum	enxuto	enxoito	enxuito (arc.)	
fabulare	fabular	falar		
Fabianum	Fabiano	Fabião		
fabricam	fábrica	frágua		
factitium	factício	feitico		
factorem	factor	feitor		
factum	facto	feito		
facturam	factura	feitura		
famem	fame (arc.)	fome		
faucem	fauce	foz		
Ferdinandum	Ferdinando	Fernando	Fernão	Ferrão
fiduciam	fidúcia	fiúza	feúza	
flagrare	flagrar	cheirar		
flamam	flama	chama		
flocum	floco	froco		
focum	foco	fogo		
fratrem	frade	fraire	freire	frei fleire (arc.)
frigidum	frígido	frio		
frontariam	frontaria	fronteira		
fructum	fruto	fruito		
gallicum	gálico	galgo		
gaudium	gáudio	gozo	goivo	
generale	general	geral		
generatricem	generatriz	geratriz		

generum	gênero	genro	
genitivum	genitivo	gentio	
germanum	germano	irmão	
gibbam	giba	geba	
glandem	glande	lande	landre
glebeam	gleba	leiva	
gradum	grado	grau	
grandem	grande	grão	
gratum	grato	grado	

E até à próxima, se Deus quiser.

MARIA NÃO

90/19.4.79

Em carta de 8 de Março, contam-me que um grande Cristiano se insurgiu por eu ter escrito *cristiano* (com letra «pequena»), no «cantinho» 87 (que, por gralhas tipográficas, saiu com o n.º 86 e trouxe *Cyprianum* sem «r» e *Conimbrigam* com «n» antes do «b»).

Tinha o Sr. Cristiano toda a razão..., se eu não estivesse numa sequência de nomes comuns e também a pensar na moeda de ouro dinamarquesa que se chama «cristiano».

Quanto à evolução semântica de «cretino», suponho que a princípio envolvia uma dose de compaixão e depois assumiu um tom de escárnio: qualquer coisa como de *pobre diabo*, *coitado a beato*, *hipócrita*. A carga pejorativa foi aumentando para o significado de *imbecil*, *lorpa*, *estúpido*, até chegar a *tratante*, *velhaco*, *patifório*. Não será assim?

E, deixando para depois outro esclarecimento pedido, vamos lá a outra série de palavras divergentes.

hederam	hédéra	hera	
Henricum	Henrico	Henrique	Anrique
hierarchiam	hierarquia	jerarquia	
homicidium	homicídio	homizio	
horripilare	horripilar	arrepiar	

hospitalem	hospital	hospedal	hostal	hostau	estau	espital	esprital
humilem	húmile	humilde					
imaginem	imagem	omage					
imbróglio(it.)	imbróglio	embrolho	embrulho	(?)			
implicare	implicar	empregar					
impraegnare	impregnar	emprenhar					
incredulum	incrédulo	incrêu	inereo	e enereo	(arc.)		
indicum	índico	índigo					
indulgentiam	indulgência	endoença					
inflare	inflar	inchar					
ingenuum	ingénuo	inhenho					
insaniam	insânia	sanha					
insulsum	insulso	insosso					
integrare	integrar	inteirar					
integrum	íntegro	inteiro					
intrincare	intrincar	intrigar					
Januarium	Januário	Janeiro					
juniperum	junípero	zimbro					
Johannem	Joane	João	Eane	(?)			
judicem	júdice	juiz					
jugulare	jugular	jugar					
Julium	Júlio	Julho					
justitiam	justiça	justeza					

Continuamos daqui a quinze dias, se Deus quiser.

MARIA NÃO

91 /17.5.79

Na carta de 8 de Março, já referida, pergunta Lucas Reis se «Corgas» tem o mesmo étimo de «corgo». Aí vai a resposta.

Corgas é o plural de *corga*, que, morfologicamente, é o feminino

de *corgo*. A mudança de género não se deve estranhar mais do que em *poça*, a par de *poço*, em *ria* (subst.), a par de *rio*, em *barco*, a par de *barca*, em *ribeiro*, a par de *ribeira*.

Assente-se nisto: as flexões duma palavra não são formas divergentes.

E vamos a mais um listão delas.

laborare	laborar	lavar	
laborem	labor	lavor	
lacrimare	lacrimar	lagrimar	
laicum	laico	leigo	
laqueare	laquear	laçar	
latinum	latino	ladino	ladinho
lauream	láurea	laura	
laurum	lauro	louro	
legalem	legal	leal	
legitimum	legítimo	lídimo	lindo
lenticulam	lenticula	lentilha	
ligare	ligar	liar	
limpidum	límpido	limpo	
litaniam	litania	ladainha	
litem	lite	lide	
litigare	litigar	lidar	
loesionem	lesão	aleijão	
Lucifer	Lúcifer	Lusbel	
lucrare	lucrar	lograr	
luctam	luta	luita	
Lupum	Lopo	Lobo	
maculam	mácula	mágoa	malha mancha mangra
maculare	macular	manchar	
magicum	mágico	meigo	
maligna	maligna	malina	
mandatum	mandato	mandado	
manducare	manducar	manjar	
manupulum	manípulo	molho (ó)	
margaritam	margarita	margarida	
marinum	marino	marinho	

Martinum	Martinho	Martim
Martium	Márcio	Março
martyrium	martírio	marreiro
matrem	madre	mãe

E temos de ficar por aqui.

Com votos de Boas-Festas de Cruzes da muito dedicada

MARIA NÃO

92 /31.5.79

JORNAL DE BARCELOS anda em maré de anacronismos. O «cantinho» 91 desejava «Boas-Festas de Cruzes» aos leitores, porque contava sair no dia 3 de Maio, mas, por, nessa semana, o «semanário católico e regionalista» não se ter publicado e, na seguinte, ter sido preterida a minha secção, os «votos» chegaram depois das Festas. À laia de compensação, embora sem querer, o rectângulo cronológico traz a data de 17 de Abril (e o número 1498 também já açambarcara esse mês). Ele sempre há cada uma!...

Como, porém, as palavras divergentes ainda estão longe do fim, vamos a elas.

maturum	maturo	maduro	
maurum	mauro	mouro	
medaliam	medalha	mealha	
medianum	mediano	meão	
mediare	mediar	mear	
medium	médio	meio	
medullam	medula	moela	miolo (por <i>medullum</i>)
melancolicum	melancólico	merencório	menencório
memorare	memorar	membrar	nembrar
Menendum	Mendo	Mem	lembrar
mensuram	mensura	mesura	
mensurare	mensurar	mesurar	
^{ne} métricem	meretrice	meretriz	

metam	meta	meda
micam	mica	miga
mimicum	mímico	mico
minuare	minguar	mingar
minutiam	minúcia	miúça
modium	módio	moio
molam	mola	mó (pedra)
molem	mole (subst.)	mó (agrupa- mento)
monumentum	monumento	moimento
natum	nato	nado
navem	nave	nau
necromantem	necromante	nigromante
nitidum	nítido	nédio
nodum	nodo	nó
nonam	nona	noa
numerus	número	numbro
oblatam	oblata	obrada
obscurum	obsuro	escuro
obstinatum	obstinado	austinado

Temos de ficar por aqui.

Com a amizade de sempre,

MARIA NÃO

93 /21.6.79

Há uns tempos para cá, fala-se muito de participação, mas, no Cantinho de Português, Ramiro Lucas Reis é dos poucos que sabem e querem participar.

Agora, pergunta se não podia ter incluído *Amaro* ⁽¹⁾ entre as formas provenientes de *maurum*.

Podia e devia, meu amigo, mas esqueci-me de o fazer, como me esquecera de registar essa divergente no meu canhenho. E não é preciso dizer que lhe estou muito grata...

Continuemos com as palavras divergentes.

oculum	óculo	olho	
operare	operar	obrar	
optare	optar	outar	
Orpheum	Orfeu	Orfeio	
pacificare	pacificar	apaziguar	
pactum	pacto	peito	
palatinum	palatino	paladino	
palatium	palácio	paço	
pallidum	pálido	pardo	
palpare	palpar	poupar	
papyrus	papiro	papel	pavio (por <i>papilum</i>)
parabolam	parábola	palavra	
Paracletum	Paracleto	Paráclito	
patrem	padre	pai	
pausare	pausar	pousar	
peculium	pecúlio	pegulho	
pediculum	pedículo	piolho (por <i>peduculum</i>)	
pelagum	pélago	pego	
pensare	pensar	pesar	
perfidiam	perfídia	perfia	porfia
Petrum	Pedro	Pero	
phantasma	fantasma	abantesma	
phlegma	flegma	flema	fleugma fleuma freuma freima
pinnam	pena	penha	
placitum	plácito	prazo	preito pleito
planctum	planto (arc.)	pranto	chanto (arc.)
plantam	planta	pranta	
plantare	plantar	prantar	chantar
plateam	platea	praça	
platum	prato	chato	
plumam	pluma	pruma	
plumbum	chumbo	prumo	
podium	pódio	poio	

E fiquemos por aqui.

Até à próxima, se Deus quiser.

MARIA NÃO

(1) No jornal saiu *Mauro*.

Fiquei muito satisfeita ao ler nos jornais que o Governo está preocupado com a Língua Portuguesa, cuja «expressão, especialmente das novas gerações, não é fluente nem rigorosa, o que determina compreensivas dificuldades gerais de comunicação...».

Segundo um despacho governativo, impõe-se «o recurso das mais diversas formas pedagógicas, com utilização intensiva dos Meios de Comunicação Social, com destaque para a Televisão».

Ora aqui é que eu ponho as minhas reservas. Se os canais de comunicação continuarem ao nível a que desceram, será fazer por um lado e desfazer por outro.

Mas... vamos para diante com as formas divergentes.

poenitentiam	penitência	pendença		
polypum	pólipo	polvo		
populationem	população	povoação		
portucalensem	portucalense	português		
potionem	poção	peçonha		
praebendam	prebenda	prenda		
praedicare	predicar	pregar		
prehensionem	preensão	prisão		
presbyterum	presbítero	preste		
primarium	primário	primeiro		
pulsare	pulsar	puxar		
quietum	quieto	quedo		
quintanam	quintã	quinta		
radicare	radicar	raigar	arraigar	arreigar
radium	rádio	raio		
Raimundum	Raimundo	Reimondo	Reimão	
rarum	raro	ralo		
rasum	raso	rés		
rationem	ração	razão	rezão	
recentem	recente	recém		
recitare	recitar	rezar		
redimire	redimir	remir		

reginam	regina	rainha	
remissam	remissa	remessa	
renes	rēns	rēins	rins
reputare	reputar	reptar	
requaesitare	requisitar	requestar	
rigidum	rígido	rijo	
Rodericum	Roderico	Rodrigo	
romanam	romana	romã	
Romanum	Romano	Romão	

Com a amizade de sempre,

MARIA NÃO

95/2.8.79

No passado «cantinho» (que a Redacção atrasou, lá sabe porquê), alegrava-me com as preocupações do Governo com a Língua Portuguesa.

As reservas então por mim formuladas viram aumentar os seus fundamentos com os atropelos à «portuguesa língua» que, nas últimas semanas, se vêm multiplicando, nos campos da prosódia, da concordância e da regência, duma maneira confrangedora.

Agora, maior é o meu confrangimento, ao saber de mais uma fouçada no Latim. Continuando a ser obrigatório apenas para os alunos do Curso Complementar com pretensões a frequentar Clássicas e Românicas na Universidade, foi, por Despacho Normativo de 20 de Junho, totalmente suprimido das disciplinas de opção. Como poderão, um dia, ensinar Português esses professores que, a partir de agora, nada estudam de Latim, nem sequer a nível elementar?

Mas... continuemos com as formas divergentes, que só dominará, com perfeito à-vontade, quem estudou Latim a sério, do 3.º ao 7.º ano do Liceu, como acontecia antes da reforma de Pires de Lima.

rotam	rota	roda	
rotulum	rótulo	rolho	rolo
rotundam	rotunda	redonda	
rotundum	rotundo	redondo	

rugitum	rugido	ruído		
saltum	salto	souto		
salutare	salutar	saudar		
sanare	sanar	sarar		
sanativum	sanativo	sadio		
sanctum	santo	são		
secundare	secundar	segundar		
sedem	sede	sé		
servientem	servente	servinte	sergente	sargento
sexta	sexta	sesta		
signa	signa	senha		
silvam	silva	selva		
simplicem	símplice	simples	cimbre	
sirenam	sirena	sereia		
solidum	sólido	soldo		
solitarium	solitário	solteiro		
solitatem	soledade	soidade	saudade	
solum	solo	só		
spasnum	espasmo	pasmo		
stellam	estela	estrela		
strictum	estrito	estreito		
strigam	estriga	estria		
summam	suma	soma		

Com votos de Boas-Férias, me despeço até ao próximo «cantinho», com o qual espero terminar este tema.

MARIA NÃO

96 /23.8.79

Pensava acabar hoje o estudo das formas divergentes, que já vem do «cantinho» 85. Como, porém, algumas palavras foram preteridas e muitas outras, dispersas por «cantinhos» anteriores, não tiveram as honras dos seus étimos ou as tiveram apenas incidentalmente,

chegada ao fim da letra *v*, voltarei ao princípio, a fim de completar o assunto, na medida do possível.

superare	superar	sobrar	
symphoniam	sinfonia	sanfona	
talentum	talento	tento	
taurum	tauro	touro	
tegulam	tégula	telha	
tenebras	ténebras	trevas	
tensionem	tensão	tesão	
tensum	tenso	teso	
terminum	término	termo	
tertiarium	terciário	terceiro	
tertium	tércio	terço	
themam	tema	teima	
tonare	tonar	toar	
tonum	tono	tom	
traditionem	tradição	traição	
trafico (it.)	tráfico	tráfego	
transversum	transverso	travesso	
trifolium	trifólio	trevo	
tructam	truta	truita	
truncare	truncar	trincar (?)	
turbare	turvar	torvar	
turbidum	túrbido	turvo	
turibulum	turíbulo	tríbulo	
tutorem	tutor	titor	
talicam	taleiga	teiga	
ululare	ulular	urrar (?)	
umerum	úmero	ombro	
ungulam	úngula	unha	
vacare	vacar	vagar	
vacuum	vácuo	vago	
vadum	vado	vau	
vaginam	vagina	bainha	
Velasum	Velasco	Vasco	
verificare	verificar	averiguar	
vicarium	vicário	vigário	vigairo

vigilare	vigilar	vigiar	velar
vinculum	vínculo	vinco	brinco
vindicare	vindicar	vingar	
viridentem	viridente	virente	
viscum	visco	visgo	
vitiare	viciar	vezar	avezar
vocalem	vocal	vogal	
vomitare	vomitare	gomitar	
voracem	voraz	goraz	
Vulcanum	Vulcano	vulcão	

Daqui a quinze dias, voltaremos, se Deus quiser.
Com votos de Boas-Férias da muito dedicada

MARIA NÃO

97 /6.9.79

Conforme prometido, volto ao princípio, para referir as palavras divergentes cujos étimos não haviam sido mencionados, ou o foram apenas perfunctoriamente, e ainda algumas formas que, por esta ou aquela razão, preteríramos.

Vamos a elas.

absconsum	absconso	esconso	escuso	
aditum	ádito	aido	eido	
aestuarium	estuário	esteiro		
Antonium	António	Antão		
arbitrium	arbítrio	alvidrio	alvedrio	alvedorio
aream	área	eira		
arenam	arena	areia		
articulum	artículo	artigo	artelho	
atrium	átrio	adro		
augurium	augúrio	agouro		
auriculam	aurícula	orelha		
aurificem	aurífice	ourives	oulives	ulives
auscultare	auscultar	escutar	escuitar	
	Beltrano	Beltrão		

bullam	bula	bola	bolha		
calidum	cálido	caldo			
cameram	câmara	cambra			
capitalem	capital	cabedal	caudal		
capitulum	capítulo	cabido			
captare	captar	catar			
clavem	clave	chave			
claviculam	clavícula	chavelha	cravelha	caravelha	cavilha
conjugare	conjugar	cangar			
cubitum	cúbito	côvado	coto		
cumulum	cúmulo	cômore	combro		
decanum	decano	deão			
decimam	décima	dízima			
decretum	decreto	degredo			
delicatum	delicado	delgado			
digitum	dígito	dedo			
Eulalam	Eulália	Olália	Olaia (?)	Olalha	Valha Ovaia Vaia
feminalem	feminal	femeal			
feriam	féria	feira			
fibram	fibra	febra			
fluxum	fluxo	flux	frouxo	froxo	chocho
foliculum	folículo	folhelho	fonelho		
folium	fólio	folho			

E, como a folha está no fim, continuaremos na próxima quinzena.
Com a amizade de sempre,

MARIA NÃO

98 /20.9.79

Nas buscas que tive de fazer em ordem à reposição de formas divergentes, encontrei uma falha no «cantinho» 93, da qual sou a única culpada: no segundo parágrafo, escrevi *Mauro* em vez de *Amaro*.

E ninguém me chamou a atenção, nem mesmo o amigo Reis!...
Ainda gostava de saber porquê.

Mas vamos continuar.

glutem	glúten	grude				
hereditarium	hereditário	herdeiro				
hospitalem	hospital	hospedal	hostal	hostau	hotel	estau
						espital
						esprital
insulam	ínsula	ínsua	ilha			
introitum	intróito	entrudo	entruido	antruido		
Jacob	Jacob	Jacó	Iago	Tiago	Jácome	Jaime
jactum	jacto	jeito				
Julianum	Juliano	Julião	Jião	Gião		
legendam	legenda	lenda				
lucrum	lucro	logro				
Magdalenam	Madalena	Maudalena (arc.)	Moudalena (arc.)			
majorem	major	maior	maor	mor		
Manualdi	Mangualde	Moalde				
manualem	manual	mangual				
masculum	másculo	macho				
masticare	mastigar	mascar				
materiam	matéria	madeira				
maturare	maturar	madurar	medrar			
Maurum	Mauro	Mouro	Amaro			
medicam	médica	melga				
medicinam	medicina	mezinha				
ministerium	ministério	mister	mester			
minutum	minuto	miúdo				
modulari	modular	moldar				
mucum	muco	monco				
multum	muito	mui				
notulam	nótula	nódoa				
obstinare	obstinar	austinar				
operarium	operário	obreiro				
oraculum	oráculo	orago				
Pelagium	Pelágio	Pelaio	Paio			
persicum	pêrsico	pêssego				
plagam	plaga	praga	praia	chaga		

planum	plano	plaino	prão	porão	piano	lhano	chão
plenum	pleno	preio	cheio				
plicare	plicar	pregar	chegar				
populum	pópulo	povo					
publicum	público	público (arc.)					

E por hoje já chega.

Despede-se com muita amizade, até à próxima quinzena, a

MARIA NÃO

99 /4.10.79

Começo por responder a perguntas de Ramiro Lucas Reis.

1) Não conheço nenhum Radmiro. Por isso, nada podia dizer de Ramiro e qualquer forma divergente.

2) *Priorem* deu em Português somente *prior*, que, portanto, não tem nenhuma forma alotrópica.

3) A palavra *edição* deixou de significar apenas a *impressão e publicação de uma obra*, para ter um sentido muito mais amplo, a ponto de se dizer, por exemplo, que determinada filha é uma *edição* correcta e aumentada de sua mãe.

4) *Desgosto* não é sinónimo de *saudade*, embora faça parte dela.

(Se quiser um estudo interessante sobre a forma divergente da *suydade* do Leal Conselheiro, sugiro-lhe a leitura do n.º 799 do Dicionario de Synonymos da Lingua Portuguesa, de Fonseca y Roquete).

5) Também eu me insurjo contra a *casa de banho* e reparo que que nem os franceses têm *maison à bain*, mas *chambre à bain* ou *salle à bain*.

E, agora, tratemos de acabar com as palavras alotrópicas, que já não é sem tempo.

quadragesimam	quadragésima	quaresma	coresma		
rapacem	rapace	rapaz	rabaz		
regulam	régula	régura	régua	regra	relha
rotulam	rótula	rolha			
Saturnum	Saturno	soturno			
scrutiniare	escrutinar	escrudinhar	escudrinhar	(escodrinhar)	
	esculdinhar	esculdrinhar	(escoldrinhar)	escodronhar	esquadrinhar
sensum	senso	siso			
sigillum	sigilo	selo			
signum	signo	sino	senho		
sinistrum	sinistro	sestro			
sinum	seno	seio			
	sobressaliente	sobressalente	sobresselente		
sodomiticum	sodomítico	somítico			
tabulam	tábula	tábua	távola	távoa	tabla tala
telam	tela	teia			
tenorem	tenor	teor			
tepidum	tépido	tíbio			
vetare	vetar	vedar			
vitium	vício	viço	vezo		
zelum	zelo	cio			

E assim ultrapassamos as quatro centenas e meia de vocábulos com formas divergentes, o que talvez represente o estudo sistematizado mais desenvolvido, até hoje, sobre o assunto. Creio, no entanto, que não será muito difícil a alguém atingir os quinhentos. E eu que os conte...

A propósito das formas provenientes de *tenorem*, volto a lembrar, sobretudo aos locutores da Rádio e da Televisão (Conf. «cantinho» 23), que a tónica de *teor* é tão fechada como a de *tenor*. Entendidos?

Com a dedicação da primeira hora,

MARIA NÃO

Já repararam que chegamos à centena de «cantinhos»? Não tinham reparado? Pois eu reparei...

Terá valido a pena? Responda qualquer *pessoa* (de alma grande).

Neste centésimo «cantinho», dada a ligação com as divergentes, resolvi apresentar uma lista de formas *sincréticas* (conf. «cantinho» 86), em que alternam os ditongos *ou* e *oi*: abetoura e abetoira, calagouço e calagoiço, por exemplo. Por razões económicas (não temos todos de apertar cintos e cintas, Lurdinhas?), só expressarei a forma com o ditongo *ou*. Vamos a isto!

Abafadouro abeloura abetouro abigouro abrigadouro achadouro açoute afouto agouro ajudadouro ajudouro alagadouro alcouce alevadouro aleviadouro amarradouro amassadouro apeladoura apuladours aquecedouro atalhadouro atoladouro atracadouro atravessadouro + babadouro bailadouro balouço banhadouro batedouro bebedouro besouro biscouto bouça + caçoula calagouça canoula canoura casadouro cenoura cerradouro cevadouro chamadouro chiadouro chumbadouro chupadouro cobradouro coçadouro comedouro coradouro cortadouro couce couceira couçoeira couraça courela couro cousa couto couve + defumadouro desaguadouro descarregadouro desdouro desembocadouro despejadouro dobadoura dormidouro doudo dous — embarcadouro empoladouro empoladuras empunidouros enchedouro encravadouro enfiadouro enterradouro entourada enxugadouro escachouçar escoadouro escorredouro escorregadouro escouçar esmouçar espalhadura estendedouro estouro + fervedouro fouce frouxo fumadouro furadouro + jogadouro juntoura + lavadura lavadouro lavoura levadouro logradouro louça louro lousa + malhadouro manjedoura matadouro moedouro morouço mouro + nascadouro noute + ouço oura ouriço ouro + papouço papoula paradouro passadouro pãseadouro pastadouro peadouro pedrouço pegadouro pelourinho pelouro pousa pouso pouta + queimadouro + rasoura recebedouro rendedouro resfolgadouro resfriadouro respigadura respiradouro resvaladouro retouça retoução roçadura roncadouro + salmoura saltadouro sapadura sorvedouro suadouro sumidouro + tan-

gedouro tapadouro tesoura tesouro tiradoura touça toucinho toureção
touro toutiço tragadouro travadoura travadouro trepadoura trouxa
+ valhacouto varredoura varredouro vassoura vazadouro vindouro
voadouros + zoupeira.

Como por certo notaram, omiti geralmente, ainda por imperativo de austeridade, as palavras cognatas das referidas. Não sabem o que são palavras cognatas?! São palavras da mesma família, vocábulos com a mesma base, tais como: tesouro, tesouraria, tesoureiro entesourar entesouramento (todas formadas a partir de *tesouro*). Antigamente, isto aprendia-se logo a seguir à instrução primária. Agora...

E pronto! Espero dar-lhes umas longas férias. Entretanto, escrevam para a rua de S. Francisco — 32, a ver se me convencem a iniciar nova centena...

Com muita amizade e gratidão,

MARIA NÃO

**O que OUTROS disseram de VERSOS: IMPOSTOS, PEDIDOS
e ESPONTÂNEOS, do mesmo Autor**

- 1 O Arcebispo-Bispo de Lamego, inspirado poeta e talentoso escritor, em carta de 10/12/79

Caro P. Linhares

Ao receber o seu livro «Versos» e ao folheá-lo, não pude deixar de parar, recordar, reviver: voltei ao passado, encontrei-me com muitas pessoas, vivi de novo tantos e tantos acontecimentos...

Fez bem editar os seus «Versos». Eles valem por si, e também porque evocam todo um mundo que não devia morrer.

Bem haja! Muito lhe agradeço a oferta e a dedicatória; mas sobretudo felicito-o, e até lhe digo: não fique por aqui!

Com votos de Bom Natal, um abraço de velha amizade.

† A. Xav. Monteiro

10 Dez. 79

- 2 O Dr. Domingos da Silva Araújo, diplomado em jornalismo, maviioso poeta, consagrado escritor e notável ensaísta, em 17-12-79, no *Diário do Minho*, de que é Director

LIVROS NOVOS

«VERSOS IMPOSTOS PEDIDOS E ESPONTÂNEOS»

Autor — P. João Pereira Linhares

O P. João Pereira Linhares foi meu professor de Francês quando, há trinta e dois anos, entrei no Seminário Menor. Três anos depois, ensinou-me Botânica e Zoologia. Não sabia eu, nessa altura, que versejava com tanto rigor e tanta graça. Afinal acabo de verificar que ainda eu não tinha nascido e já ele fazia versos!

Constitui o presente volume uma recolha de versos escritos pelo Autor nas mais diversas circunstâncias e pelos mais diversos motivos. Uns, como diz, foram-lhe impostos, quando, no Seminário, em tempo de festa, a ele, como a outros, obrigavam a produzir trabalhos desta natureza. (Bem haja quem assim procedia. Era uma forma de ajudar as pessoas a vencerem a natural timidez e a capacitarem-se das suas possibilidades). A seguir apresenta versos feitos por encomenda

ou por iniciativa pessoal. Se no volume há composições feitas para actos de sociedade, muitas delas, perfeitamente actuais, vêm marcadas por um acentuado cunho pastoral.

Dedica o P. Linhares este livro aos seus alunos. Como acima disse, fui um deles. Da minha parte, parabéns e muito obrigado.

S. A.

3 O Cónego José Borges, um artista que poucos ainda descobriram, em carta de 4-1-80

Caríssimo P. Linhares

Pela mão amiga do P. Américo, chegou-me às mãos o seu livro de Versos.

Ao devorá-lo — é o termo — fiquei com muita saudade dos tempos em que se ensinava Português. É que, só a partir da Escola Primária, já a bagagem era tanta que permitia que alguém aos 13, 14 ou 15 anos já soubesse dialogar com as musas. E de que maneira! Agora...

Quero felicitá-lo pela publicação do seu livro e agradecer do coração a lembrança de mo ofertar — que muito me sensibilizou.

Oxalá seja a rampa de lançamento para maiores cometimentos, a bem das Letras e lustro do clero bracarense.

P. Borges

4 O semanário «O BARCELENSE», em 5-1-80

Versos — Impostos, Pedidos e Espontâneos

Autor: P. Linhares

Quem há aí que não conheça o Padre Linhares? Sacerdote exemplar, professor exímio, literato laureado, jornalista competente e poeta mavioso. Para além de tudo isto, homem desprendido, afável, humilde. Talvez por isso, o seu nome não anda na crista das ondas da publicidade, já que, só agora, quebrando um longo silêncio, nos mimoseia com valioso livro de versos, quando, na verdade, nos poderia ter dado muito do seu saber e da sua experiência. Entretanto, acreditamos que este livro não venha a ser filho único...

Foi neste Natal de 79 que, no silêncio da noite, envolvido por melodias natalícias, percorremos, com delícia e ânsia, as páginas

de VERSOS, que mais nos pareciam pétalas a desfolhar... Nas três classificações a que o autor quis sujeitar a sua obra, explicando a razão de alguns chamar «versos impostos», adeja a asa da poesia simples e encantadora, para além de um objectivo sempre definido, arte, cultura, doutrina. Com efeito, as circunstâncias em que foram gerados os poemas definem-lhes, de algum modo, não só o tema como até a forma. Isto, evidentemente, em nada diminui o talento, a capacidade, e a inspiração do Autor. Para realçar, ainda, o facto de, tendo tratado temas afins, e até, em alguns casos, repetidos, nunca se ter repetido... Ao contrário, é sempre novo.

Que belos são os poemas do Natal!... Ternura, originalidade, poesia... Como sabe cantar, com leveza e doçura, como é timbre de poetas portugueses, a Virgem Maria!... Quem não admira a espontaneidade com que trata temas referentes a pessoas a quem deseja homenagear, por razões diferentes, buscando sempre aspectos que retratam o retratado e que subtilmente deixam a descoberto facetas belas do retratante!...

Com VERSOS — IMPOSTOS, PEDIDOS e ESPONTÂNEOS, P. Linhares saiu da sua concha de silêncio fecundo e deu-nos uma obra bela. Será bastante, ainda que esperemos mais, para que o seu nome fique na História da Literatura Portuguesa. Parabéns.

R. M.

(Quem não reconhece nestas iniciais o consagrado escritor Monsenhor Rocha Martins?)

5 O ilustre jornalista Padre Júlio Vaz, crítico requintado, em carta de 7 de Janeiro de 1980

Amigo

Um abraço com o «obrigado» que me sai da alma pela oferta, e pelas palavras generosas, do teu livro «Versos».

Li-o. Gostei. E como apreciação pessoal julgo poder dizer: as poesias retratam-te em profundidade quer no sentir quer no julgar. Parabéns.

Desejo-te um Ano Novo muito feliz.

Crê-me amigo dedicado e grato

P. Júlio Vaz

- 6 O Padre Doutor Amadeu Rodrigues Torres (Castro Gil), Professor da Universidade Católica (Fac. de Filosofia) e da Universidade do Minho, laureado poeta, escritor e publicista, em carta de 3-2-80

Meu Ex.^{mo} Amigo

Penhoradíssimo com tão amável quão imerecida oferta, além disso enriquecida com atencioso autógrafo, venho agradecer de coração e felicitar o inspirado Poeta de «Versos impostos, pedidos e espontâneos», que li com sumo gosto e proveito. Os meus sinceros parabéns! Foi uma gratíssima surpresa saborear a multifacetada inspiração, desde o circunstancial ao popular retinto, ao humorístico, ao sarcástico, ao solene e entusiástico, — e sempre equilibrada, oportuna, apostólica. Bravíssimo!

Muito obrigado por se ter lembrado de mim. Com meus respeitosos cumprimentos e especial consideração, P. Amadeu Torres.

- 7 O Dr. Aurélio Fernando Martins Pereira, consagrado poeta e apreciado ensaísta, em «Diário do Minho», de 8/2/1980

LIVROS NOVOS

VERSOS — impostos, pedidos e espontâneos, de P. Linhares

Com o Natal chegara-me em lufada de ar fresco um livro de versos. Trazia uma dedicatória: «ao meu antigo aluno», etc...

São tão raras, hoje em dia, estas publicações que só o simples facto de haver ainda quem se entregue a tarefas deste gabarito espiritual — a poesia traduz as mais profundas emoções do ser humano! — só por isso esta aparição merece uma saudação especial... ... Por outro lado e desaparecidos os mecenas, as edições feitas à custa do próprio autor são quase um suicídio. Só um apaixonado das letras, um apóstolo da beleza, se atreve a arriscar o seu dinheiro em empreendimentos deste tipo como demonstração de uma «reacção» saudável.

Por isso saudamos com entusiasmo quantos destemidamente avançam para as linhas da frente, apostando salutarmente nos valores imortais do espírito.

Por isso saudamos o aparecimento deste novo livro de um «velho-poeta» que pela primeira vez se vem afirmar à luz da publicidade.

O P. Linhares, nosso antigo professor e amante das letras, expõe

a sua juventude e o seu espírito diamantino. Desde os bancos da escola fora sempre um aluno excepcional e prova-o essa mãozada cheia do que ele chama os «poemas-impostos» dos anos 30, os anos da sua adolescência, fazendo versos como quem faz um dever... E também estamos de acordo com ele quando diz que não perdeu o seu tempo:

«Perdi o tempo? Nunca se perdeu

O tempo que a ensinar alguém se deu»...

A publicação vinda agora a lume, no meu entender, é mais um testemunho de poesia do que a pretensão de um lugar ao sol da literatura.

Trata-se, com efeito, de um repositório de tudo quanto escreveu e publicou em épocas diferentes e para fins diferentes. De qualquer forma vale pelo que vale: poemas bem medidos, afirmações teológicas seguras e testemunhos de fé e de amizade.

Livro muito denso e muito longo, repassado aqui e além de uma intenção devocional e desdobramento de si próprio para os demais. O livro vem dedicado aos seus antigos e actuais alunos. Creio que até foi mesmo intenção sua dar-lhes com a presente publicação uma lição mais de fé no futuro. Mais uma aula escrita, muito interessante...

Recebemo-lo, pois, com ufania. Do seu conteúdo poético, para saborear, uma que outra estrofe de sabor bucólico:

*«Mui leve, mansinho,
Sempre a deslizar,
Lá vai o barquinho,
Correndo pró mar...
É fagueira a brisa,
Tão lindo o luar,
E o barco desliza
Sem nunca parar...»*

E esta de sabor cinegético:

*«A pé, caçador, pois o dia não tarda:
Só mais um momento e o sol nascerá;
Ladrou o Maneto, ganiu bem a Parda,
Já salta a Duquesa, saudando a manhã!»*

Como há dias escrevera Amândio César a propósito de um livro de Mons. A. Rocha Martins, também o P. Linhares vem agora enfileirar nessa pléiade de sacerdotes ilustres da Arquidiocese de Braga, oradores, literatos e jornalistas que receberam o impulso e a unção desse que foi um dos maiores Arcebispos, o snr. D. António Bento, prelado culto e bondoso de saudosa memória.

Felicitamos o autor, probo e íntegro amigo, por esta sua estreia e daqui lhe acenamos com o clássico :

«Plus ultra»...

Riba d'Ave, Janeiro/80

Aurélio Fernando

8 O semanário «O CÁVADO», 14-2-80

LIVROS NOVOS

Impostos, Pedidos e Espontâneos, P. Linhares

O título — Impostos — pode levar-nos a supor que se trata de «impostos», de coisas de dinheiro, que temos de pagar, que nos é imposto pelo estado. Por outro lado, a poesia é a linguagem do sonho, da fantasia, da sensibilidade, asa e música, melodia e ritmo, cadência e sonoridade. Dir-se-ia que um título destes poderia induzir o incauto a não abrir o livro para se recrear com as louçanias de estilo, a graça do dizer, a espontaneidade dos poemas, que uns a outros se sucedem, todos eles a marcar a fisionomia intelectual, literária e artística do autor.

Evidentemente que a poesia é, por natureza, espontânea. Nasce. Explode. Brilha. Livre com o vento. Daí que seja muito difícil fazer versos de encomenda. E daí, após termos lido os poemas, estarmos habilitados para elogiar o primor dos trabalhos apresentados, além do mais, precisamente por ter vencido a dificuldade de fazer poemas por encomenda.

Nem admira: espírito ricamente dotado, o autor pode dar-se ao luxo de ultrapassar estas e outras dificuldades bem maiores. Entre elas, destacaremos uma: a de se sentir motivado para cantar as coisas mais díspares, vivendo-as, com elas, para elas tendo uma linguagem imaginada e florida. Ao acaso: «Ó belo rio sereno,/Tão

ameno, / Que estás sempre a cochichar, / Que dizes da tua dona, / Que me ensona / Com seu garrido trajar?» Ou: «Meu pensamento / Num só momento / Lanço ao papel: / Com tal cortejo, / Já antevejo / Novo quartel». Ou ainda: «Jesus vai morrer. Do seu fadário / O termo se aproxima desejado. / Do crime, da baixeza, do pecado / A seus benditos pés, o vil sudário».

Três temas, três estilos, a mesma facilidade de expressão e de vida artística. E não é assim tão fácil saltar do bailarico do estilo à orquestra sinfónica da tragédia ou da epopeia. Que mais não houvesse — mas há... .. isto só bastaria para dar o devido relevo ao autor.

Felicitamo-lo pela estreia e gostaríamos de o ver afoitar-se a estes novos caminhos da Arte e da Beleza.

9 O Dr. José Ferreira Gomes, ilustre advogado barcelense, radicado em Lisboa, em carta de 25-4-80

Meu caro Padre Linhares

Venho agradecer-lhe o seu livro «VERSOS» e felicitá-lo ao mesmo tempo. Já li quase tudo. E gostei muito. Apreciei a variedade dos motivos e o estro do autor, que se nota sempre presente, qualquer que seja o tema.

Outra coisa que apreciei em si é o cunho religioso, também sempre presente. Poder-se-ia pensar que, por ser padre, não era de esperar outra coisa. Mas isto seria demasiada estreiteza... O meu amigo tem uma centelha indiscutível. Tem igualmente uma versatilidade notável. É bom em Filosofia, em Matemática, em Música, em Português... E, nestas condições... ..

Um abraço do Ferreira Gomes

10 O «Notícias de Famalicão», de 25 de Abril de 1980

Versos impostos, pedidos e espontâneos, Por P. Linhares

O autor deste livro de versos, há tempos na nossa secretária aguardando uma atenta leitura, foi dos alunos mais distintos do Seminário de Braga, de 1932-43. Professor dos Seminários, pároco e também professor do ensino secundário, ao longo de toda esta vivência,

cultivou a poesia, ora por imposição dos superiores, e solicitação de amigos e instituições e ou ainda espontaneamente, quando a inspiração lhe surgia. Estão agora todos coligidos num volume que temos em mão.

No tocante à rubrica «versos pedidos», a variedade é grande, pois as solicitações sempre muitas e propícias para se dar larga à inspiração e aproveitar oportunidades para deliciar os leitores, as assembleias às quais são dirigidas e as cerimónias que deles se aproveitam.

Um abraço de parabéns ao autor e que a inspiração e arte de bem escrever lhe não feneça, são os nossos votos.

11 O «Jornal de Barcelos», de 1-5-80

LIVROS NOVOS

P. Linhares, Versos impostos, pedidos e espontâneos.

Barcelos, 1979

Estão de parabéns as Letras barcelenses, com a publicação deste volume de mais de 200 páginas.

Quem o assina é um talentoso professor e esmerado cultor da nossa língua, hoje, coitadinha, tantas vezes malferida a tratos de polé (veja-se, a propósito, a pág. 115: «*Pretoguês* na TV»).

Uma qualidade destes *Versos* é a sua clareza; e sublinho-a, porque estamos cheios de ler versos herméticos, que melhor seria terem ficado na gaveta.

Terá o Autor sido menos poeta por se haver sujeitado às exigências da métrica e da rima? Creio que não: o seu domínio da gramática e do vocabulário permitiram-lhe vencer a dificuldade, que tantos rimadores não superam.

Claro que nem tudo, nestes *Versos*, é igualmente «espontâneo» (disso nos dá conta o próprio Autor, no título). Mas há que não acen-tuar muito essa relativa falta de espontaneidade: mesmo nos *versos* «impostos» ou «pedidos», brilha a vivência própria do Autor, a sua maneira de estar no mundo, e de o pensar e sentir. Aquela vivência, ou esta maneira, é, além disso, rica e variada: tanto se pronuncia em estrofes doutriniais ou de inspiração religiosa, cívica, etc., como em «desabafos de momento» (pág. 124), que vão da celebração ou come-

moração de datas ou acontecimentos (individuais ou outros) a comentários, inclusive críticos e sadiamente irónicos. Um exemplo (pág. 146):

«Fazer anos só tem graça,
Se a graça de Deus se tem.
Vai-se o tempo e tudo passa,
Só o céu espera além».

Sem pretender uma exaustiva análise da obra, acrescentarei que esta ficará para o futuro como um documento, não só para a história pessoal do Autor (as composições, das quais só a última não é datada, vão de 1935 a 1979), mas também para a história de diferentes localidades, instituições e situações, sobretudo do concelho de Barcelos.

Em grande parte já aparecidos em vários jornais, muito especialmente no *Jornal de Barcelos*, os *Versos* de P. Linhares receberam, mesmo antes de agora serem reunidos em volume, uma invejável consagração: muitos foram já musicados por notáveis compositores.

Estão, pois, de parabéns as Letras barcelenses e o apreciado colaborador do *Jornal de Barcelos*.

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

(os números são os dos «cantinhos»)

amor e 10 palavras com as mesmas letras	1-2
antediluviano, não antediluviano	64
antónimos	52
Barcelinenses ou Barcelinhenses?	77 a 79
«bater em alguém com a mão» (substantivos com que se pode exprimir esta ideia)	10 a 13, 16 a 18, 22, 28, 32, 39
bebedeira e seus sinónimos	28 a 32, 38
Belém e sua ortografia	77
capicuas de palavras	8 a 10
cardinais e ordinais (seu emprego)	61
carta do Dr. Neves Henriques	10
cavilha e suas formas divergentes	7, 10, 97
cognatas (palavras)	44, 100
colectivos	46 a 50
comuns de dois, sobrecomuns e epicenos (substantivos)	80
convergentes (formas)	26, 88
Corgas	91
cretino e sua evolução semântica	90
defectivos (verbos)	34
desinência da 2. ^a pessoa do singular do pretérito perf. do indicativo	53, 72-73
desinências dos perfeitos e imperfeitos (confusão entre —)	32, 53
despercebido, não despercebido	64
divergentes	2-3, 5 a 8, 17, 23 a 26, 58, 62, 68, 71, 82, 85 a 99
entretenimentos de Português	1, 26
enxerga e sua pronúncia	21
erros de Gramática	21-22, 32-33, 40, 44-45, 61 a 63, 66
Esposende, não Espozende	69-70
etimologias de significado curioso	55 a 60
faixa de rodagem, não faixa de rolagem	64
feminino dos nomes terminados em <i>ão</i>	81 a 84
fluxo e suas formas divergentes	7, 10
folhelho e suas formas divergentes	26
formas de tratamento	32, 43, 54
fregueses e sua evolução semântica	75-76

galicismos	17, 25, 32, 45, 61, 63, 65, 72, 77
gentílicos e sua formação	78
hipértese.	8
homógrafas (palavras)	14, 16, 53
homónimas (palavras)	26, 52
inculpado, no sentido de «implicado»	14-15, 17
«isar» e «izar» (terminações em —)	74
letras (11 palavras com as mesmas 5 —)	3 a 5
maior e suas formas divergentes	1-2
majestático (plural)	42 a 44, 47, 53
marginado ou marginalizado?	73-74
onomatopaicas (palavras).	36
paçal ou passal?	67
pancadaria e seus sinónimos	12, 14 a 18, 28, 32, 39
parónimas (palavras)	22, 27, 52, 64
Perosinho ou Perozinho?	84
pontuação e sua importância	4, 18-19, 33
poucachinho, não poucochinho	64
prosódia	19 a 23, 27, 41, 44, 53-54, 59, 61, 66, 70
puser e quizer, não puzer e quizer	73
Raquel (ortografia oficial)	77
repreensão e seus sinónimos	39 a 42, 45
Roiz?	76
sacerdotes e prosódia	27, 53, 55
Sant'Iago, Santiago ou S. Tiago?	70-71
sincréticas (formas).	25, 86, 100
sinónimos.	52
substantivos <i>próprios</i>	51-52
supletivismo.	82
TV e Português	23, 32, 38, 41, 44, 53-54, 59, 61-62, 70, 94, 99
varoa	80 a 82
vozes de animais	33 a 37
y e seu emprego	67-68

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALMEIDA, João
Gramática Portuguesa. Para uso nas escolas comerciais e industriais
- ALMEIDA, Mgr. Joaquim Ribeiro de
Gramática Portuguesa Elementar
- BARBOSA, Jerónimo Soares
Grammatica Philosophica, Lisboa, 1875
- BARROS, Tomás de
Gramática Portuguesa
- BIVAR, Artur
Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa, Porto, 1958
- BRAGANÇA, António
Noções Elementares de Português Fundamental
- BRANCO, António
Gramática da Língua Portuguesa
- BRANCO, M. Bernardes
Dicionário Português-Latino, Lisboa, 1897
- BROU, Francisco Pedro
Lexicon Latino-Portuguez, Porto, 1890
- BRUNSWICK, Henrique
Novo Dicionario Ilustrado da Lingua Portuguesa
- CAMARA JR, J. Mattoso
Princípios de Linguística Geral, Rio de Janeiro, 1959
- CARDOSO JÚNIOR, F. J.
Em prol da Língua Portuguesa, Como falar... Como escrever...
- CARNEIRO, Joaquim
Exercícios Práticos de Língua Portuguesa, Braga, 1894
- CARNEIRO, Pinto
Gramática Portuguesa, Coimbra, 1946
- CARVALHO, António José de e João de Deus
Diccionario Prosodico de Portugal e Brazil, 1895
- CASTRO, Pires de
Lições Práticas de Português, Curso Completo da Língua Pátria

- CHORÃO, Prof. J. R. Fidalgo
Gramática Portuguesa Para a 3.^a e 4.^a classe do Ensino Primário e exame de admissão aos liceus e escolas técnicas
- COSTA, Alexandre de Carvalho
Reflexões Etimológicas
- COSTA, J. Almeida e A. Sampaio e Melo
Dicionário de Português, Porto
- FERNANDES, I. Xavier
Topónimos e Gentílicos
- FERREIRA, A. Gomes — J. Nunes de Figueiredo
Gramática Elementar da Língua Portuguesa
- FERREIRA, Manuel José
Magnum Lexicon Novissimum Latinum et Lusitanum, Parisiis, 1849
- FIGUEIREDO, Cândido de
Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, 1940
- FIGUEIREDO, J. M. Nunes de e A. Gomes Ferreira
Gramática Portuguesa, Curso Geral de Ensino Secundário
- FIGUEIREDO, José Nunes e António Gomes Ferreira
Compêndio de Gramática Portuguesa, 2.º Ciclo do Ensino Liceal
- FONSECA, José da
Diccionario da Língua Portuguesa, feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado por J.-I. Roquete
- FONSECA, José da
Novo Diccionario Francez-Portuguez, 1900
- FONSECA, Pedro José da
Diccionario Portuguez e Latino, Lisboa, 1823
- GOMES, Adriano A. e José Nunes de Figueiredo
Elementos de Gramática Portuguesa
- GOMES, A.
Lições Práticas de Gramática Portuguesa Para uso dos alunos do Ensino Liceal e Ensino Técnico
- KURY, Adriano da Gama
Português Básico
- LAPA, Albino
Dicionário de Calão

- LAROUSSE, Petit
Dictionnaire Encyclopédique pour tous, 1964
- MACEDO, Matheus de e Emílio Meneses
Gramática de Língua Portuguesa, do Ensino Liceal e Técnico
- MACHADO, José Pedro
Dicionário de Dúvidas e Dificuldades da Língua Portuguesa
Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa
Dicionário da Língua Portuguesa, Lisboa, 1960
- MACHADO, Ulysses
A Grammatica Portuguesa, Lisboa, 1897
- MELO, A. de Sampaio e
Prontuário Ortográfico da Língua Portuguesa
- MOTA, Otoniel
Lições de Português, São Paulo, 1941
- NASCENTES, Antenor
Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 1932
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá
Curso de Filologia Portuguesa, 1.^a parte, Noções Gerais e Fonética Histórica, 1932
Dicionário de Erros e Problemas da Linguagem, Lisboa, 1974
- NUNES, José Joaquim
Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia) Lisboa, 1956
- OS DICIONÁRIOS DO POVO
Dicionário Francês-Português Etimológico Prosódico e Ortográfico
- PI REIRA, Eduardo Carlos
Gramática Espositiva, São Paulo
Grammatica Historica, 1937
- PIMENTA, Romeu
Gramática Para o Ensino da Língua Materna, Porto
- PIMPÃO, Álvaro J. da Costa e J. Nunes de Figueiredo
Gramática Portuguesa Elementar
- «PROGREDIOR» (Colecção Escolar)
Gramática Ensino Primário Elementar, 1930
- REINA, Prof. Luís
A Gramática da 3.^a classe, Porto, 1962
- RIBEIRO, Júlio
Grammatica Portugueza, Brasil, 1913

ROBERTO, Xavier

Elementos de Gramática da Linguagem Portuguesa, Lisboa, 1957

ROQUETE, Fonseca y

Diccionario dos Synonymos da Lingua Portugueza

SAMPAIO, José Salgado-Luís Manuel da Silva Marques-Orlando Pinto Baptista,

Elementos de Gramática Portuguesa

SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins

Gramática Histórica da Língua Portuguesa, Lisboa, 1946

Gramática de Português, Ensino Liceal, 2.º Ciclo dos Liceus

SILVA, Fernando José da

Gramática da Língua Portuguesa, 1963

SILVEIRA, Sousa da

Lições de Português, Rio de Janeiro, 1960

TAVARES, José Pereira

Gramática Elementar de Português, Lisboa, 1937

Gramática Portuguesa, 2.º Ciclo dos Liceus, Coimbra, 1957

TELLES, Padre Bruno

Grammatica Elementar da Lingua Portugueza, Porto, 1910

TORRINHA, Francisco

Gramática Portuguesa, 3.ª edição, 1935

Gramática Portuguesa 7.ª edição, 1946

Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, Porto, 1931

VASCONCELOS, António Garcia Ribeiro de

Grammatica Portugueza Para uso do Curso dos Lyceus

VASCONCELOS, José Leite de

Lições de Filologia Portuguesa, 1959

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO RESUMIDO DA LÍNGUA PORTUGUESA, Academia das Ciências de Lisboa, 1947

ÍNDICE GERAL

(Os números à esquerda são os dos «cantinhos»)

Dedicatória	5
À laia de explicação	7
Prefácio do Doutor Amadeu Rodrigues Torres (Castro Gil):	
TEORIA E PRÁTICA DA LÍNGUA	9
1 Cantinho de Português: objectivo	13
2 A palavra AMOR e mais 10 palavras com as mesmas letras	14
3 Que são formas divergentes? — As formas divergentes de MAIOR	15
4-5 A palavra SALVE! e mais dez com as mesmas cinco letras	16
6 Algumas formas divergentes.	18
7 FLUX e CAVILHA e suas formas divergentes	19
8 Mais formas divergentes	21
9 Capicuas de palavras	22
10 Incentivo do Dr. José Neves Henriques — Capicuas de palavras	23
11-13 Substantivos com que se pode exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão»	25
14 Sinónimos de <i>pancadaria</i>	30
15 <i>Inculcado</i> no sentido de <i>implicado</i> — Sinónimos de <i>pancadaria</i>	31
16 Substantivos com que se pode exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão» — Sinónimos de <i>pancadaria</i>	33
17 <i>Inculcado?</i> — Substantivos com que se pode exprimir a ideia de «bater de bater em alguém com a mão» — Sinónimos de <i>pancadaria</i>	34
18 Substantivos com que se pode exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão» — Importância da pontuação	36
19 Importância da pontuação	38
20-21 Questões de Prosódia.	40
22 Substantivos com que se pode exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão» — Erros de Prosódia e outros	43
23 A RTP e a Prosódia	44
24 Mais formas divergentes	46
25 Galicismos — Formas divergentes — Palavras sincréticas	47
26 <i>Fonelho</i> e suas formas divergentes — Formas convergentes — Chaves e as suas «armas»	49
27 <i>Enxerga</i> e sua pronúncia — Palavras incorrectamente pronunciadas nas igrejas	50
28-31 Sinónimos de <i>bebedeira</i>	52
32 Sinónimos de <i>bebedeira</i> — Sinónimos de <i>pancadaria</i> — Palavras com que se pode exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão» — Atentados contra a Língua Portuguesa na RTP	57

33	Vírgulas, acentos e harmonia musical — Particípios e seu emprego . . .	59
34	Verbos defectivos — Vozes de animais	61
35-37	Vozes de animais	62
38	Infinitivo pessoal e impessoal — Sinónimos de <i>bebedeira</i>	67
39	Substantivos com que se pode exprimir a ideia de «bater em alguém com a mão» — Sinónimos de <i>pancadaria</i> e de <i>repreensão</i>	69
40	Sinónimos de <i>repreensão</i>	70
41	A Prosódia na RTP — Sinónimos de <i>repreensão</i>	72
42	Sinónimos de <i>repreensão</i> — Formas de tratamento	73
43	Formas de tratamento — Plural majestático	75
44	Plural majestático — Palavras cognatas — Português na RTP	76
45	Sinónimos de <i>repreensão</i> — <i>Camuflar</i> e <i>impasse</i>	78
46-50	Substantivos colectivos	79
51	Substantivos próprios	88
52	Substantivos próprios — Sinónimos e antónimos, homónimos e parónimos	90
53	Prosódia nas igrejas — Desinências da 2. ^a pessoa dos pret. perfeitos e imperfeitos	91
54	Prosódia na RTP — Formas de tratamento	93
55	Etimologias curiosas: música	94
56	Continuação: fascismo, proletariado, proletário, classe, clássico, professor, profano, prosa, prostituir	96
57	Continuação: verso, fanático, assassino, escola, liceu	98
58	Continuação: rameira, estafermo, enfermo, férias	99
59	Continuação: academia, diploma	100
60	Continuação: pasquim, patavina, escolástica	102
61	RTP e seus dislates	103
62	Erros de linguagem — Preia-mar — <i>Tal qual</i> , não <i>tal e qual</i>	105
63	Mais erros de linguagem	106
64	Outros erros de linguagem: <i>despercebido</i> , não <i>desapercebido</i> ; <i>saciedade</i> , não <i>sociedade</i> ; <i>antediluviano</i> , não <i>antidiluviano</i>	108
65	Prefixos e hífen	109
66	Erros de linguagem	110
67	Passal ou paçal?	112
68	O y e seu emprego	114
69-70	<i>Esposende</i> , não <i>Espozende</i>	115
71	Sant'Iago, Santiago ou S. Tiago?	118
72	Desinência da 2. ^a pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo	120
73	Camarada — <i>Puser</i> e <i>quiser</i> , não <i>puzer</i> e <i>quizer</i>	122
74	Terminações em <i>isar</i> e <i>izar</i> — <i>Marginado</i> ou <i>marginalizado</i> ?	123

75	<i>Fregueses</i> e sua evolução semântica	125
76	Continuação — Roiz?	127
77	Belém e Raquel	128
78	Barcelinhenses ou Barcelinenses? — Gentílicos.	130
79	Barcelinenses ou Barcelinhenses?	132
80	Cacofonia — Bebé — Substantivos uniformes	133
81	Varoa? — Feminino dos nomes terminados em <i>ão</i>	135
82	Continuação — Supletivismo	136
83-84	Lista de nomes terminados em <i>ão</i> , com seus femininos	138
85	Palavras divergentes: definição e divisão	141
86	Sincretismo — Formas divergentes	143
87-89	Formas divergentes	144
90	<i>Cretino</i> e sua evolução semântica — Formas divergentes	148
91-94	Formas divergentes	149
95	Nova fouçada no Latim — Formas divergentes	155
96-98	Formas divergentes	156
99	Casa de banho? — Formas divergentes	161
100	Formas sincréticas — Palavras cognatas	163
	O que OUTROS disseram de VERSOS: IMPOSTOS, PEDIDOS E ESPONTÂNEOS, do mesmo autor	165
	Índice das matérias	175
	Notícia bibliográfica	177
	Índice geral	181

Do mesmo Autor:

**VERSOS:
IMPOSTOS, PEDIDOS
E
ESPONTÂNEOS
1979**

biblioteca
municipal
barcelos



14110

Entretenimentos de português